

EDUPLURIVERSÊNCIA

CONTOS DE EXISTIR, RESISTIR E REEXISTIR

Organizador:
Josimar Soares da Silva

Volume 3



EDITORA NOVUS
LIVROS ACADÊMICOS

Organizador:
Josimar Soares da Silva

EDUPLURIVERSÊNCIA

contos de existir, resistir e reexistir

Volume 3

1ª EDIÇÃO

EDITORA NOVUS
LIVROS ACADÊMICOS

SÃO LUÍS - 2026

EDITORA NOVUS
SÃO LUÍS - MA - 2026
WWW.EDITORANOVUS.COM.BR EDITORANOVUS@GMAIL.COM

Diagramação e Edição
Eduardo Mendonça Pinheiro
Edição de Arte
Eduardo Mendonça Pinheiro
Normalização
José Marcelino Nascimento Veiga Júnior

Conteudista
Autores © 2026
Organizadores
Josimar Soares da Silva

© 2026 Copyright – Direitos reservados. A Editora Novus é detentora dos direitos autorais relativos à edição, diagramação e ao projeto gráfico da presente obra. Os autores permanecem titulares dos direitos autorais de seus respectivos textos. Esta publicação está licenciada sob a Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0), permitindo a reprodução, o download e o compartilhamento total ou parcial do conteúdo, desde que a fonte seja devidamente citada, com atribuição obrigatória de autoria, e que a obra seja disponibilizada exclusivamente em Acesso Aberto (Open Access). Não é permitida qualquer forma de alteração, adaptação ou modificação do conteúdo, bem como sua disponibilização em plataformas de acesso restrito ou com finalidade comercial.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586e

Edupluriversência: contos de existir, resistir e reexistir. / organizador: Josimar Soares da Silva – São Luís: Editora Novus, 2026.

103 f.: il. color. v. 3.
Publicação digital (e-book) no formato PDF

ISBN: 978-65-84364-96-7
DOI: 10.29327/5966819

1. Educação Inclusiva. 2. Pessoas com Deficiência. 3. Acessibilidade. 4. Capacitismo. 5. Diversidade Humana. I. Silva, Josimar Soares da Silva. II. Título.

CDU: 376.1

Elaborado por José Marcelino Nascimento Veiga Júnior – CRB 13/320

CONSELHO EDITORIAL

Drª Anali Linhares Lima
M.Sc. Alan Jeffeson Lima de Moraes
Dr. André Leonardo Demaison Medeiros Maia
Drª Anna Christina Sanazario de Oliveira
Drª Aurea Maria Barbosa de Sousa
Drª Camila Pinheiro Nobre
Dr. Claudio Alves Benassi
Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua
Drª Claudiene Diniz da Silva
Dr. Diogo Guagliardo Neves
M.Sc. Eduardo Oliveira Pereira
Drª Elba Pereira Chaves
Dr. Elmo de Sena Ferreira Junior
M.Sc. Érica Mendonça Pinheiro
Dr. Fabio Antonio da Silva Arruda
M.Sc. Fernanda Tabita Barroso Zeidan
Dr. George Alberto da Silva Dias
Drª Gerbeli de Mattos Salgado Mochel
Drª Giselle Cutrim de Oliveira Santos
Drª Herlane de Olinda Vieira Barros
Drª Ivete Furtado Ribeiro Caldas
M.Sc. José Carlos Durans Pinheiro
M.Sc. Josiney Farias de Araújo
M.Sc. Julianno Pizzano Ayoub
Dr. Leonardo França da Silva
M.Sc. Lucianna Serfaty de Holanda
Drª Luciara Bilhalva Corrêa
Drª Luana Martins Cantanhede
Drª Maria Raimunda Chagas Silva
Drª Marina Bezerra Figueiredo
Drª Michela Costa Batista
Dr. Moisés dos Santos Rocha
Drª Priscila Xavier de Araújo
M.Sc. Ramaiany Carneiro Mesquita
Drª Rita de Cássia Silva de Oliveira
M.Sc. Rosany Maria Cunha Aranha
Dr. Saulo José Figueiredo Mendes
Drª Samantha Ariadne Alves de Freitas
Drª Sandra Imaculada Moreira Neto
M.Sc. Shirley Ribeiro Carvalho
Drª Sinara de Fátima Freire dos Santos
M.Sc. Tatiana Mendes Bacellar
Drª Thais Roseli Corrêa
Drª Thalita Karolline de Queiroz Pereira
M.Sc. Victor Crespo de Oliveira
Dr. Wellinton de Assunção
Dr. William de Jesus Ericeira Mochel Filho

Acesse www.editoranovus.com.br/corpo-editorial-2/ para conhecer os membros do Corpo Editorial

Parecer editorial e avaliação por pares
Os trabalhos que integram esta obra foram submetidos à apreciação do Conselho Editorial da Editora Novus e avaliados por pareceristas externos, por meio do sistema de revisão por pares (peer review), tendo sido considerados aptos para publicação.

Nota editorial: Trata-se de uma produção de caráter independente, na qual os direitos autorais permanecem sob a titularidade de seus respectivos autores. Eventualmente, alguns textos podem apresentar desdobramentos de pesquisas, comunicações ou trabalhos acadêmicos previamente apresentados ou defendidos, cabendo aos autores a observância rigorosa das boas práticas acadêmicas, especialmente no que se refere à prevenção do autoplágio. O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos autores, não refletindo, necessariamente, o posicionamento da Editora Novus, dos organizadores, dos revisores ou dos membros do Conselho Editorial.

PREFÁCIO

Existir, resistir e reexistir: narrativas de uma educação plural

Há livros que nos oferecem histórias. Outros, nos oferecem encontros. *Edupluriversência: contos de existir, resistir e reexistir – Volume III* faz as duas coisas: reúne narrativas e, por meio delas, coloca-nos diante de diferentes corpos, sentidos, linguagens, subjetividades, sonhos, medos e maneiras de habitar o mundo.

Produzidos por estudantes do Curso Técnico em Agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – Campus São João do Piauí, os contos desta coletânea nasceram de uma experiência pedagógica com a escrita literária voltada à inclusão e à diversidade. Não são apenas exercícios escolares transformados em livro. Constituem registros de uma experiência educativa na qual escrever significou imaginar-se no lugar de outras existências, construir personagens, elaborar conflitos e perguntar, por intermédio da ficção, o que significa pertencer. É nesse horizonte que a palavra Edupluriversência encontra sua razão de existir: educar reconhecendo a pluralidade das formas de aprender, perceber, comunicar, sentir, criar, resistir e reexistir. Nenhuma experiência humana pode ser transformada em medida universal das demais. Há muitos corpos, muitos ritmos, muitas linguagens e muitas formas de conhecer o mundo. Os trinta contos reunidos neste volume, tornam essa pluralidade narrativa.

Em “O ritmo que não cabia no ouvido”, de Loara Cristiny Maciel Rodrigues, Moisés, jovem surdo, deseja participar de uma apresentação de dança. O conto desfaz a associação automática entre música e audição — o protagonista percebe o ritmo pelas vibrações, pelos movimentos e pelos sinais visuais compartilhados com os colegas. Quando o som para durante a apresentação e Moisés continua dançando, é justamente aquele cuja capacidade havia sido questionada que ajuda o grupo a encontrar outro caminho. A inclusão revela-se, assim, como participação verdadeira.

Em “Além das barreiras!”, de Damares Carvalho de Sá, Júlia utiliza cadeira de rodas e deseja participar de um concurso de desenhos cujo tema é, significativamente, “A escola que eu quero”. Entretanto, a própria escola coloca diante dela uma barreira — a sala da exposição fica no segundo andar e o elevador está quebrado. A narrativa evidencia uma ideia que reaparecerá em diferentes momentos da coletânea — muitas limitações não estão nos sujeitos, mas nos espaços que ainda não foram construídos para acolher a diversidade.

Em “A trilha da redenção”, de João Felipe de Castro Vieira, Lucas torna-se cadeirante depois de um acidente e reencontra no rally a possibilidade de experimentar a aventura. Quando é impedido de competir por utilizar um veículo adaptado, transforma a exclusão em iniciativa — organiza seu próprio rally e participa da adaptação de veículos. A redenção anunciada no título não é o retorno a uma vida anterior, mas a construção de uma nova possibilidade de existência.

No universo esportivo de “O avesso do som”, de Ruan dos Santos Cavalcante, outro Lucas, surdo desde o nascimento, lê a quadra de vôlei por movimentos, vibrações, expressões corporais e sinais construídos com seus companheiros. Aquilo que inicialmente é percebido pelos outros como ausência converte-se em

outra forma de leitura do jogo. O silêncio não é vazio — contém informações que o corpo aprendeu a perceber.

Em “Benjamin: além da escuridão”, de Heyllany de Lima, Benjamin, cego, conhece o mundo pelo tato, pela audição, pelos cheiros, pelos sabores e pelo Braille. Entretanto, a barreira mais dolorosa que enfrenta não é sensorial — é afetiva, manifestada inicialmente pela dificuldade do próprio pai em compreender sua deficiência. A narrativa lembra que inclusão começa também dentro das relações familiares e que nenhuma diferença deveria diminuir o direito de alguém ao amor e ao pertencimento.

“A minha própria voz”, de Kiara Ribeiro Alves, traz Marina, jovem cega apaixonada pela escrita. Quando sua autoria é colocada sob suspeita porque utiliza recursos de acessibilidade, a personagem confronta uma concepção equivocada que confunde tecnologia assistiva com incapacidade. Ao vencer um concurso de redação e assumir a palavra diante do público, Marina conquista algo ainda maior que um prêmio — o direito de ser reconhecida como autora de sua própria história.

Em “O caminho que aprendi a andar”, de Walisson Coelho Ribeiro, Lucas perdeu uma perna e utiliza uma prótese. Seu conflito ultrapassa as dificuldades físicas — ele enfrenta olhares, comentários, expectativas reduzidas e a constante tentativa de outras pessoas de decidir antecipadamente aquilo que pode ou não realizar. Ao completar uma caminhada, compreende que não precisa percorrer o mundo na mesma velocidade nem da mesma maneira que os outros. Há dignidade também no próprio ritmo.

“Meus sentidos sobre o mundo”, de Lucimara Cordeiro dos Santos Vera, apresenta Pedro e sua experiência como adolescente autista. Sons intensos, alterações de rotina, contatos físicos inesperados e ambientes desconhecidos assumem dimensões que outras pessoas nem sempre compreendem. A narrativa aproxima o leitor de outra experiência sensorial e reafirma — um mundo percebido de maneira diferente não é um mundo inferior.

Em “Entre o que eu era e o que ainda quero ser”, de Maria Eduarda Dias Araújo, Angeline, diagnosticada com ataxia de Friedreich, deseja tornar-se escritora. Perdas familiares, limitações progressivas, dependência e uma profunda quebra de confiança atravessam sua trajetória. Contudo, o caderno permanece. Ao voltar a escrever, ainda que sua mão trema, Angeline percebe que sua história não terminou. Reexistir, nesse conto, significa abrir uma nova página quando tudo parecia encerrado.

Em “A melodia de Sandriel”, de Carlos Daniel de Lima Sousa, encontramos Sandriel, jovem cego de nascença e com paralisia parcial em uma das mãos. Quando seu teclado adaptado quebra pouco antes de uma apresentação, a improvisação de um violão e a colaboração de Elie permitem que ele crie uma linguagem musical inesperada. A adaptação não devolve simplesmente aquilo que foi perdido — produz algo novo.

“Ter amigos faz diferença”, de Antônio Marcos Alves da Silva, coloca a amizade no centro da reconstrução de uma trajetória esportiva. Depois de um acidente durante uma escalada e da perda de uma perna, o protagonista acredita que não poderá voltar a correr. O apoio dos amigos, o acesso a uma prótese e a posterior abertura do clube aos esportes adaptados, transformam uma experiência individual em mudança coletiva.

Em “Além dos limites”, de Marcos Almeida de Carvalho, Lucas, usuário de cadeira de rodas, deseja participar de uma competição esportiva escolar. Antes mesmo de tentar, sua capacidade é questionada. O conto mostra que o preconceito frequentemente funciona como uma linha de chegada colocada antes mesmo da largada. Ao participar, Lucas não reivindica tratamento excepcional — reivindica o direito de tentar.

“A última página”, de Bruna Alexandra Lopez, apresenta Hanna, adolescente que utiliza aparelho auditivo e encontra na escrita um espaço privilegiado para organizar pensamentos, emoções e experiências. O caderno e suas páginas assumem importância simbólica — escrever significa construir uma linguagem para aquilo que nem sempre consegue ser dito de outra forma.

Em “Do meu jeito”, de Marcelo Rodrigues de Sousa Júnior, a coletânea volta a uma de suas questões fundamentais — não é necessário realizar uma experiência exatamente como os outros para que ela seja legítima. O próprio título sintetiza uma reivindicação que atravessa este volume — o direito de fazer, aprender, comunicar-se e existir segundo possibilidades próprias.

A narrativa, “Através dos Olhos”, de Letícia Gomes Ferreira, que aparece na sequência da coletânea, acrescenta outra perspectiva a esse mosaico, reforçando como os sujeitos dessas histórias precisam constantemente negociar espaços que nem sempre foram concebidos para recebê-los.

Em “Gael: o caminho não tem barreiras”, de Elzimar Batista da Silva Júnior, o espaço e o deslocamento novamente se tornam metáforas importantes. Caminhos podem conter obstáculos físicos, mas também podem carregar barreiras construídas pelos olhares e expectativas sociais. Gael inscreve-se nessa galeria de personagens que recusam ter seus percursos definidos antecipadamente pelos outros.

“O dia que eu não desisti”, de Wingrid Teixeira de Oliveira, apresenta João, jovem com deficiência em uma das pernas que decide acompanhar os amigos numa trilha. Pedras, subidas e passagens estreitas tornam o caminho difícil, mas o conflito mais profundo é o medo de tornar-se um peso para os outros. Ao continuar, João reivindica inclusive o direito de tentar, cansar-se, receber apoio e construir seu próprio modo de chegar.

Em “A porta misteriosa”, de João Raffael Araújo Rodrigues, a narrativa amplia o repertório ficcional da coletânea e introduz o desconhecido como possibilidade de descoberta. A imagem da porta pode ser lida como passagem — atravessá-la significa confrontar aquilo que ainda não se conhece e descobrir outras possibilidades de experiência.

“O lugar onde eu pertenço”, de Felipe Araújo, coloca no centro da narrativa uma palavra decisiva para qualquer discussão sobre inclusão — pertencimento. Não basta estar fisicamente em determinado ambiente. Pertencer significa reconhecer-se nele, participar, estabelecer relações e não precisar justificar permanentemente a própria presença.

Essa mesma discussão ressoa em “O lugar que era de todos”, de Clara Beatriz Ribeiro Costa, o título contém uma provocação importante — quando afirmamos que um espaço pertence a todos, precisamos perguntar se todas as pessoas efetivamente conseguem acessá-lo, utilizá-lo e participar daquilo que nele acontece. A inclusão deixa, assim, de ser promessa abstrata e passa a exigir con-

dições concretas.

Em “Através do meu Silêncio”, de Yasmin da Silva Oliveira, a ideia de voz ultrapassa a oralidade. Ter voz significa ter autoria, poder manifestar desejos, estabelecer escolhas e ser reconhecido como sujeito. Em uma coletânea atravessada por Libras, tecnologias assistivas, escrita, gestos e diferentes modos de comunicação, falar nunca se limita à emissão sonora.

“O mundo que eu enquadro”, de Pedro Ribeiro de Almeida, apresenta Davi, adolescente com mielomeningocele, usuário de cadeira de rodas e apaixonado por fotografia. Há uma inversão particularmente bonita nesse conto — aquele que tantas vezes é “enquadrado” socialmente por sua cadeira torna-se justamente aquele que enquadra o mundo pela câmera. Seu ponto de vista — inclusive espacialmente diferente — permite perceber detalhes que outros olhares deixam escapar.

Em “Além do silêncio”, de Gabriela Coelho de Sousa, Lucas Monteiro é surdo e se comunica principalmente por Libras. Apaixonado por fotografia, deseja participar de um concurso, mas a organização não disponibiliza intérprete para a apresentação oral exigida pelo regulamento. Com o apoio de Mariane, Lucas apresenta seu trabalho e transforma o palco em denúncia da falta de acessibilidade. Ao final, o auditório responde com aplausos em Libras. A cena sintetiza uma das maiores potências deste livro — quando o ambiente aprende outra linguagem, aquilo que antes era entendido como silêncio torna-se comunicação.

Outro “Além dos limites”, desta vez de Gabriel Barbosa de Lavor, apresenta João, cuja deficiência afeta seus movimentos. O personagem recorda dificuldades vividas desde a infância e sua participação em uma competição esportiva. Ao longo da narrativa, aprende a deslocar o olhar daquilo que não consegue fazer para as conquistas que constrói. A deficiência permanece parte de sua existência, mas deixa de funcionar como definição total de sua identidade.

Em “Márcia e Marciano: dois caminhos, uma só história”, de Melkisedec Leite Silva, a coletânea assume uma dimensão profundamente afetiva. Marciano narra sua relação com a irmã gêmea, Márcia, e recorda os caminhos percorridos para estudar, aprender a ler e escrever e construir autonomia. Entre cuidado, dependência, conflitos e companheirismo, ele reivindica o direito de não ser resumido à condição de cadeirante — é irmão, amigo, estudante, alguém que gosta de cantar, conversar, brincar e viver.

O conto apresentado como “Além do que os Olhos Veem”, de Arthur de Sousa Vieira, acompanha Pedro, jovem com deficiência visual que perdeu a visão ainda criança. Apaixonado por música e violão, ele enfrenta atitudes que confundem cegueira com incapacidade e encontra barreiras para participar de uma atividade cultural. Ao reivindicar adaptações, contribui para que a própria escola reconheça obstáculos que antes permaneciam invisíveis. A transformação do espaço torna-se, portanto, aprendizagem institucional.

“A corrida”, de Felipe Gabriel Amorim Cavalcante, apresenta outro Lucas, usuário de cadeira de rodas desde um acidente ocorrido na infância. Nas aulas de Educação Física, ele é constantemente dispensado pelo professor, como se protegê-lo significasse excluí-lo. Quando finalmente participa de uma corrida, o acontecimento pode parecer pequeno para os outros, mas possui enorme significado para ele — por alguns instantes, deixa de ser visto como “o menino da cadeira” e pode simplesmente ser Lucas, estudante que participou da atividade

com os demais.

"O som da esperança", de Isaías Eduardo Coelho Mota, encerra o volume deslocando a discussão para uma das experiências históricas mais traumáticas do século XX. Elias Rosen, jovem judeu com deficiência visual, vivencia a perseguição nazista, o gueto, a deportação, as perdas e o Holocausto. Aquilo que ele não pode perceber pelos olhos é reconhecido pelos sons: passos, vozes, trens, respirações e silêncios. Sobrevivente, Elias transforma memória em testemunho e passa a visitar escolas para contar o que viveu. Sua reexistência assume uma dimensão ética — lembrar torna-se forma de impedir que o sofrimento seja apagado. A esperança, nesse conto, não significa esquecer a dor, mas escolher preservar a memória e defender o respeito.

Em "O som que todos podiam ouvir", de Julie Rhanna Silva, Ana Clara, jovem surda que utiliza aparelho auditivo e conhece Libras, encontra na música uma forma de expressão que ultrapassa a audição. Convidada a participar de um Festival Cultural, enfrenta inicialmente a desconfiança de colegas que imaginam que sua participação deveria se limitar à decoração. Ana Clara, porém, reivindica seu lugar na apresentação — acompanha o ritmo pelas vibrações e transforma a Libras em parte da performance. Quando seu aparelho auditivo deixa de funcionar durante os ensaios, ela descobre que sua relação com a música não depende exclusivamente dele. Ao subir ao palco e comunicar-se por sinais, movimentos e ritmo, a personagem reafirma que ter voz não significa necessariamente produzir sons. Sua experiência amplia uma das ideias centrais desta coletânea — incluir é reconhecer e legitimar diferentes formas de participação, expressão e comunicação.

Em "O menino e o violão", de Luiz Felipe Rodrigues, Tiago encontra em um antigo violão herdado do avô muito mais do que um instrumento musical — encontra memória, afeto e pertencimento. Marcado por imperfeições, arranhões e limitações sonoras, o instrumento passa a causar constrangimento ao menino depois que sua qualidade é questionada. Tiago deixa de tocá-lo, como se aquilo que não correspondesse aos padrões esperados de perfeição devesse permanecer escondido. É pela sensibilidade de dona Catarina que ele redescobre o valor do violão e compreende que sua beleza não reside na ausência de defeitos, mas na história, nos sentimentos e nas lembranças que carrega. A narrativa estabelece, assim, uma delicada metáfora com a própria proposta da Edupluriversência — aquilo que se apresenta fora dos padrões não é, por isso, menos digno, menos belo ou menos capaz de produzir sentidos. A diferença pode guardar justamente aquilo que torna cada existência singular.

Por fim, o conto "Jovem que usava cadeira de rodas", de Karolyne Santos, Lucas, adolescente de quinze anos, transforma sua experiência cotidiana com a falta de acessibilidade em projeto de futuro. Usuário de cadeira de rodas desde pequeno, ele conhece de perto ruas sem rampas, calçadas estreitas e espaços escolares que dificultam sua autonomia. Quando a escola promove um concurso de desenhos com o tema "A cidade que queremos para o futuro", Lucas imagina uma cidade construída para todos: com calçadas largas, rampas, elevadores, transportes acessíveis, praças adaptadas e escolas verdadeiramente inclusivas. Seu desenho desloca a deficiência do indivíduo para as estruturas sociais, lembrando que muitas das dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência são produzidas por ambientes que não consideram a diversidade humana. Ao projetar outra cidade possível, Lucas não desenha apenas espaços físicos; dese-

nha uma sociedade em que acessibilidade, autonomia e pertencimento sejam princípios de convivência.

Chegamos, assim, ao fim de trinta narrativas, mas não ao encerramento das perguntas que elas suscitam. Moisés dança. Júlia desenha. Beatriz escreve. Lucas pilota, joga, caminha, fotografa, compete. Benjamin conhece o mundo por outros sentidos. Marina reivindica sua autoria. Pedro enfrenta estímulos que outros não percebem. Angeline abre outra página. Sandriel transforma acidente em música. Theo reinventa o gesto artístico. Davi enquadra o mundo. Gabriel faz das mãos linguagem. Elias transforma memória em esperança. Cada personagem constrói uma maneira de existir.

E é precisamente nesse ponto que os contos se encontram. Não se trata de romantizar a deficiência nem de transformar cada personagem em exemplo de "superação". As histórias mostram também cansaço, medo, exclusão, inadequação dos espaços, preconceito, capacitismo, falta de acessibilidade e tentativas de outras pessoas de decidir aquilo que os protagonistas seriam capazes de fazer. Por isso, a maior transformação proposta pelo livro talvez não seja a dos personagens, mas a dos ambientes e dos olhares que os cercam.

Uma escada precisa mudar. Uma atividade precisa mudar. Um regulamento precisa mudar. Um instrumento precisa ser adaptado. Uma escola precisa aprender. Uma comunidade precisa escutar. Um olhar precisa abandonar o preconceito. E, algumas vezes, é o próprio conceito de normalidade que precisa ser interrogado. É aí que Edupluriversência ganha densidade como princípio pedagógico — educar reconhecendo que nenhuma forma de aprender, existir, resistir, reexistir, sentir, perceber ou comunicar pode ser tomada como padrão absoluto para todas as outras. Edupluriversência é reconhecer que há quem ouça pelos olhos e pelas vibrações. Há quem enxergue pelos sons, pelas texturas e pela imaginação. Há quem fale pelas mãos. Há quem caminhe sobre rodas. Há quem corra com próteses. Há quem precise de previsibilidade. Há quem transforme tecnologias assistivas em instrumentos de autoria. Há quem escreva para encontrar a própria voz. Há quem conte para não deixar esquecer. Há quem simplesmente deseje participar sem precisar provar, antes, que merece estar ali.

Por isso, estas narrativas não pedem ao leitor que sinta pena de seus personagens. Pedem algo muito mais exigente — reconhecimento. Reconhecimento de que uma pessoa com deficiência não se resume à deficiência. Reconhecimento de que autonomia não significa ausência de apoio. Reconhecimento de que adaptação não é privilégio. Reconhecimento de que acessibilidade não é favor. Reconhecimento de que diferença não é insuficiência. Reconhecimento de que inclusão não consiste em colocar alguém dentro de um espaço que continua funcionando como se essa pessoa não estivesse ali. E reconhecimento, finalmente, de que pertencer significa poder existir sem pedir licença para existir.

Este livro nasce da escola, mas deseja ultrapassar seus muros. Nas mãos destes jovens autores, o conto tornou-se experiência de linguagem e exercício de alteridade. Ao imaginar personagens diferentes de si, os estudantes foram convidados não apenas a escrever sobre inclusão, mas a pensar literariamente sobre o outro, sobre os espaços que compartilhamos e sobre a sociedade que desejamos construir.

É por isso que este volume deve ser lido também como memória de uma prática pedagógica. Em cada narrativa permanece a marca de estudantes que

experimentaram a palavra literária para falar de diversidade, acessibilidade, autonomia, dignidade e pertencimento. São trinta contos. Trinta universos. Trinta possibilidades de encontro. E, atravessando todos eles, uma certeza — existir é plural. Resistir é recusar os limites que o preconceito pretende impor às existências. Reexistir é transformar caminhos, linguagens, espaços e relações para continuar sendo, criando, sonhando e pertencendo.

Que o leitor atravesse estas páginas disposto a encontrar não diagnósticos, mas personagens; não deficiências antes das pessoas, mas pessoas com histórias; não exemplos destinados à contemplação, mas sujeitos que amam, erram, temem, desejam, criam, reivindicam, escolhem e transformam.

Talvez, ao fechar este livro, compreendamos que uma educação verdadeiramente inclusiva não é aquela que ensina todos a existirem da mesma maneira. É aquela capaz de construir condições para que todas as maneiras de existir encontrem lugar, voz, reconhecimento e pertencimento. Isso é Edupluriversência.

Prof. Dr. Josimar Soares da Silva

Organizador

SUMÁRIO

Capítulo I 18
O RITMO QUE NÃO CABIA NO OUVIDO
Loara Cristiny Maciel Rodrigues

Capítulo II 21
ALÉM DAS BARREIRAS!
Damares Carvalho de Sá

Capítulo III 22
A TRILHA DA REDENÇÃO
João Felipe de Castro Vieira

Capítulo IV 24
O AVESSO DO SOM
Ruan dos Santos Cavalcante

Capítulo V 27
BENJAMIN: ALÉM DA ESCURIDÃO
Heyllany de Lima

Capítulo VI 29
A MINHA PRÓPRIA VOZ
Kiara Ribeiro Alves

Capítulo VII 32
O CAMINHO QUE APRENDI A ANDAR
Walisson Coelho Ribeiro

Capítulo VIII 34
MEUS SENTIDOS SOBRE O MUNDO
Lucimara Cordeiro dos Santos Vera

Capítulo IX 36
ENTRE O QUE EU ERA E O QUE AINDA QUERO SER
Maria Eduarda Dias Araújo

Capítulo X 42
A MELODIA DE SANDRIEL
Carlos Daniel de Lima Sousa

Capítulo XI 44
TER AMIGOS FAZ DIFERENÇA
Antonio Marcos Alves da Silva

Capítulo XII 46
ALÉM DOS LIMITES
Marcos Almeida de Carvalho

Capítulo XIII 48
A ÚLTIMA PÁGINA
Bruna Alexandra Lopez

Capítulo XIV 51
DO MEU JEITO
Marcelo Rodrigues de Sousa Júnior

Capítulo XV 52
ATRAVÉS DOS OLHOS
Letícia Gomes Ferreira

Capítulo XVI 54
GAEL: O CAMINHO NÃO TEM BARREIRAS
Elzimar Batista da Silva Júnior

Capítulo XVII 56
O DIA QUE EU NÃO DESISTI
Wingrid Teixeira de Oliveira

Capítulo XVIII 58
A PORTA MISTERIOSA
João Raffael Araújo Rodrigues

Capítulo XIX 60
O LUGAR ONDE EU PERTENÇO
Felipe Araújo

Capítulo XX 63
O LUGAR QUE ERA DE TODOS
Clara Beatriz Ribeiro Costa

Capítulo XXI 66
ATRAVÉS DO MEU SILÊNCIO
Yasmin da Silva Oliveira

Capítulo XXII 68
O MUNDO QUE EU ENQUADRO
Pedro Ribeiro de Almeida

Capítulo XXIII 70
ALÉM DO SILÊNCIO
Gabriela Coelho de Sousa

Capítulo XXIV 73
ALÉM DOS LIMITES
Gabriel Barbosa de Lavor

Capítulo XXV 74
MÁRCIA E MARCIANO: DOIS CAMINHOS, UMA SÓ HISTÓRIA
Melkisedec Leite Silva

Capítulo XXVI 77
ALÉM DO QUE OS OLHOS VEEM
Arthur de Sousa Vieira

Capítulo XXVII 79
O SOM DA ESPERANÇA
Isaías Eduardo Coelho Mota

Capítulo XXVIII 83
O SOM QUE TODOS PODIAM OUVIR
Julie Rhanna Silva

Capítulo XXIX 85
O MENINO E O VIOLÃO
Luiz Felipe Rodrigues

Capítulo XXX 87
JOVEM QUE USAVA CADEIRA DE RODAS
Karolyne Santos

APRESENTAÇÃO

Edupluriversência: contos de existir, resistir e reexistir – Volume III nasce no espaço da escola e da compreensão de que ensinar Língua Portuguesa e Literatura é também criar oportunidades para que estudantes leiam o mundo, interroguem suas estruturas e produzam sentidos sobre as múltiplas formas de existência humana. Esta coletânea reúne 30 contos produzidos por estudantes do Curso Técnico em Agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI, Campus São João do Piauí, no contexto de uma proposta pedagógica de leitura e produção textual desenvolvida nas aulas de Língua Portuguesa. Mais do que trabalhar os elementos constitutivos do gênero conto, a atividade buscou aproximar criação literária, formação humana, inclusão e diversidade.

A proposta partiu de um desafio — construir narrativas em que pessoas com deficiência não ocupassem apenas lugares secundários, mas assumissem a centralidade das histórias. Assim, os estudantes foram convidados a criar personagens, conflitos, espaços e acontecimentos capazes de colocar em discussão experiências relacionadas à deficiência, à acessibilidade, ao capacitismo, à autonomia, ao pertencimento, às tecnologias assistivas e às diferentes maneiras de perceber e interagir com o mundo.

Dessa experiência, emergiram personagens surdos, cegos, surdocegos, autistas, cadeirantes, pessoas amputadas, usuários de próteses e sujeitos com diferentes condições físicas, sensoriais e comunicacionais. São personagens que dançam, escrevem, praticam esportes, fotografam, desenham, cantam, competem, estudam, viajam, criam, amam, sentem medo, enfrentam conflitos, reivindicam direitos e constroem caminhos próprios. Essa diversidade encontra expressão no conceito que dá título à obra: Edupluriversência.

Neste projeto, a Edupluriversência é compreendida como uma perspectiva de educação comprometida com o reconhecimento da pluralidade das existências. Parte-se do princípio de que não há uma única maneira legítima de aprender, sentir, perceber, comunicar-se, participar ou estar no mundo. Educar, nessa perspectiva, exige reconhecer diferentes corpos, ritmos, linguagens, subjetividades e modos de construir conhecimento, garantindo condições para que cada sujeito possa participar sem precisar negar aquilo que o constitui. Por isso, as três palavras que acompanham o título — existir, resistir e reexistir — não foram escolhidas aleatoriamente. Existir diz respeito ao direito primeiro de ser reconhecido em sua integralidade, para além de diagnósticos, estereótipos ou expectativas socialmente construídas. Resistir significa enfrentar barreiras físicas, comunicacionais, pedagógicas, atitudinais e sociais que ainda restringem a participação de muitas pessoas. Reexistir, por sua vez, aponta para a possibilidade de produzir outros caminhos diante dessas barreiras: adaptar, recriar, ressignificar, ocupar espaços, reivindicar direitos e reconstruir relações com o mundo e com os outros. Os contos materializam essas três dimensões de maneiras diversas. Em algumas narrativas, as barreiras aparecem na arquitetura de escolas e espaços públicos; em outras, manifestam-se na ausência de recursos de acessibilidade, na falta de intérpretes, em práticas pedagógicas excludentes ou na inadequação de instrumentos e atividades. Há ainda aquelas em que o conflito se instala no olhar do outro — na pena, na desconfiança, no preconceito, na superproteção ou na ideia equivocada de que a deficiência determina antecipadamente aquilo

que alguém pode ou não realizar.

Ao mesmo tempo, as histórias apresentam possibilidades de transformação. Uma apresentação é adaptada. Um instrumento musical ganha outra forma de utilização. Uma atividade esportiva passa a acolher diferentes corpos. A Libras e a Libras tátil tornam-se linguagens de participação. Recursos tecnológicos possibilitam autoria. Uma rampa modifica o acesso. Uma cadeira de rodas deixa de ocupar o primeiro plano do olhar para que apareça a pessoa que nela se desloca. Uma escola aprende com aquilo que inicialmente não havia conseguido prever. É justamente aí que reside uma das principais aprendizagens desta experiência — incluir não significa apenas permitir a presença; significa construir condições efetivas de participação e pertencimento.

A literatura mostrou-se um território particularmente fértil para esse exercício. Ao criar personagens e narrar acontecimentos em primeira pessoa ou aproximar-se de suas experiências, os estudantes precisaram deslocar perspectivas, imaginar conflitos, construir vozes e elaborar respostas para situações que envolvem diferenças humanas. A produção do conto, portanto, ultrapassou o domínio de estruturas narrativas e transformou-se também em exercício de alteridade. Isso não significa falar em nome das pessoas com deficiência nem pretender esgotar a complexidade de suas experiências. Os textos aqui reunidos são produções estudantis, resultantes de um processo formativo, e carregam as marcas próprias de jovens autores em desenvolvimento: suas escolhas linguísticas, suas maneiras de imaginar personagens, suas interpretações acerca da inclusão e suas formas particulares de construir a ficção. É justamente essa natureza pedagógica que confere identidade à coletânea.

Ao longo das páginas, o leitor encontrará histórias muito diferentes entre si. Algumas se aproximam do cotidiano escolar; outras, transitam pelo esporte, pela arte, pela música, pela fotografia, pelas relações familiares e pela memória. Há narrativas de forte caráter realista e outras que exploram situações de aventura, suspense e acontecimentos de maior dramaticidade. Essa heterogeneidade não constitui fragilidade do conjunto; ao contrário, evidencia a multiplicidade de vozes que participaram do projeto.

As narrativas que encerram a coletânea reafirmam a pluralidade de experiências que atravessa todo o volume. Em “O som que todos podiam ouvir”, a experiência de Ana Clara evidencia que a música, a comunicação e a participação não se restringem à audição, encontrando nas vibrações, nos movimentos e na Libras outras possibilidades de expressão. Em “O menino e o violão”, a relação de Tiago com o antigo instrumento herdado do avô transforma memória, afeto e imperfeição em elementos capazes de questionar padrões que associam valor àquilo que se apresenta como perfeito. Por sua vez, “Jovem que usava cadeira de rodas” desloca o olhar para a acessibilidade e para o direito à cidade, ao apresentar Lucas imaginando, por meio do desenho, espaços construídos para que diferentes pessoas possam circular, participar e pertencer.

Essas narrativas, ao lado das demais que constituem o volume, demonstram que inclusão não significa apagar diferenças, mas reconhecer as múltiplas maneiras de perceber, comunicar, criar, aprender e ocupar o mundo. Desse modo, *Edupluriversência: contos de existir, resistir e reexistir – Volume III* apresenta-se simultaneamente como produção literária estudantil e como resultado de uma experiência pedagógica comprometida com a diversidade humana. Cada conto

preserva a singularidade de sua autoria, de suas personagens e de seus conflitos, mas todos se encontram na defesa de uma sociedade em que nenhuma diferença seja convertida em justificativa para exclusão. Ao chegar às últimas páginas, portanto, a coletânea não encerra apenas um conjunto de histórias — deixa aberto o convite para repensarmos os espaços, as práticas e os olhares que construímos, reconhecendo que existir, resistir e reexistir são movimentos plurais e que toda educação verdadeiramente inclusiva começa pelo reconhecimento do direito de cada sujeito a participar e pertencer.

Publicar essas narrativas significa reconhecer a autoria dos estudantes e permitir que a escrita produzida em sala de aula ultrapasse os limites da atividade avaliativa. Aquilo que nasceu como prática de leitura, reflexão e produção textual passa a circular como livro, preservando vozes juvenis e registrando uma experiência educativa comprometida com inclusão, diversidade e formação cidadã.

Aos estudantes-autores, nosso reconhecimento pela disposição de imaginar, escrever, reescrever e compartilhar suas narrativas. À comunidade escolar, às famílias e a todos aqueles que colaboram para a construção cotidiana de práticas educacionais mais acessíveis e inclusivas, nosso agradecimento. E ao leitor fazemos um convite — que estas páginas sejam percorridas não à procura de histórias sobre aquilo que alguém supostamente não pode fazer, mas atento às diferentes maneiras pelas quais cada personagem existe, resiste e reexiste. Que a leitura nos ajude a compreender que a pluralidade humana não é um obstáculo a ser corrigido, mas uma realidade a ser reconhecida. Que a escola continue sendo lugar de palavra, escuta, criação e transformação. E que a Edupluriversência possa ser, para além do título deste livro, uma maneira de pensar e construir uma educação em que ninguém precise deixar parte de si do lado de fora para poder pertencer.

Prof. Dr. Josimar Soares da Silva

Organizador



Capítulo I

O RITMO QUE NÃO CABIA NO OUVIDO

Loara Cristiny Maciel Rodrigues

Meu nome é Moisés, tenho dezesseis anos e estudo no segundo ano do ensino médio. Eu sou surdo desde que nasci, e, por isso, minha principal forma de comunicação é a Língua Brasileira de Sinais, Libras. Também consigo me comunicar por escrito e entendo algumas coisas pela leitura labial, mas nem sempre é fácil, principalmente quando as pessoas falam muito rápido ou estão de costas para mim.

Apesar disso, nunca gostei que as pessoas achassem que sabiam tudo sobre mim só porque eu não escuto. Eu sou daqueles que riem alto quando acham alguma coisa engraçada, gosto de futebol, de desenhar e, principalmente, de dançar. Pode parecer estranho para algumas pessoas, mas eu gosto muito de música. Não da mesma maneira que meus colegas gostam, claro. Eu sinto algumas vibrações, observo os movimentos e presto muita atenção ao ritmo. Para mim, música também pode ser vista e sentida.

Tudo aconteceu no mês de setembro, quando minha escola estava preparando uma apresentação para a feira cultural. Cada turma precisava apresentar alguma coisa diferente. A professora Júlia, que dava aulas de educação física, teve a ideia de fazer uma apresentação de dança envolvendo todos os alunos. No começo, eu fiquei muito animado. Eu sempre quis dançar com meus amigos em uma apresentação da escola, mas nunca tinha tido a coragem de pedir. Quando a professora explicou a ideia para a turma, todo mundo começou a escolher as músicas e pensar na coreografia. Eu fiquei observando enquanto eles conversavam. Foi então que Lucas, um dos meus colegas, perguntou:

— Professora, mas como Moisés vai acompanhar a música? Eu fingi que não tinha entendido, mas tinha entendido. A professora olhou pra mim depois respondeu:

— Da mesma forma que ele aprende os outros movimentos, treinando.

Lucas ficou quieto, mas algumas pessoas começaram a trocar olhares.

Naquele dia, quando cheguei em casa, fiquei pensando naquilo. Eu sabia

que provavelmente não tinha sido por mal, mas aquilo me incomodou. Era como se antes mesmo de eu tentar, já tivessem decidido que eu não conseguiria. Minha mãe percebeu que eu estava diferente.

— Aconteceu alguma coisa?

Peguei o celular e escrevi para ela: “Estão achando que eu não consigo dançar porque sou surdo”. No dia seguinte, cheguei mais cedo à escola e procurei a professora Júlia. Expliquei que queria participar da apresentação e que precisava encontrar uma maneira de acompanhar o ritmo. Ela não tentou fazer tudo por mim. Isso foi uma das coisas que mais gostei.

— Então vamos descobrir juntos o que funciona para você — ela disse.

Começamos a treinar. A professora colocava a música para tocar e eu observava os movimentos. Em algumas partes, eu acompanhava as vibrações do som pelo chão. Em outras, usava sinais visuais combinados com meus colegas. Criamos também alguns sinais para indicar quando a música mudava. Aos poucos, comecei a perceber que não precisava ouvir cada segundo da música para dançar. Eu precisava conhecer o ritmo, observar meus colegas e confiar em mim. Minha amiga Júlia, que também participava da apresentação, virou minha parceira nos ensaios.

— Quando você errar, eu faço um sinal pra você — ela disse. Eu respondi em Libras: — E quando você errar, eu vou rir de você. Ela começou a sorrir.

— Fechado!

Os ensaios foram ficando cada vez melhores. Só que nem todo mundo acreditava na apresentação.

— Moisés, você não acha que seria melhor ficar só no final? Tipo, entrar quando todo mundo já estiver dançando? Olhei para ele sem responder.

Naquele momento, fiquei com muita raiva. Não porque ele não acreditava que eu conseguia dançar, mas porque eu estava cansado de ter que provar que conseguia fazer coisas que outras pessoas simplesmente tinham uma chance de tentar. Peguei meu celular e escrevi: “eu não quero estar na apresentação só pra aparecer. Eu quero participar dela de verdade”. Ele leu e não respondeu. Durante os dias seguintes, continuei treinando.

Às vezes, eu errava os passos. Outras vezes, meus colegas erravam e eu precisava ajudar. Foi aí que percebi que não era só eu que precisava aprender alguma coisa. Eles também precisavam aprender a se comunicar comigo. A professora começou a ensinar alguns sinais básicos para a turma. No início, eles erravam bastante. Eu ria, eles riam também, e aos poucos foram aprendendo. Finalmente chegou o dia da feira cultural. A escola estava cheia. Havia cartazes coloridos nos corredores, barracas de comida, trabalhos espalhados pelas salas e muita gente esperando pela apresentação. Eu estava nervoso. Minhas mãos estavam geladas e eu não parava de mexer nelas. Quando chegou a nossa vez, fomos para o palco. Eu olhei para a plateia e vi minha mãe sentada na primeira fila. Ela levantou a mão e fez em Libras: “eu acredito em você”. Sorri. A música começou. Eu não consegui ouvir a introdução como meus colegas, mas vi a primeira marcação e comecei.

No começo, tudo estava perfeito. Eu estava concentrado nos sinais que combinamos e nos movimentos dos outros. Até que, no meio da apresentação, o som

parou de repente. Todos ficaram sem saber o que fazer, mas eu decidi continuar. Comecei a dançar seguindo os movimentos que tínhamos ensaiado, e meus colegas entraram comigo. Mesmo sem música, conseguimos terminar juntos e recebemos muitos aplausos.

Depois disso, meus colegas começaram a aprender Libras e a professora passou a usar mais recursos visuais. Eu percebi que inclusão não é apenas estar presente, mas ter a oportunidade de participar de verdade. Foi quando a música parou que eu entendi: alguns ritmos não precisam ser ouvidos, apenas sentidos.



Capítulo II

ALÉM DAS BARREIRAS!

Damares Carvalho de Sá

Meu nome é Júlia, tenho dezesseis anos e moro com minha mãe em uma cidade pequena. Desde criança, uso cadeira de rodas por causa de uma deficiência física. Apesar disso, nunca deixei de fazer as coisas que gosto. Amo desenhar, ouvir música e passar tempo com minhas amigas. Meu maior sonho era participar do concurso de desenhos da escola.

Certo dia, a professora anunciou que o tema do concurso seria “A escola que eu quero”. Fiquei muito animada e passei alguns dias preparando meu desenho. Nele, imaginei uma escola onde todos pudessem estudar e participar das atividades sem encontrar barreiras.

No dia da apresentação, cheguei à escola muito feliz. Porém, descobri que a sala do concurso ficava no segundo andar e o elevador estava quebrado. Naquele momento, fiquei triste e pensei que talvez não pudesse participar.

Minha amiga Ana percebeu minha preocupação e perguntou:

— Júlia, você está bem?

— Estou, mas não quero ficar de fora por causa disso — respondi.

A professora Helena ouviu nossa conversa e procurou uma solução. Com a ajuda dos alunos, conseguiu uma sala no térreo e organizou a exposição. Quando chegou minha vez, apresentei meu desenho e falei que uma deficiência não deveria impedir ninguém de estudar, sonhar ou participar. Todos aplaudiram.

No final, a professora anunciou que eu havia ganhado o primeiro lugar. Fiquei muito feliz e orgulhosa. Depois daquele dia, a escola começou a pensar em melhorias para garantir mais acessibilidade. Eu percebi que inclusão significa dar a todos as mesmas oportunidades. Aprendi que, quando existe respeito, união e vontade de mudar, podemos superar muitas barreiras.



Capítulo III

A TRILHA DA REDENÇÃO

João Felipe de Castro Vieira

Eu me chamo Lucas. Sou cadeirante desde os quinze anos, graças a um acidente. Eu saí escondido de casa para dar uma volta de moto. Fui a um percurso que era usado para trilhas de motos e carros e, por não conhecer o trajeto, passei direto em uma curva, chocando-me com uma árvore. Quebrei algumas vértebras da coluna e fiquei sem o movimento das pernas.

Quando acordei no hospital e descobri que não poderia mais andar, fiquei muito triste. Para mim, meu mundo tinha acabado. Depois de me recuperar, meu amigo chamado Caio, que sabia que eu gostava de ter uma vida agitada, me chamou para dar uma volta de UTV. Para mim, foi um dos melhores dias da minha vida depois de ter perdido o movimento das minhas pernas.

Um dia, Caio recebeu um convite para um rally e me convidou para ser o navegador, e eu aceitei. Com uma semana de antecedência, ele preparou o carro para irmos. Quando chegou o grande dia, fomos uns dos primeiros a chegar para a largada. Realizamos o percurso perfeitamente e chegamos em quinto lugar. Como era o nosso primeiro rally, ficamos muito felizes. E, naquele dia, percebi que poderia voltar a me divertir. Prometi a mim mesmo que participaria do próximo evento de rally. Então, fui procurar carros adaptados para cadeirantes para que pudesse participar.

Depois de muita procura, selecionei dois anúncios que pareciam ser verídicos. Chamei Caio, e nós fomos até o local do anúncio. O dono falou que já tinha vendido o carro um dia antes de nós chegarmos. Então, nós nos deslocamos até o outro carro, mas, quando chegamos ao local, vimos o verdadeiro estado do veículo e percebemos que aquele não tinha condições de receber as preparações necessárias para a competição. Então, desisti da compra e perdi a esperança de que um dia poderia participar de um evento. Então, um dia, Caio resolveu tentar adaptar um carro para participar de um evento. Ele juntou mais alguns amigos, e começamos as adaptações. Eu não ajudava muito, mas estava fazendo o possível para terminar logo e poder andar em algo que eu e meus amigos tínhamos projetado em casa. Foram longos quatro meses cortando e soldando, e conse-

guimos terminar o projeto, cujo nome era Redenção, já que eu poderia ter a sensação de adrenalina de novo.

Quando abriram as inscrições para um rally, logo me inscrevi. Eu estava tão ansioso que meu coração acelerou só de pensar nesse dia. Fiz o cadastro, e o valor da inscrição era um quilo de alimento. Eu estava com tanta vontade de participar que levei logo uma cesta básica completa. Quando chegou o dia, cheguei ao local da largada, entreguei a minha contribuição e segui para o local da largada.

Enquanto eu esperava, percebi que o responsável pela comissão técnica vinha na minha direção. Eu o conhecia; o nome dele era Carlos, um dos filhinhos de papai da minha cidade. Ele mandou que eu me retirasse. Segundo ele, eu apresentava riscos para os demais participantes, já que era cadeirante e meu carro não era normal, mas, sim, adaptado, pois eu não tinha movimento nas pernas. Mesmo insistindo muito, ele não deixou que eu participasse, e voltei para casa decidido a organizar meu próprio rally.

Comecei a organizar como seria meu próprio rally e até escolhi o trajeto onde sofri o acidente, para que, quando passasse por ele, pudesse refletir sobre o fato de ter ficado paraplégico. Enfim, chegou o grande dia. Iniciei o trajeto e fiquei sabendo que Carlos tinha capotado o carro, mas não sabia que o acidente tinha sido tão grave. Quando me disseram que ele tinha sofrido uma lesão na coluna, veio-me à memória como eu havia sofrido psicológica e fisicamente.

E, um belo dia, meu celular tocou. Quando vi, era Carlos me perguntando onde eu tinha comprado meu veículo adaptado para cadeirantes. Então, falei para ele que eu e meus amigos o tínhamos adaptado. Logo, ele me perguntou se eu não poderia fazer um para ele também. Então, liguei para Caio e perguntei o que ele achava da ideia de fazer outro carro para Carlos. Ele concordou, e começamos a fazer as adaptações necessárias. Quando terminamos, percebi que não tinha raiva do que Carlos havia feito, e sim que sua rejeição me motivou a organizar meu rally e poder adaptar carros para pessoas com deficiências.



Capítulo IV

O AVESSO DO SOM

Ruan dos Santos Cavalcante

Chamo-me Lucas, tenho quinze anos e sou surdo desde que nasci. Não escuto a chamada nem o apito. Muitos dizem que vôlei é comunicação, porém, no meu ponto de vista, o vôlei é mais que isso. São padrões e movimentos, ou até mesmo a leitura dos lábios. O que, para muitos, é um muro, um ponto final, para mim, não representa uma impossibilidade. Nada é impossível!

A quadra não tem nada de especial. Pode ser uma quadra fechada ou uma simples quadra de areia para alguns, mas, para mim, é como a minha segunda casa, desde os 14 anos até hoje. Cada treino, cada jogo, cada minuto e cada segundo a que me dediquei... Limites são o que os outros acham que existem, mas meu potencial é maior que qualquer palavra. Minha luta é para ficar no time e provar que ouvir não é o único jeito de entender.

O meu potencial provará o contrário. Comecei observando, da porta, todo mundo jogando. Reparei em tudo: como se posicionavam, como o corpo falava antes de qualquer ação. Descobri que existe uma espécie de vibração sob os pés, pelo corpo, e eu sei exatamente o que está acontecendo, prevendo cada ação. Às vezes, sou até mais rápido em tempo de reação que outros jogadores. Um olhar, um ombro que inclina, um pé que se adianta: tudo é um aviso para mim.

Criei com o time uma linguagem de sinais. Cintura, ombro, cabeça virada: cada expressão, uma jogada diferente. Treinava sozinho, sentia a bola, o ar cortando, o jeito que ela caía. Meu olho ficou afiado como o de uma águia. Não escapa nenhum movimento. Eu e minha mãe sempre acreditamos. O professor duvidou, os colegas aprenderam. No começo, tinha dificuldade, me perdia, mas nunca pensei em desistir ou sair do time. Fui descobrindo que não preciso de som para saber para onde a bola vai. Ouvir é só uma forma de decifrar o que acontece ao seu redor, uma forma a mais de perceber. Eu uso todas as outras juntas para suprir a falta de audição.

Chegou o municipal, o jogo mais importante do ano. Estamos perdendo. Pressão alta, todo mundo tenso. Último set, 26 a 26. Ponto decisivo! O adversário levanta para o ataque. Todos olham, ninguém fala nada. Eu não ouço, mas sinto

o chão vibrar forte. Vejo o movimento do tronco e sei logo de cara: uma diagonal bem no fundo. Me movimento rapidamente, abro a passada, salto no tempo perfeito e faço um bloqueio firme, de mãos juntas, para o lado do adversário. A bola cai como um ataque no lado deles. Ponto!

A quadra inteira se levanta, de braços erguidos, rostos em comemoração e surpresa. Não ouço nada, mas sinto a quadra explodir em comemoração. Dois pontos seguidos, já em bloqueios. 28 a 26! A torcida pula, todo mundo me abraça. Eu vejo a alegria no rosto de todos, mas também sei que provei que a falta de audição não impediu meu sonho. Naquele instante, ninguém se lembrou de que eu era surdo. Só viam o jogador.

Ninguém sabe melhor do que eu ler um jogo. Depois da partida, o técnico veio até mim, abaixou a cabeça e se desculpou comigo. Posso não ter ouvido, mas seus lábios diziam: “Desculpa! Hoje você me ensinou tudo.”

Os colegas me puxaram em alegria, todos fazendo sinais que aprenderam comigo, rindo, felizes da vida. Hoje sou capitão do time e monitor dos novatos. Agora, todos admiram e querem jogar com meus métodos. Jogam utilizando o meu ponto de vista, sentem e reagem antes mesmo que a maioria dos adversários possa perceber. Conseguem se expressar de formas muito inovadoras e todos se divertem. Eu não perdi nada, apenas ganhei um jeito único de ver e viver no vôlei. O silêncio não é um vazio para mim, é apenas um novo mundo, cheio de detalhes que passam despercebidos em meio à sociedade.

Sinto o ritmo em cada partida pelo chão, como tambores. Cada vibração, cada passo, cada movimento, como uma palavra. Cada jogada é um refrão das minhas músicas favoritas. Muitos ainda se perguntam: “Como?” Eu só respondo: “Não jogo com os ouvidos, jogo como um todo.”

Os sentidos não se limitam à audição. Vôlei não é som, é movimento, confiança. A confiança não precisa de voz para existir. O tempo passa e sigo sempre treinando, dando 110% do meu potencial como atleta, e continuo brilhando. Sei que muitas estrelas se apagam, mas deixarei um aviso: “Nada é impossível quando você corre atrás do que ama. Minha deficiência não é uma barreira, eu apenas tenho um diferencial que me fez destacar como atleta.”

Tenho um alcance ótimo, 2,90 m de salto, bloqueio forte e certeiro. Tudo construído no esforço de dizer não ao que me falavam: que eu nunca iria conseguir.

Aprendi que o maior erro é achar que só existe um caminho, um jeito de fazer dar certo. Se não der certo de um jeito, reinvente. Às vezes, os outros são melhores. Hoje em dia, as pessoas com deficiência vêm me ver, querem ouvir e aprender. Eu sempre mostro como o vôlei é para todos, de todos os jeitos e em todos os sentidos.

Não me chamem de “o menino surdo que joga vôlei”. Me chamem de “o menino que sente o jogo”, porque o que me define não é o que falta, mas o que tenho de sobra: sensibilidade, humildade, reflexos, força e coragem. E, quando dizem “não dá”, eu já estou em campo, fazendo e me adaptando de algum jeito.

O silêncio veio como algo bom para mim, um presente, um mundo com mais clareza. Ouvir, na maioria das vezes, pode distrair as pessoas. Eu me concentro no que realmente importa, que é o que está à frente. “O para-brisa é maior que o retrovisor por algum motivo.”

Cada jogo é uma experiência nova, um novo desafio. Eu acho muito legal poder sempre me aventurar com oponentes tão formidáveis. Com vontade, treino de cabeça erguida e um coração que pulsa como um touro. Meu coração bate junto com a plateia. Essa sensação de pertencer e ser aceito é maravilhosa.

Assim vivo, assim jogo, mostrando que o impossível é só uma forma, um ponto de vista. E, quando a gente quer, encontra o caminho, por mais difícil que seja. O vôlei é minha vida, meu som, minha voz. Eu falo alto sem sequer precisar dizer uma palavra, porque o melhor jeito de se fazer entender é jogar bem e fazer cada segundo valer a pena. E lembrar que jamais devemos nos apegar, pois podemos ficar presos a um ponto do qual, muitas vezes, nunca vamos sair.



Capítulo V

BENJAMIN: ALÉM DA ESCURIDÃO

Heyllany de Lima

Meu nome é Benjamin. Sou cego desde que nasci e nunca enxerguei o mundo com meus próprios olhos, mas aprendi a conhecê-lo de outras formas. Quando eu tinha cinco anos, a médica me diagnosticou com cegueira. Minha família ficou em choque, pois eu era o primeiro da linhagem a nascer com uma deficiência, ainda mais visual. A médica falou para meus pais que eles deveriam começar a estimular e fortalecer os meus outros sentidos.

Meus pais começaram pelo tato. Passei a explorar o meu corpo e, depois, a ter contato com a pele dos meus pais, além de manusear diferentes texturas e objetos. Depois, foi a vez da audição, com o uso de chocalhos, brinquedos sonoros, vozes e palmas. Logo depois, vieram o olfato e o paladar, com a apresentação de diferentes cheiros, o contato direto com frutas e temperos. Assim, comecei a enxergar o mundo do meu jeito.

Aos seis anos, meus pais começaram a me alfabetizar pelo sistema Braille. Eu fui para a escola. Eu estava muito nervoso, mas minha mãe me falou que não havia motivo para ter medo, pois eu era uma pessoa muito doce e gentil. Isso me deixou mais calmo.

Quando minha mãe estava dirigindo, ela ficava falando sobre as paisagens para que eu me sentisse mais confortável. Quando cheguei à escola, foi muito mais legal do que eu imaginava. Fui bem tratado, fiz muitos amigos e estava tudo indo bem.

Depois da aula, meus avós foram me buscar para podermos tomar sorvete. Contei todas as novidades para eles e foi muito legal. Depois, eles me deixaram em casa. Foi então que escutei meus pais brigando. Meu pai falava que nunca quis que eu nascesse e que jamais teria querido uma criança cega.

Minha mãe respondeu:

— Ele é o nosso filho. Ele não tem culpa. Eu não sabia o que fazer, então esperei a briga terminar. Depois, minha mãe me perguntou:

— O que você acha que fez de errado para o papai não gostar de você

Ela mesma respondeu:

— Nada, meu pequeno Benjamin. Você nunca fez nada de errado. O problema nunca foi você, foi a falta de compreensão dele.

Então perguntei:

— Mas por que o papai falou aquelas coisas?

Minha mãe respondeu:

— Porque seu pai ainda não aprendeu que você não precisa enxergar para ser amado. Então, que tal a mamãe contar uma história?

— Tá bem, mãe.

Naquela noite, dormi com o coração apertado. Na manhã seguinte, meu pai entrou no meu quarto, sentou-se ao meu lado e falou:

— Me desculpe, meu pequeno. Eu estava com raiva, mas isso não justifica o que falei. Soube que você foi o melhor presente que um homem poderia ter.

Então, ele me pediu desculpas. Foi assim que aprendi que ser diferente nunca significa ser menos. Afinal, eu nunca precisei enxergar para mostrar ao mundo a luz que carregava dentro de mim.



Capítulo VI

A MINHA PRÓPRIA VOZ

Kiara Ribeiro Alves

Desde pequena, eu aprendi que existem muitas formas de enxergar o mundo. Meu nome é Marina, tenho dezessete anos e sou totalmente cega. Não sei exatamente como é a cor do céu ou o rosto das pessoas que amo, mas conheço minha mãe pela voz, minha irmã pelo jeito de andar e minha melhor amiga, Ana, pela risada. Eu não gosto quando alguém diz que minha vida deve ser muito triste por eu não enxergar. Na verdade, eu tenho uma vida como qualquer outra. Estudo, converso, escuto música, brigo com minha irmã e também tenho sonhos. Um deles era escrever. Eu gostava de colocar no papel tudo aquilo que imaginava. Tinha um caderno cheio de histórias, poemas e pensamentos. Ana sempre dizia que eu deveria mostrar meus textos para mais pessoas.

Foi ela quem me convenceu a participar de um concurso de redação da escola.

— Marina, você escreve muito bem. Você precisa participar.

— E se ninguém gostar?

— E se gostarem?

Eu não tinha resposta para aquilo. Então escrevi. Passei vários dias trabalhando no meu texto. Falei sobre como as pessoas costumam ter medo daquilo que não conhecem. Quando terminei, pedi para minha irmã ler para mim. Ela ficou em silêncio por alguns segundos.

— Está lindo.

Sorri.

— Você está falando isso porque é minha irmã.

— Não. Estou falando porque é verdade.

No dia de entregar as redações, fui até a secretaria com Ana. A professora responsável pelo concurso recebeu meu texto.

— Você escreveu sozinha? — perguntou.

A pergunta me incomodou.

— Sim.

Ela pareceu surpresa.

— Ah... é que eu imaginei que alguém tivesse ajudado.

Respirei fundo.

— Eu uso um programa que lê o que está na tela para mim. Isso não significa que outra pessoa escreveu.

Ela ficou sem graça.

— Desculpa. Não quis ofender.

— Tudo bem.

Mas não estava tudo bem. Aquela não seria a primeira vez que alguém duvidaria de mim. Alguns dias depois, anunciaram os resultados do concurso durante uma reunião no auditório. Eu estava sentada na primeira fila com minha irmã. A diretora começou a chamar os vencedores. Terceiro lugar. Segundo lugar. Meu coração começou a bater mais rápido.

— E o primeiro lugar vai para...

Ela falou meu nome. Por alguns segundos, fiquei parada. Ana segurou minha mão.

— Marina, é você!

Eu comecei a sorrir. Levantei e caminhei até o palco com minha bengala. Eu sabia que havia alguns degraus à frente porque minha irmã tinha me explicado antes. Quando cheguei ao microfone, ouvi os aplausos. A diretora colocou o certificado na minha mão.

— Parabéns.

Segurei o papel e agradeci. Então ela pediu que eu falasse algumas palavras. Eu poderia apenas agradecer e voltar para o meu lugar. Mas pensei em tudo o que tinha acontecido nos últimos dias. Pensei nas pessoas que duvidaram que eu pudesse escrever. Pensei nas vezes em que alguém segurou meu braço sem perguntar se eu precisava de ajuda. Pensei em quantas vezes decidiram o que eu era capaz de fazer antes mesmo de me conhecer. Então falei:

— Eu não consigo ver este auditório. Não consigo ver o palco, nem as pessoas que estão aqui. Mas eu sei que vocês estão me ouvindo.

O lugar ficou em silêncio.

— Durante muito tempo, algumas pessoas acharam que, por eu não enxergar, eu precisava que alguém fizesse tudo por mim. Mas eu aprendi que precisar de acessibilidade não é a mesma coisa que ser incapaz. Segurei o certificado com mais força.

— Eu não preciso que ninguém enxergue por mim. Só preciso que me deixem enxergar o mundo do meu jeito. Quando terminei, ouvi os aplausos novamente. Dessa vez, eles pareciam diferentes. Mais fortes. Mais sinceros. Voltei para o meu lugar sorrindo. Na saída, Ana me abraçou.

— Você arrasou.

— Eu estava morrendo de medo.

— Nem parecia.

Ri. Naquele dia, enquanto voltava para casa, caminhei devagar pela calçada. Eu ouvia os carros passando, sentia o vento no rosto e escutava os passos das pessoas ao meu redor. Eu não sabia como era a paisagem daquele caminho. Mas conhecia aquele lugar de outras maneiras. E foi então que percebi que talvez enxergar nunca tivesse sido apenas uma questão de olhos. Algumas pessoas conseguem olhar para tudo e não percebem nada. Eu não podia ver o mundo. Mas podia senti-lo, ouvi-lo, imaginá-lo e, principalmente, escrever sobre ele. E talvez essa fosse a minha maneira de enxergar. Com aquilo que ninguém poderia tirar de mim: a minha própria voz.



Capítulo VII

O CAMINHO QUE APRENDI A ANDAR

Walisson Coelho Ribeiro

Meu nome é Lucas, tenho quatorze anos e moro numa cidade bem pequena aqui no interior do Piauí. Todo mundo se conhece, as ruas são cheias de buraco, o sol esquenta demais e a gente não tem muita coisa pra fazer além de ir pra escola, ajudar em casa e ficar com os amigos quando dá. Desde os sete anos de idade, minha vida mudou de um jeito que eu nunca imaginei. Um dia chovia muito, eu estava correndo atrás da minha bola na rua, sem olhar direito o que vinha vindo e aconteceu o acidente. Quando acordei no hospital, os médicos disseram que não deu pra salvar minha perna direita. Hoje, eu ando só com a esquerda e uso uma prótese que, às vezes, parece mais um peso chato do que uma ajuda de verdade.

Minha história acontece aqui mesmo, na minha cidade. O tempo todo é igual: acordo cedo, me arrumo devagar porque colocar a prótese demora, tem que ajustar bem pra não doer, e depois vou pra escola. A escola é simples, tem escadas altas, pátio com pedras e muita gente que, às vezes, não sabe como me tratar direito. O resto do tempo, eu fico em casa, no meu quarto, ou só saio quando é bem necessário. Muita coisa mudou depois do acidente, mas o jeito como as pessoas me olham é o que mais me incomoda desde então.

A dificuldade maior não foi só aprender a andar de novo, não. Foi perceber que todo mundo já acha que eu não consigo fazer nada. Quando os meninos vão jogar bola no recreio, alguém logo fala: “Não chama ele, ele não vai dar conta”. Outros ficam me olhando o tempo todo, como se eu fosse quebrar a qualquer momento. Alguns riem baixinho, imitam meu jeito de andar quando acham que eu não estou vendo. Até os professores, às vezes, fazem coisas mais fáceis pra mim, como se eu não conseguisse aprender igual aos outros. Isso dói muito mais do que qualquer dor no corpo, porque parece que eles também acham que eu sou menos capaz.

Com o tempo, eu acabei acreditando nisso também. Comecei a fugir de tudo. Quando os amigos chamavam pra sair, eu falava que estava doente, cansado ou que tinha tarefa pra fazer. A verdade é que eu tinha medo: medo de cair na

frente de todo mundo, medo de não acompanhar ninguém, medo de ouvir mais uma vez “você não consegue”. Subir escadas é um sacrifício, tenho que ir bem devagar, apoiar com cuidado, e cada andar parece que é uma montanha enorme. Andar muito tempo deixa minha perna esquerda doendo muito, a prótese esquenta, aperta a pele e deixa tudo machucado. Muitas noites, eu fico deitado pensando:

“Por que foi logo comigo? Será que eu vou ser assim pra sempre, sempre ficando pra trás?” Esse era o meu maior problema: lutar contra o que os outros dizem, mas também lutar contra mim mesmo, que sempre achava que ia perder.

Aconteceu, então, a coisa que mais mexeu comigo. A escola falou que ia ter uma caminhada de cinco quilômetros pela cidade, todo mundo tinha que ir e valia nota para todas as matérias. Logo que souberam, vieram me avisar: “Lucas, melhor ficar em casa, isso é longo demais, tem subida e buraco, não é pra você”. Ouvi isso de vários colegas, até de gente que eu achava que era minha amiga.

Naquele momento, fiquei muito triste e com raiva também. Quantas vezes já falaram isso pra mim? Quantas vezes já decidiram por mim o que eu podia ou não fazer? Naquele dia eu decidi: eu vou sim. Não importa quanto doa, quanto tempo demore, eu vou até o fim. Chegou o dia da caminhada, o sol já estava forte desde cedo, o chão era todo irregular, cheio de pedras e buracos. Comecei andando junto com todo mundo, mas logo fiquei pra trás.

Eu tinha que ir bem mais devagar, cada passo precisava de cuidado, senão eu perdia o equilíbrio.

Logo no começo, já estava sentindo dor: a prótese apertava forte, minha perna esquerda que carregava tudo começou a queimar de cansaço. Vi todo mundo indo longe, alguns olhavam pra trás e balançavam a cabeça, parecendo que já esperavam que eu parasse logo. Eu suava muito, respirava com dificuldade e em vários momentos pensei em sentar na beira do caminho e desistir. Mas toda vez que vinha essa ideia, lembrava de tudo que já me disseram que eu não conseguia, respirava fundo e dava mais um passo. Um passo de cada vez, só isso.

Quando, finalmente, vi a faixa de chegada lá na frente, quase não acreditava. Minhas pernas tremiam muito, o corpo todo doía, mas eu fui até lá e passei por ela. Estava todo suado, cansado demais, mas cheguei! Alguns que já tinham chegado, voltaram pra ver, e, dessa vez, ninguém riu nem teve pena, pareciam até surpresos. Eu sorri, porque, naquele momento, eu provei pra mim mesmo: eu consigo, sim.

Hoje, não digo que tudo ficou fácil, porque não é assim. Ainda dói, às vezes, ainda tem dias que é difícil sair de casa, ainda tem gente que olha diferente. Mas agora eu penso diferente também: a pior dificuldade não é ter uma perna só, é acreditar que isso te impede de viver igual a todo mundo. Eu não sou “o menino que tem uma perna só”, eu sou o Lucas. Eu tenho dificuldades, sim, mas eu também tenho força, vontade e consigo chegar onde eu quiser, do meu jeito. O caminho ainda é longo, mas agora eu sei: o importante não é andar rápido ou igual aos outros, é seguir sempre em frente, passo a passo.



Capítulo VIII

MEUS SENTIDOS SOBRE O MUNDO

Lucimara Cordeiro dos Santos Vera

Meu nome é Pedro, tenho quinze anos e a forma como vejo o mundo é diferente. Sou autista e vejo o mundo além daquilo que se vê e ouço detalhes que ninguém nota. Gosto muito de rotinas inalteráveis, alimentos sempre com a mesma quantidade, organizar minhas roupas por ordem de tamanho e cores. Sons altos me incomodam, não gosto de toque físico, principalmente quando são inesperados. Às vezes, me acham estranho por ser diferente, muitos não entendem e até falam que sou doido. Gosto muito de estudar matemática, são fórmulas que me fazem imaginar a inteligência da pessoa que criou — isso me motiva e me faz querer estudar e aprender cada vez mais.

Tudo funcionava do meu jeito, até que um dia minha mãe precisou viajar a trabalho e teria que me levar. Ficaríamos lá por duas semanas e isso desmoronou minha rotina. A viagem de ônibus foi um terremoto, o barulho do motor, pessoas falando alto me incomodaram bastante.

Ao chegar lá, fomos para um apartamento, nos organizamos e resolvi ir até a parte de baixo; ao lado, tinha um cachorro e quando aproximei, ele começou a latir. Escondi-me atrás de uma parede e, segurando uma pedra, comecei a chorar sem saber o que fazer. Logo, minha mãe percebeu que eu não estava dentro de casa e foi me procurar. Ela avistou-me e fez a seguinte pergunta:

— O que está acontecendo? Por que estás chorando?

Nesse momento, eu não conseguia falar nada, só queria sair daquele lugar. A dona do cachorro percebeu o movimento e logo o retirou e perguntou a minha mãe:

— Ele tem algum problema?

Minha mãe não quis responder. Depois dessa pergunta, me senti sozinho, queria muito ir lá embaixo, mas depois daquele dia, fiquei com muito medo de ir até lá.

No dia seguinte, às seis e quinze, eu e minha mãe acordamos. Ela precisava ir ao centro, levou-me com fonos para o ponto de ônibus. O ônibus não demorou a

passar e, novamente, todo aquele sufoco se repetiu: o barulho do motor, pessoas falando alto — um barulho insuportável. Cobri os ouvidos com as mãos me encolhi no banco, minha mãe tentando me acalmar falava:

— Calma Pedro, estamos chegando, fica tranquilo.

Eu não conseguia falar nada, só tapava os ouvidos para diminuir todo aquele barulho. Foi insuportável passar por aquilo novamente. As pessoas não escondiam seus olhares de julgamentos, e eu me sentia atacado por elas.

Chegando ao local, fomos a um mercado. Estava calmo, não me senti tão incomodado. Minha mãe encontrou uma amiga de infância, a Maria, e ela perguntou:

— Ele está tão quieto, né?

Minha mãe respondeu:

— Mas está observando tudo ao redor. Esteve muito assustado esses dias.

Depois de dias, finalmente, chegou o dia de voltarmos para casa. Já não aguentava mais ficar sem minha rotina de todos os dias. Antes de pegar o ônibus, minha mãe conversou comigo e explicou que só tinha como voltar de ônibus. Tentou me tranquilizar mais. Mesmo com tanto medo, eu consegui voltar. Me incomodou, mas eu queria muito chegar em minha casa.

Mesmo com todo esse sofrimento de ida e vinda, ainda gosto da minha rotina, continuo sentindo um desconforto muito grande com barulhos e as mudanças diariamente. Mesmo que existam pessoas que vão me julgar com olhares, até mesmo com palavras tentando me desprezar e me diminuir, hoje, eu sei que meu mundo não é pior do que o dos outros, é apenas diferente. E essa diferença não é um defeito, só mostra quem realmente sou. Eu sou autista e meu nome é Pedro. Esse é meu jeito, diferente dos demais.



Capítulo IX

ENTRE O QUE EU ERA E O QUE AINDA QUERO SER

Maria Eduarda Dias Araújo

Hoje, me pego pensando se algum dia existirá alguma cura para a minha doença.

Prazer, meu nome é Angeline, e eu descobri que possuo uma doença chamada ataxia de Friedreich. Antes de descobrir isso, eu tinha certeza de que sabia exatamente o que queria para o meu futuro. Eu queria escrever. Mas não escrever poemas ou compor músicas. Eu queria escrever romances. Histórias de amor, daquelas que tiram as pessoas deste mundo e as levam para outro. Queria coisas grandiosas. Coisas que me fizessem embarcar em uma vida cheia de novidades e acontecimentos, que me proporcionassem a sensação de satisfação por saber que meu destino era fazer aquilo que eu tanto amava.

2012 foi o ano que mudou completamente a minha vida. Foi um ano de muitas perdas, sonhos apagados e tentativas falhas de começar uma vida nova. Foi também o ano em que perdi meus pais em um acidente. E, de repente, minha zona de conforto virou um pesadelo. Precisei aprender a viver sem o apoio deles, sem o amor que fazia com que eu enxergasse a vida de uma forma mais leve.

Sem saber para onde iria, fui pedir ajuda à minha tia Marta. Ela conhecia minhas condições e, diferente de muitas pessoas, nunca me menosprezou por causa delas. No começo, tudo era estranho. A casa, o bairro, a vida dela, a rotina. Enfim, tudo.

Eu nunca fui muito próxima da minha tia, mas sabia que, se precisasse de ajuda, ela escolheria me ajudar. Quando completei um ano morando com ela, as coisas haviam mudado bastante. Minha rotina estava quase voltando a ser como antes. Naquela época, peguei meu diário e tentei começar a escrever novamente. Estava segura de que seria uma boa ideia trazer aquele sonho do passado para o meu presente.

Quando comecei a escrever, percebi que minhas letras estavam tortas. Minha mão tremia, e eu precisava reescrever a mesma palavra várias vezes. Eu tentava ignorar aquilo. Mas não era fácil.

Desde pequena, sonhava em ser uma escritora conhecida. De repente, descobri da pior forma que teria que adiar um sonho por causa da minha deficiência. Tia Marta me ajudava muito em relação a isso. Ela me motivava a continuar tentando escrever. Era como uma segunda mãe para mim.

Graças a ela, eu também conseguiria iniciar um tratamento para tentar controlar os efeitos da minha condição. Era a minha esperança. Amanhã seria o grande dia. Eu faria minha primeira consulta com o doutor Florence.

Minha tia o conhecia havia bastante tempo e tinha sido ela quem me indicara fazer o tratamento com ele. Eu estava muito feliz por saber que teria uma oportunidade de tentar melhorar minha condição. Estava tão feliz que minha tia disse que eu poderia sair para algum lugar e aproveitar o final daquele dia maravilhoso e ensolarado.

Decidi procurar uma biblioteca que ficasse perto de casa. Afinal, fazia muito tempo que eu não entrava em uma. No caminho, fiquei pensando no quanto me entristecia não conseguir escrever nem sequer um capítulo de uma história. Isso me deixava profundamente abalada. Distraída, acabei esbarrando em um garoto que passava pela rua.

Ele era alto, tinha olhos castanhos, cabelos escuros e um olhar que, por algum motivo, me chamou atenção. — Desculpe. Estava tão distraída que esbarrei em você. Ele apenas olhou para mim e saiu sem dizer nenhuma palavra.

Quando cheguei à biblioteca, fui direto para a seção de romances. Eu particularmente era obcecada por histórias de amor. Enquanto procurava alguns livros, olhei para o lado. Era ele. O garoto em quem eu havia esbarrado estava ali, limpando as prateleiras. Ignorei sua presença e continuei procurando os livros que me interessavam.

Quarenta minutos se passaram, e eu precisava voltar para casa. Não havia avisado minha tia de que demoraria tanto. Quando cheguei, percebi que ela não estava lá. Foi então que notei algo diferente. Havia uma caixa marrom, aparentemente muito antiga, com um pequeno cadeado sobre a mesa de jantar. Fiquei curiosa. Não aguentei e tentei abri-la. Era difícil, principalmente porque eu não tinha a chave do cadeado. Depois de algum tempo tentando, finalmente consegui. Dentro havia algumas fotografias antigas. Fotos dos meus pais, de amigos deles e de pessoas que eu não reconhecia.

Fiquei olhando para aquelas imagens durante alguns minutos, tentando imaginar como havia sido a vida deles antes de mim. Foi quando minha tia chegou. Ela parou ao me ver com a caixa aberta.

— Como você conseguiu abrir, Angeline?

— A caixa caiu acidentalmente no chão. Eu fiquei curiosa e acabei vendo o que tinha dentro, tia.

Ela ficou em silêncio por alguns segundos. Depois, pegou a caixa.

— Não mexa mais nisso, está bem? Assenti. Ela não parecia exatamente brava. Parecia assustada. Pegou a caixa e foi para o quarto, dizendo que precisava descansar porque sua tarde não havia sido muito agradável.

Naquele momento, não entendi o motivo de sua reação. Hoje, era o dia da minha primeira consulta. Eu estava muito nervosa, pois não sabia como seria. Ao chegar ao hospital, o doutor Florence foi bastante atencioso comigo. Depois de

alguns minutos, começamos o tratamento. Tudo parecia estar indo bem. Pelo menos era o que eu pensava. Os meses passaram. No começo, achei que estava melhorando. Mas, pouco a pouco, comecei a perceber algo estranho. Minha condição estava piorando.

Eu sentia cada vez mais fraqueza nas pernas. Meu equilíbrio estava comprometido e eu tinha dificuldades para coordenar os movimentos dos braços. Aquilo não fazia sentido.

Alguns meses antes, eu estava melhor. O tratamento parecia estar funcionando. Eu até havia conseguido começar a escrever o primeiro capítulo de um livro que planejava fazer havia muito tempo. Mas agora tudo parecia estar desaparecendo novamente.

Naquele dia, fui ao hospital sozinha. Minha tia estava ocupada resolvendo algumas questões do trabalho. Ao chegar, perguntei ao doutor Florence por que meu estado clínico havia piorado tanto nos últimos meses. Ele hesitou.

— Eu não posso explicar isso para você agora. — Como assim?

— Preciso conversar sobre essas complicações diretamente com sua tia.

— Mas a paciente sou eu.

Ele ficou em silêncio.

— Sua tia pediu que determinadas informações fossem discutidas somente com ela. Aquilo me deixou desconfortável. Saí do consultório sem entender nada.

Quando cheguei em casa, perguntei diretamente a Marta por que eu não podia saber sobre meu próprio tratamento.

Ela respondeu que fazia aquilo para me proteger. — Você não precisa ficar preocupada com exames, hospitais e medicamentos, Angeline.

— Mas como eu não vou ficar preocupada se minha saúde está piorando? Ela não respondeu.

Fui para o meu quarto. Algumas horas depois, ouvi minha tia falando ao telefone. Sua voz estava baixa. Aproximei-me da porta para tentar ouvir.

— Angeline está desconfiada — ela disse. — Ela não pode descobrir que eu troco os remédios dela. Meu corpo congelou.

Por alguns segundos, não consegui respirar direito. Voltei imediatamente para o quarto antes que ela percebesse que eu estava ouvindo.

Naquela noite, não consegui dormir. A mulher que eu considerava uma segunda mãe estava trocando meus medicamentos. Mas por quê? No dia seguinte, fui novamente à biblioteca. Eu precisava ficar longe daquela casa. Quando cheguei, o garoto estava trabalhando. Dessa vez, tomei coragem para falar com ele. Aproximei-me.

— Oi.

Ele levantou os olhos.

— Oi.

— Meu nome é Angeline.

— Eu sei.

Franzi a testa.

— Como sabe?

Ele apontou para um livro que eu segurava. — Seu nome está escrito nele. Olhei para a capa e percebi que havia escrito meu nome na primeira página. Ele sorriu discretamente.

— Meu nome é Vicente. Prazer. Respirei fundo. Eu estava tão confusa que precisava contar aquilo para alguém.

— Vicente... Posso te pedir para guardar um segredo? Ele percebeu que havia algo sério acontecendo. — Pode. Contei tudo. Contei sobre minha doença, sobre o tratamento, sobre minha tia e, principalmente, sobre o que havia escutado. Vicente ficou em silêncio durante alguns segundos. — Você tem certeza de que ouviu isso?

— Tenho.

— Então você precisa descobrir o que está acontecendo antes de confrontá-la.

— Eu sei.

Ele pensou por um instante.

— E se ela estiver realmente trocando seus medicamentos, você precisa procurar ajuda. Aquelas palavras me deram coragem. Naquele mesmo dia, decidi voltar para casa. Eu precisava descobrir a verdade. Quando entrei, minha tia estava sentada na sala. Ela me olhou.

— Você demorou.

Coloquei minha bolsa sobre a mesa.

— Precisamos conversar.

Ela percebeu imediatamente que havia algo errado. — Sobre o quê?

— Sobre meus medicamentos.

O rosto dela mudou.

— O que tem eles?

— Eu sei.

Ela permaneceu imóvel.

— Sei que você está trocando meus remédios. Durante alguns segundos, nenhum de nós disse nada. Então Marta começou a chorar.

— Eu não queria que você descobrisse assim. Senti meu coração apertar.

— Então é verdade?

Ela abaixou a cabeça.

— É.

— Por quê?

Ela demorou a responder.

— Porque eu não suportava olhar para você.

Aquelas palavras me atingiram como um golpe. — O quê?

— Eu amava minha irmã. Mais do que você imagina. Mas ela sempre teve tudo aquilo que eu queria. Ela começou a falar sobre minha mãe. Sobre a infância das duas. Sobre como minha mãe havia conhecido meu pai, seu amor de infância, e como os dois construíram uma vida juntos. Marta nunca havia superado aquilo.

— Eu amava seu pai — confessou. — Antes de ele conhecer sua mãe. Antes de eles ficarem juntos. Senti meus olhos se encherem de lágrimas. — Você tinha inveja da minha mãe?

— Tinha.

Ela respirou fundo.

— E depois você nasceu. Você era a prova de que eles tinham conseguido aquilo que eu nunca consegui. Uma família. Uma vida juntos. Amor.

— Então você fez isso comigo?

— No começo, eu só queria que você dependesse de mim. Queria que você precisasse de mim para tudo. Depois... ficou mais fácil continuar.

— Você sabia que eu estava piorando.

— Eu sabia.

— E mesmo assim continuou?

Ela chorou.

— Eu me convenci de que, se você estivesse doente, eu seria a única pessoa que poderia cuidar de você. As lágrimas começaram a cair pelo meu rosto. Naquele momento, finalmente entendi.

A pessoa que eu acreditava estar me salvando era justamente aquela que estava me fazendo adoecer. — Você roubou meu futuro.

Marta não respondeu.

— Eu queria escrever — continuei. — Eu queria viver. Queria descobrir quem eu seria. E você tirou isso de mim. Ela apenas chorava. Peguei meu celular e saí da sala. Dessa vez, não voltei para o meu quarto. Fui procurar ajuda.

No hospital, contei tudo ao doutor Florence. Ele ficou chocado ao descobrir o que estava acontecendo. Após a avaliação médica, os medicamentos foram analisados e o tratamento foi interrompido para que minha equipe médica pudesse definir uma nova conduta.

Também contei sobre as conversas que havia escutado. Minha tia não conseguiu negar o que havia feito. Dias depois, ela foi responsabilizada pelas próprias ações.

Eu não a perdoei. Talvez algum dia conseguisse. Mas naquele momento, precisava aprender a perdoar a mim mesma por ter confiado nela. Os meses seguintes não foram fáceis. Precisei reconstruir minha rotina. Meu tratamento mudou. Minha família já não era mais a mesma. Mas havia algo que continuava comigo. Meu sonho. Um dia, voltei à biblioteca. Vicente estava lá. Ele me viu entrar e sorriu.

— Você voltou.

— Voltei.

Coloquei um caderno sobre a mesa.

— E trouxe uma coisa.

Ele abriu o caderno. Na primeira página havia apenas uma frase: *"Algumas histórias começam quando tudo parece estar perdido."* Vicente olhou para mim.

— Você escreveu isso? Sorri.

— Escrevi.

Minha mão ainda tremia. Minha letra ainda não era perfeita. Eu ainda precisava de tempo para escrever. Mas, pela primeira vez em muito tempo, aquilo não importava. Porque percebi que talvez meu sonho nunca tivesse sido escrever histórias perfeitas. Talvez meu sonho fosse simplesmente poder contar histórias. E aquela era a minha.

A história de uma menina que perdeu os pais, perdeu parte da própria autonomia, perdeu a confiança na pessoa que mais amava e, por algum tempo, acreditou que também havia perdido o futuro. Mas não havia perdido. Ainda estava ali. Esperando para ser escrito. Olhei para Vicente.

— Acho que finalmente sei sobre o que será meu primeiro livro.

— Sobre o quê?

Fechei o caderno.

— Sobre uma garota que achava que sua história tinha terminado.

Ele sorriu.

— E como termina?

Pensei por alguns segundos. Então respondi:

— Não termina.

Abri o caderno novamente e comecei a escrever. Porque algumas histórias não precisam de um final. Precisam apenas de uma nova página.



Capítulo X

A MELODIA DE SANDRIEL

Carlos Daniel de Lima Sousa

A névoa úmida do fim de tarde entrava pela janela basculante da sala, trazendo o aroma forte de café recém-passado e o cheiro característico de terra molhada vindo do quintal. Sandriel passou a mão esquerda sobre a superfície do caderno de capa dura, tateando com precisão e o relevo das marcações em braille que ele próprio havia feito durante as últimas semanas.

Aos dezessete anos, cego de nascença e com uma paralisia parcial na mão direita que limitava drasticamente o movimento dos dedos, ele aprenderá a enxergar o mundo através de combinações de sons, texturas e ritmos.

Para Sandriel, a poesia nunca foi apenas palavra escrita ou falada, mas uma experiência sonora completa onde cada verso podia ser uma melodia correspondente para ganhar vida. O jovem passou o último mês em uma rotina intensa de preparação para o grande sarau cultural que aconteceria no salão da associação de moradores do bairro, um evento tradicional que reuniria diversos artistas locais, músicos e poetas da região. Sua rotina diária de ensaios sempre contou com a colaboração indispensável de Elie, sua amiga de infância e vizinha de porta.

Era Elie quem transcrevia pacientemente cada um de seus poemas para as folhas de papel encorpado, organizava os blocos de notas em pastas táteis e o ajudava a configurar os timbres do seu pequeno teclado elétrico, garantindo que o instrumento estivesse perfeitamente adaptado para que ele o manuseasse apenas com a mão esquerda.

A grande complicação surgiu no final da tarde, a pouco menos de duas horas do início do evento. Enquanto os dois organizavam os cabos e ajustavam os últimos detalhes antes de saírem de casa, a trava do suporte dobrável cedeu e o teclado despencou no chão de taco.

O impacto foi muito forte e quebrou justamente o painel do lado esquerdo, inutilizando o único setor do instrumento que Sandriel conseguia alcançar e operar com facilidade usando sua mão funcional. O choque tomou conta do ambiente. Sem o teclado configurado para a sua técnica adaptada, e sabendo que a rigidez de sua mão direita o impedia de dedilhar um instrumento convencional,

a participação no recital parecia repentinamente inviável.

Recusando-se a aceitar que meses de dedicação fossem descartados por um acidente, Elie começou a buscar alternativas pelo bairro. Ela se lembrou de que no acervo de doações do centro comunitário havia um velho violão de nylon, guardado em um armário da sala de apoio.

Os dois seguiram apressados até lá e, com a permissão do encarregado do local, começaram a improvisar uma solução. Usando uma fita larga de tecido e um apoio ajustável de madeira, Elie conseguiu fixar o corpo do violão em uma posição quase vertical diante da cadeira, de modo que Sandriel não precisasse usar o braço direito para sustentar o peso do instrumento, mas apenas para mantê-lo estável contra o peito.

Quando o nome de Sandriel foi anunciado no sistema de som e ele subiu ao palco auxiliado por Elie, o peso da expectativa tomou conta do salão. A sala de eventos estava lotada, e a acústica ampla do espaço transformava os murmúrios e o arrastar de cadeiras em um eco distante e intimidador. Sentado diante de um violão preso a um suporte improvisado, a hesitação travou os movimentos do jovem. Fazer a transição de um teclado elétrico para um instrumento acústico de cordas a poucos minutos de entrar em cena exigia uma adaptação tátil imediata.

O medo de perder a marcação do tempo ou desafinar as cordas fez surgirem memórias de velhas inseguranças sobre suas limitações físicas. Ao perceber a pausa prolongada e o silêncio tenso que se instalara no público, Elie deu dois toques firmes no tablado de madeira ao lado do banco, o sinal combinado para confirmar que o microfone estava na altura correta e que o palco pertencia a ele.

Sandriel puxou o ar profundamente, concentrou-se no aroma de madeira do palco e na ressonância do ambiente, e tomou a decisão de mudar completamente sua abordagem. Em vez de tentar dedilhar as cordas da maneira tradicional algo que o suporte e a falta de treino inviabilizavam, ele usou a palmar da mão esquerda para alternar batidas percussivas no corpo de ressonância do violão, enquanto usava os dedos para pressionar acordes pontuais na parte superior do braço. Ele projetou a voz e começou a declamar seus versos com uma cadência firme.

A combinação do ritmo seco batido na madeira com o timbre marcante de sua poesia criou uma atmosfera envolvente e original, que capturou imediatamente a atenção de todos na plateia.

Quando a última estrofe foi pronunciada e a vibração final da caixa de madeira se dissipou no ar, o salão permaneceu em absoluto silêncio por um breve instante, antes de romper em uma salva de aplausos entusiasmados. Elie subiu ao palco para guiar a saída do amigo, que sorria amplamente ao ouvir a reação do público, ciente de que havia superado a quebra do seu equipamento e encontrado uma linguagem musical inteiramente nova.



Capítulo XI

TER AMIGOS FAZ DIFERENÇA

Antonio Marcos Alves da Silva

Meu nome é Jane, tenho vinte e sete anos, moro numa cidadezinha um pouco longe da capital, gosto bastante de escalar morros, sou fascinado pela natureza e sou corredor profissional. Esse ano vou correr meu terceiro grande festival de corrida que acontece todo ano na capital.

Às 05:00 da manhã saí para correr, fiz um percurso de trilha ecológica que é bastante usado por passar no meio de morros mais altos, onde gosto de vir com meus amigos. Quando retornei às 07:00, encontrei Léo, meu amigo que mora na capital. Ele também corre e tinha vindo passar uns dias por aqui antes do festival.

— E aí, Jane! Quando cheguei, você não estava. Estava correndo?

— beleza Léo, é de lei já respondi.

— Você vai fazer o que de amanhã à tarde?

— Nada. Estou de férias do trabalho. Então, estou livre — respondi.

— pois vamos escalar, dinda deve estar me esperando. Tá bom , passei o resto da tarde arrumando os equipamentos, naquela amanhã não fui pra minha corrida matinal, mais fui na capital porque lembrei que não tinha feito minha inscrição pra competir peguei a c10 veia lá de casa e se fui.

— Olá bom dia, vim me inscrever para o festival. — Bom dia aqui só preencher com seus dados e está inscrito respondeu a moça do club lift Spot. E voltei pra casa alegre pois mais tarde iria fazer uma das coisas gosto, passei na casa do Léo e fumos pro lugar destinado, chegando na metade do caminho, deixamos a camionete e terminamos o resto á pé, poucos passos e chegamos no topo do morro, instalamos as cordas e voltamos ao ponto de partida do morro pra começar a escalar, conversamos sobre diversos assuntos, após conseguimos subir retornamos para casa.

Passou uma semana e já era amanhã o dia do festival, peguei a camionete passei na casa de Léo e de lá descermos para sua casa da capital para a corrida. — finalmente mano chegou dia tá preparado perguntou Léo, tô pronto. Partimos

pra pista, o povo nas arquibancadas já estavam agitados então o capitão deu a largada, Léo começou na minha frente, mais alcancei ele foi uma disputa acirrada, corremos um tempo lado a lado, quando tomei impulso e cruzei a linha de chegada em primeiro e Léo em segundo lugar. daí fomos comemorar com Jenna e Victor amigos nossos que estavam assistindo a corrida.

Chegando o fim de semana fumos buscar Victor e Jenna, pois havíamos combinado de ir escalar, Léo no caminho comentou que teria um campeonato corrida na cidade vizinha e perguntou se eu iria, falei que não perderia por nada, ao chegar na casa de Victor, ele disse que tinha um lugar melhor pra nois ir, sem pensar duas, resolvemos ir, porém ninguém conhecia o lugar direito Victor tinha visto no panfleto qualquer.

Quando chegamos, vimos o tamanho da montanha. Depois de preparar os equipamentos, começamos a escalada. Tudo estava divertido até que, ao pisar em uma pedra, escorreguei e caí. Fiquei desacordado e meus amigos me levaram ao hospital. Quatro horas depois, acordei sem conseguir mexer as pernas. Léo explicou que eu havia caído de uma grande altura e que era um milagre eu estar vivo. Em seguida, descobri que havia perdido uma das pernas.

Meu mundo desabou, pois pensei que nunca mais poderia correr. No dia seguinte, Léo me levou para casa. Durante o caminho, passamos por uma pista de corrida, o que me deixou ainda mais triste.

Meses depois, Léo foi me visitar e perguntou como eu estava. Contei que não fazia mais o que gostava. Ele disse que seu pai, dono de uma empresa e patrocinador do clube Lift Spot, poderia ajudar. Com esse apoio, consegui uma prótese e iniciei um tratamento para voltar a praticar esportes.

Um mês depois, o clube passou a incluir esportes adaptados para pessoas com deficiência. Assim, com a ajuda dos meus amigos, pude voltar a correr.



Capítulo XII

ALÉM DOS LIMITES

Marcos Almeida de Carvalho

Meu nome é Lucas, tenho dezesseis anos e moro com minha mãe em uma pequena cidade do interior. Desde criança, uso cadeira de rodas por causa de uma deficiência que afetou meus movimentos. Apesar disso, nunca gostei que as pessoas me tratassem como alguém incapaz. Eu tinha meus sonhos, minhas vontades e, principalmente, uma enorme vontade de mostrar que uma deficiência não define quem uma pessoa é.

Eu estudava em uma escola onde conhecia quase todo mundo. Meus melhores amigos eram Pedro e Ana. Eles sempre estavam comigo, principalmente quando eu precisava de ajuda para passar por algum lugar mais difícil da escola. Eu gostava muito de participar das atividades e, naquele ano, a escola anunciou uma competição esportiva entre as turmas. Quando soube, fiquei animado, pois sempre gostei de desafios.

No entanto, quando contei para alguns colegas que queria participar, ouvi uma risada.

— Você vai participar? Mas como? — perguntou um dos alunos.

Naquele momento, fiquei em silêncio. Senti vergonha e uma tristeza enorme. Por alguns segundos, pensei em desistir. Talvez aquelas pessoas tivessem razão, pensei. Talvez eu realmente não conseguisse.

Pedro percebeu que eu estava triste e se aproximou.

— Lucas, não liga para isso. Se você quer participar, a gente vai encontrar um jeito. Ana também concordou:

— O importante é você ter a oportunidade de tentar, igual a todo mundo.

As palavras dos meus amigos me deram coragem. Conversei com o professor de Educação Física e expliquei que queria participar da competição. Ele ouviu com atenção e começou a pensar em uma forma de adaptar uma das provas para que eu pudesse competir. A escola preparou um percurso acessível e permitiu que eu participasse junto com os outros alunos.

Nos dias seguintes, comecei a treinar. No começo foi difícil. Eu ficava cansado e algumas vezes pensava que não conseguiria. Mesmo assim, continuava. Cada treino me fazia perceber que eu era capaz de superar um pouco mais os meus próprios limites.

Finalmente, chegou o dia da competição. A quadra estava cheia de alunos, professores e familiares. Meu coração estava acelerado. Quando me chamaram para começar, respirei fundo e olhei para a pista.

— Eu consigo — falei baixinho para mim mesmo.

Comecei a prova. No início, estava indo bem, mas, no meio do percurso, uma das rodas da minha cadeira encontrou uma pequena dificuldade no chão. Parei por alguns segundos. Escutei algumas pessoas conversando e senti medo de que todos começassem a rir. Naquele instante, pensei em desistir.

Então ouvi a voz de Ana:

— Vai, Lucas! Você chegou até aqui!

Pedro também gritou:

— Não desiste!

Olhei para frente e continuei. Consegui superar aquele obstáculo e terminei a prova. Não fui o primeiro colocado, mas, quando cheguei ao final, ouvi uma grande comemoração. Meus amigos vieram me abraçar e o professor sorriu orgulhoso.

O aluno que havia feito aquela brincadeira comigo se aproximou.

— Lucas, eu estava errado. Achei que você não conseguiria, mas você mostrou que eu estava enganado. Desculpa.

Eu sorri e respondi:

— Tudo bem. O importante é entender que todo mundo merece uma chance.

Naquele dia, percebi que minha maior vitória não tinha sido ganhar uma medalha. Minha vitória foi não deixar que o preconceito de outras pessoas decidisse o que eu poderia ou não fazer.

Depois daquele acontecimento, a escola começou a prestar mais atenção na acessibilidade. Alguns lugares receberam adaptações, e os professores passaram a conversar mais com os alunos sobre respeito e inclusão. Eu também comecei a participar de outras atividades e percebi que muitos colegas mudaram a forma de me enxergar.

Hoje, quando lembro daquele dia, ainda sinto orgulho. Aprendi que superar dificuldades não significa fazer tudo sozinho, mas também saber aceitar ajuda, lutar pelos nossos direitos e não desistir dos nossos sonhos.

Eu continuo tendo limitações, como qualquer pessoa tem as suas, mas também tenho talentos, sonhos e muitas possibilidades. Aprendi que inclusão não é trata alguém como diferente, e sim garantir que todos tenham as mesmas oportunidades de participar, aprender, escolher e conquistar seus objetivos.

Minha deficiência faz parte da minha história, mas ela nunca será toda a minha história.



Capítulo XIII

A ÚLTIMA PÁGINA

Bruna Alexandra Lopez

Meu nome é Hanna, tenho dezesseis anos e uso um aparelho auditivo desde criança. Sempre gostei de escrever. Talvez porque, quando colocava meus pensamentos no papel, eu não precisava me preocupar se alguém iria entender o que eu estava tentando dizer.

Na escola, eu era conhecida como a garota do caderno azul. Ele estava sempre comigo. Dentro dele havia poemas, histórias, desenhos e até pensamentos que eu jamais teria coragem de contar para alguém.

Naquele setembro, porém, meu caderno estava diferente. Havia mais páginas em branco do que escritas.

Eu estava enfrentando uma fase difícil. Depois de passar anos ouvindo comentários sobre meu aparelho, sendo deixada de fora de algumas conversas e sentindo que precisava me esforçar o dobro para ser tratada como os outros, comecei a me afastar das pessoas.

Eu tinha depressão e, naquele período, ela fazia com que até as coisas que eu mais gostava perdessem a graça.

Foi então que a professora Marina anunciou uma novidade.

— A escola vai participar de um concurso de redação — disse ela para a turma.

— O tema será “Um mundo onde todos tenham espaço”. Quero escolher alguém para representar nossa sala.

Meu coração acelerou.

Eu amava escrever, mas não imaginava que ela pudesse pensar em mim.

Depois de ler algumas redações, a professora colocou uma folha sobre minha mesa. — Hanna, quero que você represente nossa escola. Fiquei sem palavras. Pela primeira vez em muito tempo, senti orgulho de mim mesma. Mas minha felicidade não durou muito. No intervalo, uma colega chamada Bianca se aproximou de algumas amigas. Eu estava passando perto quando ouvi:

— Ela só foi escolhida porque a professora ficou com pena. Parei por alguns segundos. Bianca continuou:

— Aposto que nem vai conseguir terminar a redação. Fingi que não tinha escutado. Continuei andando até a biblioteca, sentei em uma mesa no canto e abri meu caderno azul. Naquela tarde, tentei escrever. Não consegui. Apaguei uma frase. Depois outra. Rasguei uma folha. Quanto mais eu tentava, mais a voz de Bianca aparecia na minha cabeça. "Ela só foi escolhida por pena." Fechei o caderno.

Talvez ela estivesse certa. Talvez eu realmente não fosse boa o bastante. Naquela noite, minha mãe percebeu que eu estava quieta.

— Aconteceu alguma coisa, Hanna?

— Não.

Ela ficou me olhando por alguns segundos.

— Você sabe que não precisa esconder tudo de mim, não sabe?

Baixei os olhos.

— Acho que eu vou desistir do concurso. Ela se sentou ao meu lado.

— Por quê?

— Contei o que Bianca havia dito. Minha mãe ficou em silêncio por alguns instantes e então respondeu:

— Se você desistir porque percebeu que não quer participar, tudo bem. Mas se desistir porque alguém fez você acreditar que não é capaz, estará deixando outra pessoa decidir o tamanho dos seus sonhos. Passei a noite pensando naquilo. No dia seguinte, ainda não sabia se conseguiria escrever, mas decidi tentar. Durante o recreio, encontrei Gabriel, meu melhor amigo.

— Você vai desistir? — ele perguntou.

— Não sei.

— Então não decide hoje. Escreve primeiro. Depois você decide.

Sorri. Era exatamente o que eu precisava ouvir. Comecei a escrever naquela tarde.

Escrevi sobre acessibilidade, respeito e sobre como muitas pessoas confundiam inclusão com pena. Escrevi sobre como eu não queria que as pessoas me tratassem como alguém frágil. Eu queria apenas ter as mesmas oportunidades. Mas, enquanto escrevia, percebi que estava falando também sobre mim. Chegou o dia da entrega.

Eu tinha terminado a redação, mas ainda precisava apresentá-la diante de uma comissão de professores e alunos. Minhas mãos tremiam. Quando chamaram meu nome, senti vontade de voltar para casa. Olhei para a porta.

Por alguns segundos, pensei em desistir. Então vi minha mãe sentada na última fileira. Ao lado dela estava Gabriel. Respirei fundo e fui até a frente.

— Meu nome é Hanna — comecei.

Minha voz tremia, mas continuei.

— Durante muito tempo, pensei que ser incluída significava que alguém precisava abrir espaço para mim. Hoje entendo que não é isso. Eu não quero um lugar por pena. Quero um lugar porque também tenho capacidade, sonhos e algo para dizer.

Levantei os olhos.

— Minha deficiência auditiva faz parte da minha vida, mas não é tudo o que eu sou. Sou escritora, sou amiga, sou filha e sou uma pessoa que ainda está aprendendo a lidar com seus próprios sentimentos. Fiz uma pausa.

— Também quero falar sobre uma coisa que quase ninguém percebe. Às vezes, uma pessoa pode estar sorrindo enquanto enfrenta uma batalha enorme por dentro. Por isso, precisamos aprender a ouvir até aquilo que não é dito. Quando terminei, fiquei alguns segundos em silêncio. Então os aplausos começaram. Olhei para a professora Marina. Ela sorria. Dias depois, recebemos o resultado. Eu havia ficado em primeiro lugar.

Quando ouvi meu nome, senti uma emoção que não conseguia explicar.

Não era apenas pela vitória. Era porque, algumas semanas antes, eu estava pronta para abandonar tudo. Peguei meu caderno azul e escrevi uma nova frase na última página:

"Eu quase desisti porque alguém disse que eu não era capaz. Ainda bem que descobri que a minha história não precisa terminar na opinião de outra pessoa." Bianca nunca pediu desculpas, mas isso já não tinha o mesmo peso para mim.

Eu também continuei enfrentando dias difíceis. Minha depressão não desapareceu com um concurso, e eu sabia que ainda precisava de ajuda e acompanhamento. Mas agora eu falava quando não estava bem. Pedi ajuda. Aceitei ajuda. E descobri que isso não me tornava fraca. Aquele concurso terminou, mas alguma coisa dentro de mim havia começado.

Eu finalmente entendi que superar um problema não significa nunca mais sentir medo. Significa sentir medo e, mesmo assim, continuar escrevendo a próxima página. A minha ainda estava em branco. E, pela primeira vez em muito tempo, eu estava ansiosa para preenchê-la.



Capítulo XIV

DO MEU JEITO

Marcelo Rodrigues de Sousa Júnior

Meu nome é João e eu tenho uma deficiência no braço direito. Desde pequeno, aprendi a fazer as coisas de um jeito diferente. Quando comecei em uma escola nova, fiquei com um pouco de vergonha. Eu tinha medo de que os outros alunos ficassem perguntando sobre meu braço ou fazendo brincadeiras comigo.

No primeiro dia, entrei na sala bem quieto e sentei no meu lugar. Alguns alunos ficaram olhando, mas ninguém falou nada. Eu só queria que a aula acabasse logo.

No recreio, fiquei sentado sozinho. Até que um menino chamado Pedro veio falar comigo.

— Ei, você gosta de futebol?

Eu disse que sim. A gente começou a conversar e descobrimos que gostávamos dos mesmos times. Depois de um tempo, ele me chamou para ficar com os amigos dele. No outro dia, Pedro me chamou para jogar bola. Eu fiquei com um pouco de medo de não conseguir jogar direito, mas aceitei. No começo, eu estava nervoso e quase não pegava na bola. Depois, fui me soltando e comecei a jogar melhor.

Os meninos começaram a passar a bola para mim e comemorar quando eu acertava. A gente brincou, correu e deu muita risada. Depois daquele dia, comecei a conversar mais com a turma. Nas aulas, também comecei a participar mais e até ajudei Pedro em um trabalho que a professora passou. Com o tempo, percebi que eu estava muito preocupado com o que os outros iriam pensar. Na verdade, a maioria só queria me conhecer e ser minha amiga. Hoje, eu já não tenho tanta vergonha. Sei que sou diferente em algumas coisas, mas isso não me impede de estudar, brincar, fazer amigos e me divertir.

Eu aprendi que não devemos julgar alguém pela aparência ou por uma deficiência. Todo mundo tem seu jeito, e o que importa mesmo é respeitar as pessoas.



Capítulo XV

ATRAVÉS DOS OLHOS

Letícia Gomes Ferreira

Meu nome é Ana Lúcia e eu não enxergo desde que nasci. O que, para algumas pessoas, significa algo inimaginável de viver, para mim, significa compreender o mundo do meu jeito, através dos sons, dos cheiros e dos toques.

Para sentir tudo isso, uma das coisas que eu mais gostava de fazer era ir à pracinha do bairro com meus amigos, Marcos e Maria. Eu conhecia cada detalhe do trajeto: as árvores nas calçadas, das quais precisava desviar para não bater; as pedras altas onde minha bengala costumava travar; e o carrinho de pipoca que ficava ao lado do meu banco favorito na praça.

Em uma tarde de sábado, saí para ir à praça com meus amigos, como de costume, mas não sabia que aquele dia seria diferente. Ao sair de casa, senti o cheiro de concreto e escutei as vozes dos trabalhadores que estavam consertando um problema na rua.

— A rua está interditada — disse um dos trabalhadores.

— Você vai ter que ir pela outra rua — avisou uma vizinha.

— Ok, obrigada — respondi.

Mesmo sem conhecer aquele caminho, segui pela outra rua. Logo, pude sentir o movimento intenso na calçada. Pessoas passavam apressadas e algumas até pisavam na minha bengala sem perceber. Além disso, havia o barulho constante dos carros, o que dificultava ainda mais minha orientação.

O aplicativo de mapas dizia que eu precisava atravessar a rua para chegar à praça. Não havia sinal sonoro, faixa adequada ou qualquer pessoa por perto que pudesse me ajudar. Fiquei alguns segundos parada.

Eu não queria depender de ninguém, mas também não sabia como atravessar com segurança. Como ninguém se ofereceu para ajudar, decidi atravessar sozinha. Poucos segundos depois, ouvi um barulho de freada. Em seguida, tudo aconteceu muito rápido. Caí no chão e senti uma forte dor. Ao meu redor, ouvi pessoas falando.

— Chame uma ambulância! — gritou uma mulher.

— Ela está machucada? — perguntou um homem.

Então ouvi a voz do motorista:

— Acho que pessoas com deficiência nem deveriam sair de casa. Aquelas palavras doeram mais do que a pancada do acidente. Será que a culpa era minha por ter nascido assim? Será que eu havia pedido para nascer com deficiência?

No hospital, eu só conseguia pensar que talvez tudo aquilo tivesse acontecido porque eu tinha atravessado na hora errada.

— Você está bem? — Perguntou Maria.

— Não — Respondi, com os olhos cheios de lágrimas.

Ela segurou minha mão.

— Você sabe que não foi sua culpa.

— Mas se eu não tivesse atravessado...

— Ana, você não fez nada de errado. A rua estava sem sinalização adequada, não havia acessibilidade e aquele motorista estava dirigindo em alta velocidade. Você não deveria ter que deixar de sair de casa por causa disso. Fiquei em silêncio.

Pela primeira vez, comecei a perceber que eu estava procurando a culpa no lugar errado. Alguns dias depois, ainda me recuperando do acidente, ouvi uma notícia na televisão sobre o ocorrido. A prefeitura havia decidido melhorar a sinalização e a acessibilidade daquela rua depois que moradores denunciaram os problemas.

Foi então que entendi algo que jamais esqueceria: minha deficiência não era o problema. O problema era viver em um lugar que não estava preparado para que pessoas como eu pudessem circular com segurança. Eu continuaria usando minha bengala. Continuaria indo à praça. Continuaria conhecendo o mundo através dos sons, dos cheiros e dos toques. Eu não precisava enxergar para saber onde queria chegar. E, naquele momento, percebi que talvez algumas pessoas precisassem aprender a enxergar muito mais do que eu.



Capítulo XVI

GAEL: O CAMINHO NÃO TEM BARREIRAS

Elzimar Batista da Silva Júnior

Meu nome é Gael, tenho quinze anos e moro com minha mãe e irmã em uma cidade grande.

Eu sempre gostei de desenhar e também de pintar. Desde criança, passava horas pintando e desenhando as ruas e as pessoas de forma bem realistas vendo cada detalhe das coisas, menos escolas, praças e os poucos que passavam.

Meu maior sonho era me tornar um artista para expor minhas artes em galerias, e um dos meus trabalhos em espaços públicos. Eu nasci com uma deficiência física que afeta os movimentos das minhas pernas, e, por isso, utilizo cadeira de rodas, mas não impede de ser quem eu sou. Ela faz parte da minha vida, mas não é a história toda. O que me incomoda são os locais que foram construídos como se eu não existisse. Naquela quarta-feira, acordei umas seis horas da manhã, acordei muito mais cedo.

— Gael, você não acha que está na hora de ir para a escola? — Minha mãe perguntou com a voz calma.

— Já estou levantando, mãe! — respondi arrumando meus materiais escolares.

Na verdade, não consegui dormir bem, pois estava preocupado com o projeto de arte. Eu e o meu melhor amigo Téo, tínhamos preparado uma exposição incrível das nossas artes.

Era uma Pintura que mostrasse os dados que diz de pessoas com deficiência e pontos que cada lugar da cidade podia ter mais inclusão social. Quando cheguei à escola, Téo – Finalmente! – ele disse, sendo a rocha que sustentava o resto dos meus quadros. Deixa? Nunca Parei noites Terminadas os últimos detalhes do quadro. Você dormiu pelo menos – pergunto Téo – respondeu Um pouco – Ele riu na quinta-feira e Todos precisava apresentar seus Trabalhos.

A feira estava marcada pra quinta-feira no salão do segundo andar. No entanto, quando soube, fui direto com a Coordenadora e professora Juliana. Ela disse que eu poderia mudar com ajuda de alguém. Contei para Téo, e juntos

fomos de sala em sala mostrando os quadros e explicando o problema de pessoas com deficiência nos espaços. Naquela noite, a diretora concedeu a licença para uma transferência para o pátio central e colocou para terça-feira. No dia seguinte apresentei a viagem. Expliquei e falei dos problemas de pessoas com deficiências ter inclusão social. Naquela hora o aplauso repercutiu, os aplausos de reconhecimento, de concordância, de aplausos!



Capítulo XVII

O DIA QUE EU NÃO DESISTI

Wingrid Teixeira de Oliveira

Meu nome é João e eu moro com minha mãe e meu irmão em uma cidade pequena. Eu sempre gostei muito de andar de bicicleta e de sair com meus amigos depois da escola. Um dia, meus amigos combinaram de fazer uma trilha perto de um sítio que ficava um pouco afastado da cidade.

Eu fiquei muito animado para ir, mas tinha um problema. Eu tinha uma deficiência na perna e não conseguia acompanhar meus amigos com a mesma facilidade. Mesmo assim, não queria ficar de fora.

No dia marcado, encontrei meus amigos na entrada da trilha. Quando eles me viram, um deles falou:

— João, você tem certeza que vai conseguir?

Eu fiquei meio sem graça, mas respondi:

— Vou tentar. Se eu não conseguir, pelo menos eu tentei.

Começamos a andar pela trilha. No começo estava tudo tranquilo, mas depois o caminho começou a ficar mais difícil. Tinha pedras, subidas e alguns lugares estreitos. Meus amigos foram na frente e eu comecei a ficar para trás.

Depois de um tempo, pensei em voltar para casa. Eu estava cansado e achei que estava atrapalhando todo mundo. Sentei um pouco em uma pedra e fiquei pensando.

Foi quando meu amigo Pedro voltou para me procurar.

— Por que você parou?

Eu respondi:

— Acho melhor eu voltar. Vocês estão muito na frente e eu só estou atrasando vocês.

Pedro olhou para mim e falou:

— Se você voltar agora, vai ficar pensando depois que podia ter continuado.

Vamos devagar.

Aquilo me deu mais vontade de continuar. Levantei e seguimos juntos. Pedro foi andando no meu ritmo e, de vez em quando, me ajudava nos lugares mais difíceis.

Depois de algum tempo, chegamos no lugar onde todos estavam esperando. Era uma parte alta da trilha e dava para ver quase toda a cidade de lá. Naquele momento, fiquei muito feliz, porque pensei que tinha desistido várias vezes, mas mesmo assim consegui chegar.

Um dos meus amigos falou:

— Ainda bem que você não voltou.

Eu dei risada e respondi:

— Eu quase voltei umas três vezes.

Todo mundo começou a rir.

Na volta para casa, fiquei pensando no que tinha acontecido. Percebi que muitas vezes a gente acha que não consegue alguma coisa antes mesmo de tentar. Também entendi que ter uma dificuldade não significa que a pessoa não pode fazer as coisas, só pode precisar de um pouco mais de tempo ou de ajuda.

Depois daquele dia, meus amigos passaram a me chamar para outras atividades sem pensar que eu não conseguiria. E eu também parei de ter vergonha de falar quando precisava de ajuda.

Eu aprendi que cada pessoa tem seu próprio jeito e seu próprio tempo. Uma dificuldade não deve ser motivo para alguém ser deixado de lado. Às vezes, uma pequena ajuda e um pouco de incentivo já fazem muita diferença.

No fim, aquele passeio acabou sendo mais importante do que eu imaginava. Eu não consegui fazer tudo do mesmo jeito que meus amigos, mas consegui chegar até o final. Para mim, isso já foi uma grande vitória.



Capítulo XVIII

A PORTA MISTERIOSA

João Raffael Araújo Rodrigues

Meu nome é Gabriel, tenho dezessete anos e naquela tarde, eu voltava para casa pela estrada de sempre. Eu uso uma cadeira de rodas desde pequeno, mas isso nunca me impediu de fazer o que eu queria. O céu estava ficando escuro e o vento balançava as árvores. Tudo parecia normal, até que vi uma coisa estranha no meio do caminho: uma porta velha de madeira.

Parei e fiquei olhando. Não havia casa, muro ou qualquer construção por perto. Era apenas uma porta sozinha. A curiosidade foi maior que o medo. Aproximei-me e segurei a maçaneta. Respirei fundo e abri. Do outro lado, havia uma floresta completamente diferente. As árvores eram enormes, as flores brilhavam e um rio parecia refletir pequenas estrelas. De repente, ouvi uma voz:

— Finalmente, você chegou!

Olhei para os lados e vi uma menina perto de uma árvore.

— Quem é você? — perguntei.

— Meu nome é Clara. Este lugar está perdendo sua magia, e precisamos de alguém corajoso para ajudar. Fiquei assustado, mas aceitei. Clara me levou até uma grande pedra escura no centro da floresta. O caminho era difícil, mas eu continuei. Minha cadeira de rodas não seria motivo para desistir.

Quando cheguei à pedra, coloquei a mão sobre ela. Naquele momento, ouvi uma voz dizendo que eu não conseguiria. Senti medo, mas lembrei que ser corajoso não significa não ter medo. Significa enfrentar o medo.

Fechei os olhos e disse:

— Eu não vou desistir!

Uma luz forte saiu da minha mão. A pedra começou a rachar e desapareceu. Imediatamente, a floresta voltou a ficar colorida. O rio brilhou novamente e os animais começaram a comemorar.

Clara sorriu.

— Você salvou o nosso mundo.

Antes que eu pudesse responder, a porta apareceu novamente. Atravessei e voltei para a estrada. Tudo parecia igual, como se nada tivesse acontecido. Pensei que talvez tivesse sido um sonho, até perceber que segurava uma pequena flor dourada.

Cheguei em casa e guardei a flor no meu quarto. Desde aquele dia, sempre que passo pela estrada, procuro pela porta misteriosa. Nunca mais a encontrei. Mas continuo acreditando que, algum dia, ela vai aparecer novamente. Foi assim que aprendi que uma deficiência pode fazer parte de quem somos, mas nunca precisa definir até onde podemos chegar.



Capítulo XIX

O LUGAR ONDE EU PERTENÇO

Felipe Araújo

Durante muito tempo, eu achei que havia alguma coisa errada comigo. Eu era um adolescente como muitos outros, ia para a escola todos os dias, fazia as tarefas, tinha sonhos e preocupações. Gostava de aprender coisas novas e passava bastante tempo pensando sobre assuntos que chamavam minha atenção. Mesmo assim, eu sentia que existia uma grande diferença entre mim e os outros adolescentes da minha idade.

Meu nome é Vitor, tenho quinze anos e sou autista. Na escola, sempre fui considerado um bom aluno. Minhas notas eram boas, principalmente nas matérias de que eu mais gostava. Eu aprendia rapidamente quando alguém explicava algo de uma forma clara e organizada. Gostava de matemática, ciências e também de pesquisar assuntos que despertavam minha curiosidade. Meus professores costumavam dizer que eu era inteligente e dedicado.

Mas ser um bom aluno não fazia com que eu me sentisse parte da turma. Durante o intervalo, eu observava meus colegas conversando, rindo e brincando. Parecia que todos sabiam exatamente o que fazer e como agir. Eles entendiam as piadas rapidamente, começavam conversas sem dificuldade e pareciam se sentir à vontade em qualquer lugar.

Muitas vezes, eu não sabia quando deveria falar ou ficar em silêncio. Às vezes, queria participar de uma conversa, mas não sabia como começar. Em outras situações, eu dizia alguma coisa e percebia que as pessoas ficavam me olhando de um jeito estranho. Eu não entendia o motivo. Era como se todos tivessem recebido um manual sobre como se comportar, menos eu.

Com o passar do tempo, comecei a me acostumar com a sensação de estar sozinho, mesmo quando estava cercado de pessoas. Eu tinha alguns colegas, mas não conseguia sentir que realmente pertencia àquele grupo. Na maioria dos dias, eu preferia ficar em lugares mais tranquilos.

Eu gostava da minha própria companhia, mas isso não significava que eu não quisesse ter amigos está sozinho cem porcento do tempo. Na verdade, eu queria encontrar um lugar onde pudesse ser eu mesmo sem precisar fingir ser

outra pessoa.

Um dia, depois de uma aula particularmente cansativa, cheguei em casa e contei à minha mãe que estava me sentindo deslocado novamente. Eu não conseguia explicar exatamente o que estava sentindo, mas sabia que estava cansado de tentar me encaixar.

Minha mãe me ouviu com atenção. “Talvez você ainda não tenha encontrado o seu lugar”, ela disse. Naquele momento, não entendi completamente o que ela quis dizer. Como assim, encontrar o meu lugar? Eu já tinha uma casa, uma família e uma escola. O que mais eu precisava encontrar? Algumas semanas depois, vi um cartaz anunciando aulas de judô em um projeto esportivo perto de onde eu morava. Eu já tinha ouvido falar sobre judô, mas nunca tinha praticado nenhum esporte de luta.

No começo, não fiquei muito interessado. Eu imaginava que seria apenas mais um lugar cheio de pessoas onde eu não saberia como agir. Mesmo assim, minha mãe sugeriu que eu tentasse. “Você não precisa continuar se não gostar. Apenas experimente”, ela disse.

Depois de pensar um pouco, decidi ir. No meu primeiro dia de judô, fiquei bastante nervoso. Coloquei o quimono, a roupa branca usada para praticar, e entrei no local onde aconteciam os treinos.

Havia várias pessoas da minha idade. Por alguns segundos, senti a mesma insegurança de sempre. Pensei que talvez ninguém falasse comigo. Pensei que talvez eu não conseguisse acompanhar os movimentos. Pensei em várias coisas ao mesmo tempo. Mas o professor começou a aula. Todos se organizaram em fila. O professor explicou as regras, mostrou como cumprimentar os colegas e começou a ensinar os primeiros movimentos.

Algo naquele ambiente era diferente. No judô, existiam regras claras. Não importava quem era o mais popular da escola ou quem tinha mais amigos. Quando o treino começava, todos estavam ali com o mesmo objetivo: melhorar

Isso mudou a forma como eu enxergava a mim mesmo. Eu comecei a perceber que ser diferente não significava estar errado. Ser autista fazia parte de quem eu era, mas não era a única coisa que me definia. Eu também era estudante, filho, amigo e atleta. Era uma pessoa que gostava de aprender e que tinha dificuldades, como qualquer outra.

Alguns dias ainda eram complicados. Ainda existiam momentos em que eu me sentia deslocado na escola. Ainda havia situações que eu não compreendia completamente. Nem tudo mudou de repente.

Mas agora eu tinha um lugar para onde podia ir. Quando colocava meu quimono e entrava no tatame, eu sentia algo diferente. Eu sentia que podia respirar mais tranquilamente. No tatame, não precisava tentar ser igual aos outros. Eu precisava apenas ser a melhor versão de mim mesmo.

Com o passar dos meses, percebi que o judô estava me ensinando coisas que iam muito além das técnicas. Aprendi que cair não era o fim. Quando alguém me derrubava, eu precisava levantar e continuar. Essa era uma lição importante também para a minha vida. Nem sempre, eu conseguiria me encaixar em todos os lugares. Nem todas as pessoas me entenderiam. Algumas situações

continuariam sendo difíceis.

Mas eu não precisava desistir por causa disso. Eu só precisava continuar procurando os lugares e as pessoas com quem eu pudesse ser eu mesmo. Hoje, ainda sou um adolescente autista. Ainda gosto de estudar. Continuo sendo um bom aluno e adoro aprender coisas novas. Às vezes, ainda prefiro lugares silenciosos e ainda tenho dificuldade em algumas situações sociais.

Mas agora eu sei uma coisa que antes eu não sabia. Eu não estava quebrado. Eu não precisava mudar completamente para ser aceito. Eu apenas precisava encontrar o meu lugar. E, de todos os lugares onde já estive, foi sobre um tatame que comecei a entender isso.

Quando faço a reverência antes de começar o treino, lembro-me de como eu me sentia antes de conhecer o judô. Eu me via como alguém que estava sempre do lado de fora, tentando entender um mundo que parecia funcionar de uma maneira diferente da minha.

Hoje, ainda estou aprendendo. Ainda tenho muito a descobrir sobre mim mesmo e sobre as pessoas. Mas agora sei que não estou sozinho. No judô, encontrei disciplina, respeito e confiança. Encontrei pessoas que me aceitaram e me ajudaram a crescer. E, principalmente, encontrei um lugar onde não precisava fingir ser alguém que eu não era. Talvez seja isso que significa pertencer. Não é mudar para ser igual a todos. É encontrar um lugar onde você pode ser quem realmente é. E foi no judô que, finalmente, comecei a sentir que estava no lugar certo.



Capítulo XX

O LUGAR QUE ERA DE TODOS

Clara Beatriz Ribeiro Costa

Meu nome é Rafael, tenho quinze anos e estudo em uma escola que fica perto da praça principal da minha cidade. Eu sou surdo desde que nasci e uso Libras para me comunicar. Minha família sempre me ensinou que ser diferente não significa ser menos que ninguém. Mesmo assim, algumas situações na escola faziam eu me sentir excluído.

Eu tinha vários amigos, principalmente o Pedro e a Ana. Eles estavam aprendendo Libras para conseguir conversar melhor comigo. Às vezes, eles erravam alguns sinais e nós começávamos a rir.

Certo dia, a professora de História anunciou que a turma teria que apresentar um trabalho sobre a história da nossa cidade.

— Cada grupo vai escolher um lugar importante da cidade e apresentar para a turma — explicou ela.

Eu e meus amigos escolhemos falar sobre a praça principal. Era um lugar onde as pessoas se encontravam, crianças brincavam e aconteciam vários eventos.

Durante a preparação, percebi que a apresentação teria muitas falas e um vídeo com entrevistas. Eu fiquei preocupado, porque o vídeo não tinha legenda.

Falei com meu grupo:

— Se não tiver legenda, eu não vou conseguir acompanhar tudo. Pedro respondeu:

— Então vamos colocar. A apresentação precisa ser boa para todo mundo.

No dia da apresentação, todos os grupos foram chamados. Quando chegou nossa vez, fomos para a frente da sala. No começo, estava tudo bem. Ana começou a explicar a história da praça e Pedro mostrou algumas fotos. Depois, chegou a parte do vídeo.

Quando o vídeo começou, percebi que algumas falas não tinham legenda.

Eu fiquei olhando para a tela sem entender o que estava acontecendo. Por alguns segundos, pensei em simplesmente ficar quieto. Mas lembrei de tudo que minha família sempre me ensinou. Levantei a mão e pedi para a professora parar o vídeo.

Ela perguntou:

— Aconteceu alguma coisa, Rafael?

Peguei meu celular e escrevi: "Não consigo entender algumas partes porque o vídeo não tem legenda." A professora percebeu o problema e pediu desculpas.

— Você tem razão. Vamos corrigir isso.

Alguns alunos começaram a ajudar. Um deles pegou um computador e começou a colocar as legendas. Enquanto isso, a professora explicou para a turma que acessibilidade não deveria ser pensada somente depois que alguém reclamasse.

Depois de alguns minutos, continuamos a apresentação. Quando terminamos, a turma aplaudiu. Eu fiquei feliz, mas não apenas pela apresentação ter dado certo. Fiquei feliz porque, naquele dia, as pessoas entenderam uma coisa que eu já sabia há muito tempo: inclusão não é favor. Na saída, Pedro veio falar comigo.

— Rafael, hoje eu aprendi uma coisa.

Eu perguntei o que era.

— Que, às vezes, a gente acha que está incluindo alguém, mas ainda está deixando algumas coisas de fora.

Eu sorri e respondi:

— É por isso que precisamos prestar atenção.

Alguns dias depois, a escola começou a colocar legendas nos vídeos usados nas aulas e passou a incentivar os alunos a aprenderem alguns sinais básicos de Libras. Eu nunca pensei que uma apresentação simples pudesse causar tanta mudança.

Depois disso, a professora explicou que a acessibilidade deveria existir para todos, e não apenas depois que alguém reclamasse. Meus colegas entenderam e começaram a me ajudar mais. Alguns até aprenderam alguns sinais de Libras para conversar comigo. Naquele dia, percebi que pequenas atitudes podem fazer uma grande diferença. Eu não precisava mudar quem eu era para ser aceito. Todos nós merecemos respeito e a chance de participar.



Capítulo XXI

ATRAVÉS DO MEU SILÊNCIO

Yasmin da Silva Oliveira

Meu nome é Celeste. Desde pequena, minha mãe dizia que eu nasci com um brilho diferente. Mas eu sempre soube disso. Tenho quinze anos e nasci com deficiência auditiva.

Desde pequena, eu sofria bullying na escola, principalmente por parte de Mike e seus colegas. Eu tentava não ligar muito para aquilo. Quem me ajudava a enfrentar tudo era minha melhor amiga, Esther. Ela aprendeu Libras só para poder conversar comigo. Acredita?

Meus pais me colocaram em uma escola onde a inclusão era prioridade, mas Mike não pensava da mesma maneira. Eu sempre encontrava com ele no recreio e pelos corredores. Tentava ignorá-lo, mas ele fazia questão de vir até mim. Eu não entendia o que ele falava, mas, pelos seus gestos, conseguia perceber que estava me ofendendo.

Eu já estava acostumada com as piadas. Todos os dias, quando entrava naquela escola, sentia os olhares sobre mim. Os mesmos garotos rindo, imitando meus sinais e fazendo piadas porque eu não conseguia ouvir o que eles diziam.

Naquele dia, porém, foi diferente.

Um deles arrancou o caderno da minha mão e o jogou no chão. As folhas se espalharam pelo corredor. Eu me abaixei para pegá-las, tentando fingir que aquilo não estava acontecendo, mas meus olhos se encheram de lágrimas. Então Esther apareceu.

Ela parou na minha frente e começou a discutir com eles. Eu não conseguia ouvir suas palavras, mas conseguia enxergar a raiva em seu rosto. Mesmo assim, não adiantou. Um dos garotos começou a imitar meus sinais. Foi quando eu não aguentei mais. Levantei as mãos e comecei a sinalizar, enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto. “Eu não sou menos que vocês só porque eu não escuto.” Eles ficaram em silêncio. Continuei: “Eu tenho voz. Só não é a voz que vocês estão acostumados a ouvir.”

Minha melhor amiga segurou minha mão. Olhei para os lados e, pela pri-

meira vez, não vi apenas pessoas me observando. Vi pessoas que estavam começando a me entender. Respirei fundo, levantei a mão uma última vez e sinalizei: “Vocês passaram tanto tempo tentando me diminuir que esqueceram uma coisa: eu nunca precisei ouvir vocês para saber quem eu sou.”

Naquele instante, parei de enxugar as lágrimas e simplesmente deixei que elas caíssem. Porque, pela primeira vez, não eram lágrimas de vergonha. Eram lágrimas de orgulho. Naquele corredor, diante de todos, eu entendi que o meu silêncio nunca foi a minha fraqueza. Minha força sempre esteve nas minhas mãos. E naquele dia, finalmente, todos aprenderam a me ouvir.



Capítulo XXII

O MUNDO QUE EU ENQUADRO

Pedro Ribeiro de Almeida

Eu nunca gostei que as pessoas olhassem primeiro para a minha cadeira. Antes dela, tem eu. Eu sou o Davi, tenho dezesseis anos, sou teimoso, rio alto demais nas piadas ruins e sou apaixonado por fotografia. Tenho mielomeningocele, por isso uso cadeira de rodas desde que me entendo por gente. Ela não me define, mas faz parte de como eu vejo o mundo — literalmente de um ângulo um pouco mais baixo, e talvez por isso eu enxergue detalhes que ninguém vê.

Minha história acontece agora, no presente, no último mês, aqui em São João do Piauí. O espaço principal é a minha escola e a praça da cidade, onde acontece todo ano o Concurso de Fotografia Jovem.

Meu sonho sempre foi participar. Eu passo horas na varanda de casa fotografando o pôr do sol no sertão, os vaqueiros, as mãos da minha avó fazendo beiju. Minha professora de Artes, a Dona Sônia, sempre me incentivava. “Davi, você tem um olho, menino! Tem que se inscrever”. E esse ano eu finalmente criei coragem. O problema, o meu conflito, não foi a foto. Foi chegar até ela.

Quando fui me inscrever, o cartaz dizia: “Exposição e premiação no Mirante da Praça”. Eu conheço aquele mirante. É lindo, fica no alto. E só tem escada. Uma escadaria de pedra, sem rampa, sem corrimão direito. Fui falar com o organizador, o Seu Carlos, que é gente boa, mas na hora me respondeu sem pensar:

“Ah, Davi... esse ano não vai dar pra você subir, né? Ano que vem a gente vê um jeito. Você manda a foto por outra pessoa.” Eu senti meu estômago embrulhar. Não era maldade dele, era pior: era como se fosse normal eu ficar de fora. Como se a minha presença fosse um problema logístico. Voltei pra casa calado. Minha mãe percebeu. Meu melhor amigo, o João Pedro, que é meu vizinho e meu auxiliar de resgate nas furadas, ficou puto. “Que conversa é essa? Tu vais, sim. Tua foto vai estar lá e tu também.”

Durante três dias fiquei naquele vai e vem entre desistir e insistir. Medo de ser o chato, medo de parecer que estava pedindo favor, frustração de ter que sempre explicar o óbvio. Mas eu também sentia uma raiva boa, uma vontade de mostrar que inclusão não é fazer um favor, é garantir um direito.

Tive uma ideia. Não fui reclamar. Fui propor. Peguei meu celular, gravei um vídeo curto lá do pé da escada do mirante e falei: “Oi, eu sou o Davi. Quero participar do concurso, mas eu não consigo subir aqui. E se a exposição fosse aqui embaixo, na parte plana da praça, onde todo mundo passa? Assim mais gente ia ver.”

Mandei para a Dona Sônia, que mandou para o grupo dos professores, que mandou para a Secretaria de Cultura. Não esperava muito. O clímax foi na véspera do concurso. Eu estava na escola, achando que nada tinha mudado, quando a diretora me chamou na sala. O Seu Carlos estava lá, meio sem graça.

“Davi, a gente mudou o local. A exposição vai ser embaixo, na praça toda. A gente colocou os painéis na parte plana. E... a gente quer que você faça a foto de abertura do evento. Você aceita?” Naquele momento meu coração disparou tão alto que eu achei que todo mundo ouviu. Não era pena. Era respeito. Eles tinham entendido.

No dia do desfecho, sábado, a praça estava cheia. Minhas fotos estavam lá, impressas grandes. Uma delas, a que eu mais gosto — a de um menino empinando pipa com o céu alaranjado ao fundo, que eu tirei da altura da minha cadeira — ganhou o segundo lugar.

Mas o melhor não foi o prêmio. Foi estar lá embaixo, no meio de todo mundo, explicando para uma menininha de oito anos como eu faço para fotografar sem precisar levantar. Ela me olhou e disse: “Tio, quando eu crescer quero tirar foto igual a você.”

Eu entendi naquele dia que meu maior sonho não era ganhar o concurso. Era que ninguém precisasse pedir para participar. Que o espaço já fosse de todos desde o começo. Eu ainda sou o Davi. Ainda rio alto, ainda amo fotografia e ainda uso minha cadeira. Só que agora, quando as pessoas olham pra mim na praça, elas veem primeiro o fotógrafo.



Capítulo XXIII

ALÉM DO SILÊNCIO

Gabriela Coelho de Sousa

Meu nome é Lucas Monteiro, tenho dezoito anos e sou surdo-mudo desde o meu nascimento. Desde pequeno, me comunico principalmente com a Língua Brasileira de Sinais, ou Libras, no cotidiano. A surdez em nenhum momento me define. Sou um homem observador, costumo olhar o ambiente ao meu redor e notar pequenos detalhes que passam despercebidos pelos olhos de outras pessoas. Aprendi que existem inúmeras maneiras de interpretar o mundo ao meu redor.

Eu tenho muitas paixões: a história do Brasil, construções antigas, café fumegante às tardes e, principalmente, a fotografia. Elas são apenas algumas das coisas que me movem todos os dias. A fotografia é, para mim, a maneira mais genuína de mostrar ao mundo o que eu vejo com os meus olhos. Atrás da lente da minha câmera, um exemplar antigo que herdei do meu falecido avô, outro homem apaixonado por fotos e momentos. Com a câmera, eu sou o Lucas, um registrador de instantes e memórias.

O cenário da minha maior inspiração era o centro histórico da nossa cidade, com seus casarões antigos do século XIX, de arquitetura colonial, azulejos portugueses desgastados e janelas altas. Eu passava os fins de tarde dos sábados caminhando por aquelas ruelas de paralelepípedo, sentindo a vibração dos passos dos pedestres no chão e o sol esquentando a minha pele.

Meu grande sonho era vencer o Concurso Anual de Fotografia Patrimonial da Prefeitura, cujo prêmio principal era o financiamento de uma exposição autoral na galeria municipal e uma câmera profissional de última geração. Era a chance que eu precisava para iniciar minha carreira profissional e provar meu valor no mercado visual.

No entanto, o regulamento daquele ano trouxe um desafio inesperado: as fotografias inscritas precisavam ser apresentadas oralmente para os jurados. O problema era a falta de planejamento da própria organização: em nenhum momento eles disponibilizaram um intérprete de Libras para o evento. Quando enviei um e-mail questionando sobre a acessibilidade para a minha apresentação, a

resposta da comissão foi fria e direta: afirmaram que “não havia verba suficiente para profissionais de Libras para o Concurso.” e que, se eu quisesse competir, deveria me adaptar ao formato padrão.

A injustiça daquela resposta apertou o meu coração. Era o preconceito velado da negligência, a exclusão fantasiada de falta de verba, o meu sonho estava sendo destruído pela falta de responsabilidade e inclusão do evento.

Minha irmã, Mariane, entra no meu quarto que estava imerso pela penumbra. Com apenas a tela do notebook ligada refletindo a resposta da organização. — Eles não vão te calar, Lucas. O mundo precisa ver o seu olhar, com ou sem a ajuda deles — sinalizou Mariane, ela era a minha maior incentivadora. Ela expressivamente estava tão indignada quanto eu, e foi ali que decidimos que o descaso da prefeitura não seria o fim da minha linha.

Passei os dias seguintes imerso no centro histórico, procurando a poesia que as outras pessoas não viam. Foi em uma tarde chuvosa de outono que encontrei a imagem perfeita. Na fachada de um casarão abandonado, uma fresta no teto alto permitia que um único feixe de luz cortasse a penumbra, iluminando um antigo tear de madeira coberto de poeira. A composição era perfeita: o contraste entre a escuridão do esquecimento e a luz viva do presente. Batizei a foto de “O Tempo em Texturas”.

Para a defesa presencial, Mariane e eu traçamos uma estratégia. Como a organização se recusou a contratar um intérprete, ela comprou o próprio ingresso e subiu ao palco comigo, por nossa conta e risco.

O dia do julgamento e clímax do concurso finalmente aconteceu no grande auditório do Centro Cultural da cidade. O espaço estava lotado. Quando chegou a minha vez, Mariane sinalizou para mim e caminhamos juntos até o centro do palco. A organização tentou barrar a subida dela, mas bati o pé e apontei para a minha câmera; eu precisava dela ali. As luzes se apagaram e a minha fotografia foi projetada na tela gigante atrás de nós.

As luzes se acenderam para a sabatina dos jurados. Um deles, um fotógrafo renomado de meia-idade, olhou para mim e fez uma pergunta complexa em voz alta. Sem um profissional contratado no palco, a plateia murmurou, esperando o meu constrangimento. Foi aí que Mariane deu um passo à frente. Olhando fixamente para o jurado, ela começou a traduzir a fala dele em sinais para mim, rapidamente. A pergunta era: “Como um fotógrafo que não consegue escutar captura a musicalidade e o ritmo histórico de um ambiente antigo?”

Senti a indignação se transformar em combustível. Respirei fundo e me firmei. Olhei diretamente nos olhos do jurado. Minhas mãos começaram a se mover no ar com precisão, paixão e fluidez. Eu não usei a voz, mas usei toda a força expressiva do meu corpo. Mariana, assumindo voluntariamente o papel que a prefeitura negligenciou, traduziu meus sinais em voz alta para todo o auditório:

— Eu não preciso ouvir o som do passado para sentir o seu peso — a voz de Mariana ecoou firme, perfeitamente sincronizada com os meus gestos. — Eu sinto a história na textura das paredes, no calor que a madeira retém e na forma como a luz escolhe revelar o que o tempo tentou esconder. A fotografia não é sobre o som do mundo, é sobre a alma de quem observa. E a arte não deveria exigir barreiras para quem a cria.

A última frase, que eu adicionei de surpresa nos meus sinais, foi um soco di-

reto na comissão organizadora. O auditório mergulhou em um silêncio estático. Por alguns segundos, ninguém na plateia ou na mesa se moveu. Então, o jurado que havia feito a pergunta se levantou, visivelmente tocado e envergonhado pela falha da organização. Em vez de bater palmas tradicionais, ele ergueu as duas mãos acima da cabeça e girou as palmas no ar — o sinal de aplausos em Libras.

A plateia inteira, percebendo a força da nossa resposta à falta de acessibilidade, imitou o gesto. O auditório se transformou em um mar de mãos balançando no ar, um reconhecimento totalmente visual que fez meu coração vibrar mais forte do que qualquer som do mundo.

O desfecho foi histórico. “O Tempo em Texturas” levou o primeiro lugar do concurso, e os jurados fizeram questão de emitir uma nota pública exigindo que, a partir do ano seguinte, a presença de intérpretes de Libras fosse obrigatória em todas as etapas do evento. Minha exposição autoral foi inaugurada três meses depois, no mesmo centro histórico que eu tanto amava.

Hoje, as pessoas andam pela galeria admirando as imagens dos casarões e compreendendo que a minha surdez é apenas uma característica minha, nunca uma incapacidade. Aprendi que o mundo tem muitas linguagens e que, quando expomos a falta de inclusão com talento e coragem, todos são forçados a aprender a escutar a beleza profunda que existe no silêncio.



Capítulo XXIV

ALÉM DOS LIMITES

Gabriel Barbosa de Lavor

Meu nome é João e, desde que me lembro, sempre soube que minha vida seria um pouco diferente e mais difícil que a vida de algumas pessoas ao meu redor. Nasci com uma deficiência que afeta meus movimentos e faz com que algumas atividades se tornem muito difíceis para mim.

Quando era criança, nunca entendia por que algumas atividades eram tão difíceis para mim e não entendia por que as pessoas me olhavam diferente. Minha família sempre me incentivou e nunca me deixou me sentir incapaz. Na infância, queria brincar, correr e jogar bola com meus amigos, assim como qualquer criança da minha idade. Algumas vezes, me sentia diferente e tinha medo de que as pessoas me enxergassem apenas pela minha deficiência. Muitas vezes, ouvia comentários que me machucavam por dentro e me fizeram pensar que não seria capaz de realizar meus sonhos.

Um dos momentos mais importantes da minha vida foi quando participei de uma competição esportiva para pessoas deficientes. No começo, tinha medo de perder e decepcionar minha família que sempre acreditou em meu potencial. Entrei na competição e decidi dar o meu melhor. Durante a prova, enfrentei dificuldades e pensei em desistir. Mas lembrei de tudo o que havia enfrentado até aquele momento. Lembrei das vezes em que caí, das vezes em que chorei, e, principalmente, das pessoas que acreditaram em mim.

Naquele dia, entendi que a superação não significa vencer todas as vezes. Significa continuar tentando mesmo quando as coisas parecem difíceis. Continuei até o final. Eu não fui o primeiro colocado, mas, quando terminei, percebi que havia conquistado algo muito maior: a confiança em mim mesmo. Hoje, ainda enfrento obstáculos, mas já não os vejo da mesma maneira. Aprendi a valorizar cada conquista, por menor que seja. Minha deficiência faz parte de mim, mas não define quem eu sou.



Capítulo XXV

MÁRCIA E MARCIANO: DOIS CAMINHOS, UMA SÓ HISTÓRIA

Melkisedec Leite Silva

Eu me chamo Marciano e tenho trinta e oito anos. Tenho uma irmã gêmea chamada Márcia. Nascemos no mesmo dia, crescemos juntos e, apesar de sermos muito parecidos em algumas coisas, nossas vidas seguiram caminhos diferentes. Eu nasci com deficiência e, atualmente, sou cadeirante. Márcia não tem deficiência e sempre esteve ao meu lado. Desde pequenos, ela foi minha companheira, minha amiga e, muitas vezes, também quis me proteger mais do que deveria.

Quando éramos crianças, morávamos em uma comunidade chamada Palmeiras. Naquela época, as coisas eram bem diferentes. Não existia transporte escolar para nos levar até a escola e estudar não era uma tarefa fácil. Mesmo assim, eu tinha muita vontade de aprender.

Para chegar à escola, eu precisava enfrentar uma longa distância. Como eu não tinha condições de me locomover sozinho, muitas vezes ia montado em um jumento, acompanhado pela minha família. Pode parecer uma situação difícil para quem vê de fora, mas, para mim, aquilo fazia parte da minha rotina. Eu queria estudar, conhecer coisas novas e aprender a ler e escrever. E eu consegui.

Frequentei a escola na comunidade Palmeiras e fiz os anos iniciais do ensino fundamental. Cada palavra que aprendi a ler e cada frase que consegui escrever representavam uma conquista para mim. Eu sabia que podia aprender, mesmo que precisasse enfrentar dificuldades diferentes das outras crianças.

Márcia sempre estava por perto.

— Marciano, vamos para a escola? — ela perguntava.

— Vamos! Hoje eu quero aprender uma coisa nova — eu respondia.

Nós dois crescemos juntos, compartilhando brincadeiras, conversas e muitas histórias. Como irmãos gêmeos, também tivemos nossas brigas. Afinal, quem disse que gêmeos precisam concordar em tudo?

Às vezes, Márcia queria fazer tudo por mim. Ela tinha medo de que eu me machucasse ou passasse por alguma dificuldade. Só que, com o passar dos anos,

comecei a perceber que aquele cuidado exagerado também me incomodava. Hoje, quando conversamos sobre nossa infância, algumas vezes eu brinco com ela:

— Márcia, você ficava em cima de mim o tempo todo!

Ela começa a rir.

— Eu só queria cuidar de você, Marciano!

— Eu sei, mas você não precisava querer mandar em tudo! — respondo, também rindo. Apesar das brincadeiras, existe uma parte dessa lembrança que ainda mexe comigo. Às vezes, eu não gosto de ser cadeirante. Há dias em que olho para minha cadeira e penso em como seria minha vida se eu pudesse andar como outras pessoas.

Nesses momentos, já cheguei a culpar Márcia, dizendo que ela sempre ficou muito em cima de mim e que talvez eu tivesse me acostumado a depender dos outros. Mas, quando penso melhor, percebo que não é justo colocar essa responsabilidade sobre ela.

Minha deficiência não foi causada por Márcia. Ela apenas cresceu ao meu lado tentando me proteger da maneira que sabia. E eu também precisei aprender uma coisa importante: ser cadeirante faz parte da minha vida, mas não é tudo o que eu sou. Eu sou Marciano.

Sou irmão, sou amigo, sou estudante que aprendeu a ler e escrever, sou uma pessoa que gosta de conversar, brincar e, principalmente, cantar. Ah, como eu gosto de cantar! Quando começo, muitas vezes não quero mais parar. Pego uma música que gosto e começo a cantar, mesmo que alguém diga:

— Marciano, já está bom!

Eu respondo:

— Ainda nem comecei!

E caio na risada. Também gosto muito de redes sociais. Passo bastante tempo no celular, conversando com as pessoas, vendo vídeos, ouvindo músicas e acompanhando o que acontece na internet. As redes sociais me ajudam a estar conectado com o mundo e com outras pessoas. Minha vida não é perfeita. Tenho dificuldades, como qualquer pessoa. Existem lugares que ainda não são acessíveis, situações que me deixam triste e momentos em que sinto vontade de reclamar. Mas também tenho alegrias, sonhos, amizades e muitas coisas que gosto de fazer.

Márcia continua sendo uma das pessoas mais importantes da minha vida. Hoje, quando olho para nós dois, penso em tudo o que já vivemos. Somos gêmeos, mas não somos iguais. Ela tem sua maneira de enxergar o mundo e eu tenho a minha. Ela enfrentou seus desafios e eu enfrentei os meus.

Nossa história começou na comunidade Palmeiras, quando ainda éramos crianças e eu ia para a escola montado em um jumento porque não havia transporte. Naquele tempo, talvez ninguém imaginasse até onde eu chegaria.

Hoje, aos trinta e oito anos, continuo seguindo meu caminho. Quando alguém olha para mim e enxerga apenas a cadeira de rodas, eu gostaria que pudesse conhecer também o homem que existe por trás dela: o Marciano que gosta de cantar, que gosta de conversar, que gosta das redes sociais, que aprendeu a

ler e escrever e que gosta de viver.

E, quando Márcia está perto, lembro que nossa história é feita de amor, discussões, brincadeiras, proteção e aprendizado.

Certa tarde, estávamos conversando e ela me perguntou:

— Se você pudesse voltar no tempo, mudaria alguma coisa?

Fiquei alguns segundos em silêncio.

Depois, sorri e respondi:

— Talvez eu reclamasse menos de você.

Ela começou a rir.

— Só talvez?

— Só talvez! — respondi, rindo também.

Naquele momento, percebi que nossa história não era sobre uma irmã que precisava cuidar de um irmão deficiente. Era sobre duas pessoas que cresceram juntas, aprenderam uma com a outra e construíram suas próprias histórias.

Eu não quero ser definido pela minha deficiência. Quero ser lembrado pelos meus sonhos, pela minha alegria, pelas músicas que canto, pelas pessoas que amo e por tudo aquilo que ainda posso fazer. Márcia é minha irmã e minha companheira de caminhada. E eu sou Marciano: um homem.



Capítulo XXVI

ALÉM DO QUE OS OLHOS VEEM

Arthur de Sousa Vieira

Meu nome é Pedro, tenho dezesseis anos e sou uma pessoa com deficiência visual. Perdi a visão quando tinha seis anos de idade, depois de uma doença rara. Muitas pessoas acham que viver sem enxergar significa viver no escuro, mas eu aprendi que o mundo pode ser conhecido de muitas outras formas. Eu reconheço as pessoas pela voz, percebo lugares pelos sons e identifico momentos especiais pelos cheiros e pelas emoções que eles despertam.

Moro com meus pais e minha irmã mais nova em uma cidade tranquila do interior. Estudo na Escola Esperança, onde fiz grandes amizades. Sou apaixonado por música e, desde pequeno, o violão se tornou meu melhor companheiro. Quando toco, sinto como se pudesse transformar sentimentos em melodias.

No início do ano passado, a diretora anunciou que a escola realizaria uma grande Feira Cultural. Haveria apresentações de dança, teatro, poesia e música. Além disso, aconteceria um concurso para escolher a melhor apresentação do evento. Quando ouvi a notícia, fiquei animado. Meu sonho era participar tocando violão diante de toda a escola. Porém, junto com a animação, surgiu uma dúvida que me acompanhou durante dias: será que eu seria capaz?

Apesar de sempre receber apoio da minha família e dos meus amigos, eu sabia que algumas pessoas ainda tinham preconceitos. Muitas vezes ouvi comentários que me deixavam triste.

— Ele é muito inteligente, mas deve ser difícil fazer essas coisas sozinho — ouvi certa vez.

Outras pessoas falavam comigo como se eu fosse incapaz de tomar minhas próprias decisões. Essas situações me incomodavam, mas eu tentava não deixar que me definissem. Quando contei para minha amiga Júlia que queria participar da competição musical, ela ficou empolgada.

— Você precisa se inscrever! — disse ela.

— E se eu errar? E se eu me perder no palco? — perguntei.

— Você ensaia todos os dias. O talento você já tem. O resto a gente resolve.

As palavras dela me deram coragem. Nos meses seguintes, comecei a me preparar intensamente. Todas as tardes, depois das aulas, eu praticava na sala de música.

O professor Marcelo me ajudava a aperfeiçoar cada detalhe da apresentação. Escolhi uma música instrumental que transmitia esperança e superação. Queria que as pessoas sentissem emoção ao ouvi-la. Enquanto os ensaios avançavam, a expectativa para a feira aumentava.

Mas foi então que surgiu um grande problema: durante um dos ensaios gerais, fui conhecer o palco onde aconteceria a apresentação. Percebi que não havia nenhuma sinalização tátil para me orientar. Além disso, os cabos dos equipamentos estavam espalhados pelo chão. Tentei caminhar até o centro do palco e quase tropecei.

Tentei caminhar até o centro do palco e quase tropecei. Fiquei preocupado e pensei em desistir. Quando contei o que estava acontecendo, meu pai me incentivou:

— Você não deve desistir do seu sonho por causa de uma barreira que pode ser removida.

No dia seguinte, conversei com o professor Marcelo e com a direção da escola. Expliquei as dificuldades que enfrentava e sugeri algumas adaptações. A diretora ouviu atentamente e respondeu:

— Obrigada por nos mostrar isso, Pedro. Às vezes não percebemos os obstáculos que existem para outras pessoas.

Depois disso, a escola tornou o palco mais acessível. No dia da Feira Cultural, apresentei minha música com confiança e fui muito aplaudido. Mais tarde, durante a premiação, ouvi o anúncio:

— O vencedor da categoria musical deste ano é... Pedro!

Fiquei emocionado e comemorei com meus amigos. Além da vitória, fiquei feliz porque a escola passou a investir mais em acessibilidade e inclusão. Essa experiência me ensinou que a deficiência não define quem somos. Com respeito, oportunidades e apoio, todos podem alcançar seus sonhos. O respeito, a amizade e a inclusão foram as luzes que iluminaram meu caminho.



Capítulo XXVII

O SOM DA ESPERANÇA

Isaías Eduardo Coelho Mota

Elias Rosen tinha dezessete anos quando percebeu que o mundo estava ficando silencioso. Não porque as pessoas haviam parado de falar, mas porque, aos poucos, os sons que faziam parte de sua vida começaram a desaparecer. Primeiro, foram as risadas das crianças que brincavam na rua de sua cidade, na Alemanha. Depois, o movimento das lojas e das conversas entre os vizinhos. Até os diálogos entre conhecidos passaram a acontecer em voz baixa, como se cada palavra pudesse trazer algum perigo. Elias era judeu e tinha deficiência visual desde o nascimento. Não conseguia enxergar os rostos das pessoas, as cores das casas ou as árvores balançando com o vento. Porém, aprendera a conhecer o mundo de outra maneira. Reconhecia seus familiares pela voz, sabia quem estava chegando pelo jeito de andar e conseguia encontrar alguns lugares pelas mudanças dos sons ao seu redor.

Seu pai, Samuel, sempre dizia:

— Você não precisa enxergar o mundo para conhecê-lo, Elias. Basta prestar atenção. Durante muito tempo, aquelas palavras foram apenas um conselho de pai. Mais tarde, tornaram-se uma das coisas que o ajudaram a continuar. A família Rosen vivia em uma pequena casa. Samuel trabalhava como alfaiate, enquanto Miriam, sua esposa, cuidava da casa e do filho. Eles tinham uma vida simples, mas tranquila. Aos domingos, recebiam parentes e amigos para conversar e compartilhar refeições.

Tudo começou a mudar quando os nazistas passaram a perseguir os judeus. Elias não podia ver os cartazes espalhados pelas ruas ou os símbolos que começaram a aparecer em diversos lugares. Mas podia ouvir. E o som das botas dos soldados marchando pelas ruas tornou-se cada vez mais frequente.

Certa manhã, Samuel voltou para casa mais cedo.

— O que aconteceu? — perguntou Miriam. O homem demorou alguns segundos para responder.

— Disseram que os judeus não podem mais trabalhar em determinados lu-

gares.

A voz dele estava diferente.

Nos meses seguintes, novas regras foram impostas. A família começou a ser impedida de fazer coisas que antes eram comuns. Amigos deixaram de visitá-los. Algumas pessoas que conheciam os Rosen há anos passaram a atravessar a rua quando os encontravam. Elias não entendia.

Certa noite, perguntou ao pai:

— Pai, o que eu fiz? Samuel ficou em silêncio por alguns segundos. Depois se aproximou do filho e segurou sua mão.

— Nada, Elias. Você não fez nada.

Foi uma resposta simples, mas que ficou marcada na memória do garoto. O tempo passou, e a situação ficou cada vez pior. A família foi obrigada a deixar sua casa e acabou vivendo em um gueto, junto de milhares de outros judeus. Para Elias, aquele lugar era um labirinto de sons.

Havia pessoas caminhando constantemente, crianças chorando, portas batendo e vozes preocupadas. Mesmo sem enxergar, ele conseguia perceber o medo presente na maneira como todos falavam.

Foi ali que conheceu Anna, uma garota que também havia sido separada de parte de sua família.

— Então você não sabe como eu sou? — perguntou Anna, tentando brincar. Anna começou a descrever para Elias aquilo que ele não podia enxergar. Falava sobre o céu, as árvores e as pequenas coisas que ainda pareciam bonitas. Elias, por sua vez, ensinava Anna a prestar atenção aos sons.

— Escuta — dizia ele.

— O quê?

— Os pássaros.

Aqueles momentos faziam os dois esquecerem, por alguns minutos, o lugar onde estavam. Certo dia, Elias percebeu que sua mãe estava chorando.

— Mãe?

— Estou aqui, meu filho.

— Você está chorando.

Miriam tentou esconder as lágrimas.

— Como sabe?

— Conheço sua respiração.

Ela abraçou o filho.

— Prometa que vai continuar acreditando nas pessoas.

— Mesmo quando elas fizerem coisas ruins?

— Principalmente nesses momentos.

Pouco tempo depois, a família foi deportada. Durante a viagem, Elias segurava a mão do pai. O barulho do trem e as vozes das pessoas deixavam tudo confuso.

Samuel repetia:

— Estou aqui, Elias.

Até que, em determinado momento, Elias percebeu que não segurava mais sua mão.

— Pai?

Não houve resposta. Ele procurou pela voz de Samuel, mas não conseguiu encontrá-la. A partir daquele momento, ficou apenas com sua mãe. No campo para onde foram levados, Elias encontrou uma realidade de medo e sofrimento. Mesmo assim, procurava ajudar quem estava ao seu redor. Como conhecia os lugares pelos sons, conseguia orientar outras pessoas. Também conversava com crianças assustadas. Contava histórias sobre sua cidade, sua família e os domingos que passava em casa.

Certo dia, ouviu uma voz conhecida.

— Você ainda escuta os pássaros? Era Anna. Os dois haviam se reencontrado.

— Quando eles aparecem — respondeu Elias. Anna sorriu. Sempre que podiam, conversavam sobre a vida que existia além dos muros. Falavam sobre escolas, árvores, música e viagens. Falavam sobre liberdade. Os anos seguintes foram difíceis. Elias perdeu pessoas que amava e guardou lembranças que jamais desapareceriam. Mesmo assim, continuou. Lembrou-se das palavras do pai. Lembrou-se da promessa feita à mãe. E, principalmente, continuou ouvindo os pássaros.

Quando a guerra terminou, Elias ainda não sabia como seria sua vida dali em diante. Tinha perdido muito, mas havia sobrevivido. E decidiu que sua história não terminaria naquele lugar. Elias estava diferente. Havia perdido o pai, parte da família e a vida que conhecia.

Durante algum tempo, acreditou que não conseguiria recomeçar. Sua mãe, porém, continuou ao seu lado. Aos poucos, os dois reconstruíram suas vidas. Elias nunca esqueceu o que havia acontecido. As lembranças permaneciam em sua memória, principalmente quando ouvia o barulho de trens ou passos fortes. Mesmo assim, decidiu que sua história não terminaria ali.

Anos depois, Elias começou a visitar escolas para contar o que havia vivido durante o Holocausto. Queria que os jovens conhecessem aquela parte da história e entendessem a importância de combater o preconceito. Certa vez, um estudante perguntou:

— Por que você decidiu contar tudo isso?

Elias pensou por alguns segundos.

— Porque esquecer seria permitir que a história desaparecesse.

O estudante ficou em silêncio.

— Mas como consegue falar sobre tudo isso depois de tantos anos? — perguntou.

Elias respirou fundo.

— Lembrar não significa viver preso ao passado. Significa aprender com ele. Depois, continuou:

— Milhões de pessoas sofreram e morreram por causa do preconceito e do ódio. Por isso, precisamos lembrar o que aconteceu e respeitar cada vida perdida. A sala permaneceu em silêncio. Elias então contou que, mesmo nos momentos mais difíceis, algumas pessoas continuaram ajudando umas às outras.

— Foi isso que me manteve vivo — disse. — A esperança de que ainda existissem pessoas capazes de fazer o bem. Quando terminou a palestra, Elias caminhou pelo corredor da escola. Ele não podia enxergar os estudantes, mas conseguia ouvir suas vozes. Alguns conversavam baixinho; outros permaneciam em silêncio.

Então ouviu um pássaro cantando do lado de fora. Parou por alguns segundos para escutar. Naquele momento, lembrou-se de seu pai:

— Você não precisa enxergar o mundo para conhecê-lo.

Elias sorriu. Durante toda a sua vida, havia aprendido a conhecer o mundo pelos sons, pelas pessoas e pelas escolhas que elas faziam. Não podia enxergar o céu, mas podia ouvir os pássaros. Não podia enxergar os rostos, mas conseguia reconhecer a bondade nas vozes.

E havia aprendido que a esperança pode permanecer viva mesmo depois dos momentos mais difíceis. Enquanto caminhava pelo corredor, ouviu novamente o canto do pássaro. Dessa vez, estava livre. Elias continuou andando, levando consigo uma certeza: Sua história não seria esquecida. Enquanto alguém estivesse disposto a ouvir, a memória daqueles que sofreram durante o Holocausto continuaria viva. E talvez essa fosse a melhor forma de manter a esperança: lembrar do passado, valorizar a vida e escolher o respeito.



Capítulo XXVIII

O SOM QUE TODOS PODIAM OUVIR

Julie Rhanna Silva

Meu nome é Ana Clara, tenho dezesseis anos e moro com meus pais e meu irmão. Desde pequena, gosto muito de música. Eu sou surda desde que nasci e uso aparelho auditivo, além de conhecer Libras. Mesmo sem ouvir como as outras pessoas, consigo sentir as vibrações e perceber o ritmo das músicas.

Certo dia, minha professora anunciou que a escola faria um Festival Cultural.

— Cada turma deverá preparar uma apresentação — explicou ela. Meu amigo Pedro olhou para mim e disse:

— Ana, você deveria cantar!

Eu fiquei surpresa.

— Como vou cantar se sou surda?

Ele respondeu:

— Você pode fazer do seu jeito.

Decidi participar. Minha turma escolheu uma música e começamos os ensaios. No começo, alguns colegas acharam que seria difícil eu acompanhar o ritmo e sugeriram que eu ficasse apenas na decoração. Fiquei triste, pois queria participar como todos os outros.

Conversei com minha professora e tivemos uma ideia: eu usaria Libras e acompanharia a música pelas vibrações, enquanto meus colegas dançariam.

Durante os ensaios, tive algumas dificuldades. Em um deles, meu aparelho auditivo parou de funcionar e pensei em desistir.

Pedro segurou minha mão e disse:

— Não desista. Você conhece o ritmo. Sinta a música.

Coloquei os pés no chão e senti as vibrações. Respirei fundo e continuei ensaiando. No dia do festival, fiquei muito nervosa. Quando chegou nossa vez, en-

trei no palco. Comecei a apresentação usando Libras e acompanhando meus colegas. No final, todos aplaudiram.

Eu não conseguia ouvir os aplausos, mas conseguia enxergar a felicidade no rosto das pessoas. Naquele momento, percebi que inclusão significa dar oportunidades para que todos possam participar, cada um do seu jeito. Aprendi que não ouvir não significa não ter voz. Minha voz estava nos meus sinais, nos meus movimentos.



Capítulo XXIX

O MENINO E O VIOLÃO

Luiz Felipe Rodrigues

Caminho de pedras irregulares, onde, à frente, pôr do sol tingia o céu de tons laranja e roxo, vivia Tiago, uma criança de doze anos com um olhar profundo e cheio de sonhos. Seu maior tesouro era seu violão de madeira escura — tinha pequeno a arranhões.

O violão não tinha uma qualidade sonora particularmente boa, já que, às vezes, uma corda entrava fora de sintonia, e o som do instrumento ficava surdo demais e distorcido. No entanto, isso não impediu Tiago de amá-lo. Tocar violão permitia-lhe encher a casa de histórias contadas por meio das cordas do instrumento. Seu avô tocava tão sinceramente no violão que o som subia silenciosamente pelo teto de barro, pairando sobre os galhos das árvores do quintal, alcançando as pessoas que se detinham nas ruas abaixo, sem que elas se perguntassem de onde vinha essa música incomum.

A música simplesmente acontecia quando Tiago dedilhava as cordas nodrosas, e então o violão antigo contava a história do vento que soprava ao redor das casas, das gotas de chuva que caiam, do rio que corria manso e silencioso sob a cerca dianteira e do abraço que a criança não conseguia dar.

Certa vez, Tiago sentiu-se constrangido porque um hóspede desconhecido da cidade que vinha de visita disse, sem maldade, que o violão emitia um tom muito baixo e que conviria comprar outro instrumento, cuja qualidade sonora fosse melhor.

O menino olhou com ar melancólico para o violão empoeirado no canto do quarto, onde os raios de luz entravam pelas janelas abertas. Havia arranhões e uma rachadura nele, e Tiago realmente o achou bastante feio. O menino deixou de tocá-lo.

Mas, aos poucos, os dias se passaram sem música, e o violão parecia estar de luto por Tiago. Certa manhã, enquanto a chuva lambuzava suavemente as janelas de papel seda, Tiago ouviu uma melodia triste e ternura vinda da rua. Virando-se, viu como o sol de primavera dançava nos vidros da casa de Dona Catarina, que ficava no fim do caminho. Ela havia se virado e estava olhando para Tiago

por cima do ombro, com um sorriso no rosto.

Por fim, Tiago mostrou dona Catarina o instrumento e falou: Tenho medo de tocá-lo. Ele é bastante velho e apresenta alguns defeitos... Dona Catarina aproximou-se do menino, sentou-se no chão à sua frente e disse: “Meu querido, a qualidade musical não depende da madeira... Este violão guarda seus sentimentos, pois foram os dedos do seu avô que o amarraram nessas cordas, e é o espírito do avô que está nessa madeira... Nada poderia criar um som melhor do que isso, porque este é o som que ressoou no coração deste menino!”

Tiago fixou os olhos no violão e, em silêncio, tocou uma nota grave e dolorosa, em memória do avô falecido. Lentamente, com muito delicadeza, tirou o instrumento do estofo empoeirado, colocou-o no colo e começou a afiná-lo. O sol de primavera aqueceu o violão, e ele ressoou uma melodia que foi se tornando mais vívida e suave. Tiago estava tocando para o avô lembrado e amado, para dona Catarina e toda a rua, e para si mesmo. O som saiu mais alto e leve do instrumento, porque, nesse momento, Tiago compreendeu que a beleza do violão não dependia de sua perfeição técnica. Assim como a beleza das almas humanas.

Dali em diante, Tiago nunca mais escondeu seu violão velho e nodoso, e sempre o tocava. Naqueles tempos, as pessoas apreciavam a música, sentiam o que ela transmitia, pois a beleza do instrumento residia no coração de quem o tocava. Assim, o menino e seu violão de madeira escura continuaram criando melodias únicas, impossíveis de reproduzir em qualquer outro instrumento, porque eram compostas não apenas pela pessoa que as tocava, mas também por sua memória e por seu amor pelos outros.



Capítulo XXX

JOVEM QUE USAVA CADEIRA DE RODAS

Karolyne Santos

Lucas era um adolescente de quinze anos que usava cadeira de rodas desde pequeno. Ele morava com sua mãe, Ana, e seu pai, Roberto, em uma cidade tranquila, onde todos se conheciam. Lucas era um garoto alegre, curioso e muito criativo. Gostava de desenhar, ouvir música, assistir a filmes e conversar com seus amigos.

Apesar de ser muito feliz, Lucas enfrentava algumas dificuldades no dia a dia. Algumas ruas de sua cidade não tinham rampas, algumas calçadas eram muito estreitas e, na escola, havia lugares onde ele não conseguia chegar sozinho. Mesmo assim, Lucas não deixava que essas dificuldades impedissem seus sonhos.

Na escola, seus melhores amigos eram Pedro, Júlia e Mateus. Eles sempre estavam juntos durante o recreio e gostavam de conversar sobre os planos para o futuro. Lucas sonhava em ser desenhista e, quem sabe, trabalhar com arquitetura para ajudar a criar espaços acessíveis para todas as pessoas.

Certo dia, a professora Helena entrou na sala e anunciou que haveria um concurso de desenhos. O tema seria “A cidade que queremos para o futuro”. Cada aluno deveria criar um desenho mostrando como imaginava uma cidade melhor.

Lucas ficou muito animado. Ele pegou seu caderno e começou a pensar no que poderia desenhar. Depois de alguns minutos, teve uma ideia: faria uma cidade onde todas as pessoas pudessem andar livremente, independentemente de suas condições físicas.

Durante vários dias, Lucas trabalhou em seu desenho. Ele desenhou calçadas largas, rampas, elevadores, ônibus acessíveis, praças adaptadas e escolas preparadas para receber todos os alunos. Também desenhou crianças brincando juntas, mostrando que ninguém deveria ser excluído por ser diferente.

Quando chegou o dia da apresentação, cada aluno mostrou seu trabalho para a turma. Quando chegou a vez de Lucas, ele foi até a frente da sala e expli-

cou sua ideia.

— Eu desenhei uma cidade onde ninguém precisa deixar de fazer alguma coisa por causa de uma barreira. Às vezes, as pessoas pensam que a maior dificuldade está na deficiência, mas muitas vezes o problema está nos lugares que não são preparados para receber todo mundo.

A sala ficou em silêncio por alguns segundos. A professora Helena sorriu e perguntou:

— E o que podemos fazer para mudar isso?

Lucas respondeu:

— Podemos começar ouvindo as pessoas e percebendo o que precisa ser melhorado. Pequenas mudanças podem fazer uma grande diferença.

Os colegas ficaram interessados no assunto. Pedro contou que nunca havia reparado que algumas calçadas eram difíceis para quem usava cadeira de rodas. Júlia disse que também queria ajudar a escola a ficar mais acessível.

Depois daquela conversa, a turma decidiu fazer um projeto. Os alunos caminharam pela escola e anotaram os lugares que precisavam de melhorias. Perceberam que algumas rampas precisavam ser construídas, que determinados espaços tinham passagem estreita e que era importante garantir que todos pudessem participar das atividades escolares.

A professora levou as sugestões dos alunos para a direção. A escola começou a estudar maneiras de melhorar a acessibilidade. Os alunos também fizeram cartazes para conscientizar as outras turmas sobre respeito, inclusão e igualdade. Algumas semanas depois, Lucas recebeu uma surpresa. A professora Helena contou que seu desenho havia sido escolhido como vencedor do concurso.

Lucas ficou muito feliz, mas disse que o mais importante não era ganhar o concurso. Para ele, o mais importante era ter conseguido fazer as pessoas refletirem sobre inclusão.

Com o passar do tempo, Lucas percebeu que sua experiência poderia ajudar outras pessoas. Ele começou a participar de projetos na escola e a conversar com outros estudantes sobre acessibilidade. Seus amigos continuaram ao seu lado, aprendendo com ele e também ensinando muitas coisas.

Certo dia, enquanto voltava para casa, Lucas passou por uma praça que antes era difícil de acessar. Agora havia uma rampa nova e um caminho adequado para cadeiras de rodas. Ele entrou na praça, olhou ao redor e sorriu.

Naquele momento, percebeu que seu sonho estava começando a se tornar realidade. Lucas sabia que ainda existiam muitas barreiras para serem enfrentadas, mas também sabia que não precisava enfrentá-las sozinho. Com respeito, união e atitudes de inclusão, as pessoas poderiam construir uma sociedade onde todos tivessem oportunidades.

A partir daquele dia, Lucas continuou desenhando. Em cada desenho, colocava um pouco de seus sonhos e daquilo que acreditava: um mundo onde as diferenças fossem respeitadas e onde nenhuma pessoa fosse impedida de seguir seus sonhos por causa de uma barreira.

POSFÁCIO

Chegar à última página de *Edupluriversência: contos de existir, resistir e re-existir – Volume III* significa retornar, inevitavelmente, aos caminhos percorridos por suas personagens. Depois de tantas histórias, não permanecem apenas conceitos como inclusão, acessibilidade, autonomia ou diversidade. Permanecem cenas. Moisés dançando mesmo quando a música deixa de tocar; Júlia diante de uma sala localizada em um andar ao qual sua cadeira de rodas não consegue chegar; Beatriz recusando-se a apenas entregar sua história quando deseja também apresentá-la; Lucas transformando a exclusão de um rally em impulso para construir outra possibilidade de participação; Benjamin aprendendo que a cegueira não diminui a luz que carrega dentro de si; Marina defendendo a autoria de uma escrita que outros insistem em colocar sob suspeita. São essas cenas que dão materialidade à Edupluriversência.

Em “O ritmo que não cabia no ouvido”, Moisés ensina que a música não termina onde a audição termina. Ele dança pelas vibrações, observa movimentos, acompanha sinais e encontra no corpo outras maneiras de perceber o ritmo. O momento em que a música para e ele continua dançando é especialmente simbólico porque inverte aquilo que inicialmente parecia ser uma desvantagem: quando o som deixa de orientar os demais, Moisés continua encontrando o ritmo. Sua experiência nos convida a perceber que incluir não é fazer com que todos sintam o mundo da mesma maneira, mas permitir que diferentes maneiras de senti-lo sejam reconhecidas.

Júlia, em “Além das barreiras!”, desloca essa discussão para o espaço físico. Seu desenho sobre “A escola que eu quero” imagina justamente um lugar onde todos possam participar, enquanto a própria escola coloca o concurso no segundo andar com o elevador quebrado. Há uma ironia significativa nessa situação: Júlia desenha uma escola acessível dentro de uma escola que ainda não consegue garantir seu acesso. Quando a atividade é transferida para outro espaço, não é Júlia que precisa mudar. É a organização que se transforma. A narrativa materializa, assim, uma ideia fundamental desta coletânea: algumas das maiores limitações atribuídas às pessoas são, na verdade, produzidas pelos ambientes.

Beatriz também encontra uma barreira criada pela forma como uma atividade foi planejada. Em “Enxergando além do que os olhos veem”, a jovem com deficiência visual utiliza leitor de tela para escrever sua história, mas descobre que a apresentação dependerá de imagens projetadas. A sugestão de que simplesmente entregue o trabalho revela uma inclusão incompleta: sua produção seria aceita, mas sua presença plena na apresentação seria dispensada. Beatriz não aceita esse lugar secundário. Quando propõe narrar sua história enquanto outra pessoa auxilia com as imagens, ela não pede que a atividade seja eliminada; encontra outra forma de realizá-la. A narrativa nos lembra que oferecer acessibilidade não significa reduzir expectativas, mas ampliar caminhos para alcançá-las.

Em “A trilha da redenção”, o desejo de Lucas de participar de um rally encontra a resistência de quem interpreta sua cadeira de rodas e seu carro adaptado como riscos suficientes para excluí-lo. O que poderia resultar apenas em desistência transforma-se em outra trajetória: ele organiza seu próprio rally e participa da adaptação de veículos. Mais tarde, quando Carlos, justamente aquele que o havia rejeitado, necessita de uma solução semelhante, Lucas decide ajudá-lo.

A redenção sugerida pelo título não está na eliminação da deficiência, mas na transformação de uma experiência de exclusão em possibilidade de criação e, posteriormente, de solidariedade.

Já em “O avesso do som”, o vôlei é percebido por Lucas de uma maneira particular. Ele não ouve o apito ou os chamados dos companheiros, mas lê movimentos, observa o tronco dos adversários, percebe vibrações no chão e constrói sinais com a equipe. No ponto decisivo, é essa leitura corporal do jogo que lhe permite antecipar a jogada. Ao tornar-se capitão e compartilhar seus métodos com os novatos, Lucas modifica também a maneira como os outros jogam. A diferença deixa de ser compreendida apenas como algo que precisa ser compensado e passa a produzir conhecimento para o coletivo.

A história de Benjamin, em “Benjamin: além da escuridão”, leva essa reflexão para o interior da família. O menino conhece o mundo por texturas, sons, cheiros, sabores e pelo Braille, mas encontra no próprio pai uma dificuldade mais dolorosa que a cegueira: a rejeição. Quando o pai posteriormente reconhece seu erro e pede desculpas, o conto desloca a necessidade de transformação para quem olha Benjamin. Não é o menino que precisa tornar-se diferente para merecer afeto; é o adulto que precisa aprender que a deficiência não diminui o valor de um filho.

Marina enfrenta outro tipo de desconfiança em “A minha própria voz”. Por ser cega e utilizar recursos tecnológicos para escrever, sua autoria é questionada. A suspeita revela um preconceito recorrente: imaginar que o uso de acessibilidade torna uma realização menos autônoma ou menos legítima. Quando Marina vence o concurso de escrita, o que se afirma não é apenas sua capacidade de produzir um bom texto, mas o direito de ser reconhecida como autora. Sua “própria voz”, anunciada desde o título, é justamente aquilo que ninguém pode escrever, falar ou decidir em seu lugar.

Em “O caminho que aprendi a andar”, Lucas, adolescente amputado que utiliza prótese, enfrenta a expectativa de que deveria mover-se como os demais ou, no extremo oposto, de que não deveria participar de determinadas atividades. Ao concluir uma caminhada no próprio ritmo, ele descobre que chegar não significa necessariamente reproduzir o percurso corporal dos outros. Seu caminho adquire sentido justamente porque é construído segundo suas condições. A reflexão que emerge da narrativa não está em celebrar uma pretensa vitória sobre a deficiência, mas em reconhecer que igualdade de participação não exige igualdade de movimentos.

Essa pluralidade sensorial ganha outra dimensão em “Meus sentidos sobre o mundo”. Pedro, adolescente autista, experimenta intensamente ruídos, alterações de rotina, aproximações inesperadas e situações que outras pessoas consideram banais. O cachorro que late, o ônibus barulhento e os olhares de julgamento tornam-se elementos importantes porque permitem ao leitor aproximar-se de uma experiência sensorial distinta. Pedro não reivindica que seu mundo seja considerado melhor ou pior; deseja que seja reconhecido como seu. Nesse deslocamento, o conto questiona a tendência de transformar uma forma predominante de sentir, comunicar e relacionar-se em medida para todas as outras.

Em “Entre o que eu era e o que ainda quero ser”, Angeline vive a progressão da ataxia de Friedreich ao mesmo tempo que preserva o desejo de tornar-se escritora. A perda dos pais, a convivência com a tia Marta e as mudanças provoca-

das pela doença tornam sua trajetória ainda mais delicada. Entretanto, o conflito ganha contornos mais graves quando Angeline descobre que os próprios medicamentos haviam sido trocados para mantê-la dependente. Nesse momento, o conto revela que nem toda forma de cuidado produz autonomia e que a proteção pode converter-se em controle quando retira do outro o direito de decidir. Ao buscar ajuda, retomar o tratamento e voltar à escrita, Angeline não retorna simplesmente à pessoa que era. Ela começa outra página, levando consigo aquilo que viveu e aquilo que ainda deseja ser.

Em “A melodia de Sandriel”, a música surge novamente como território de invenção. Sandriel, cego desde o nascimento e com limitação de movimentos na mão direita, havia encontrado no teclado adaptado uma maneira de transformar poesia em som. Quando o instrumento deixa de funcionar antes de uma apresentação, a solução não consiste em afastá-lo do palco. Com Elie, um antigo violão é reorganizado para que possa ser tocado de maneira compatível com seus movimentos. O que nasce dessa adaptação não é uma imitação incompleta da técnica convencional, mas outra possibilidade musical. Sandriel mostra que acessibilidade também pode ser criação: quando o instrumento não responde ao corpo, talvez seja o instrumento que precise aprender outro modo de existir.

A presença dos outros como rede de apoio torna-se decisiva em “Ter amigos faz diferença”. Depois do acidente que resulta na amputação de uma perna, o protagonista precisa reorganizar sua relação com o esporte e com o próprio cotidiano. A participação dos amigos, o acesso à prótese e a abertura para práticas esportivas adaptadas mostram que autonomia não significa isolamento. Há conquistas que se tornam possíveis justamente porque existem pessoas, instituições e recursos dispostos a construir condições de participação. O conto afasta, assim, a ideia de que toda conquista deva ser individual e lembra que uma sociedade inclusiva se mede também pelas redes de apoio que consegue produzir.

No primeiro “Além dos limites”, de Marcos Almeida de Carvalho, Lucas deseja participar de uma competição esportiva escolar e encontra, antes mesmo da prova, o julgamento de quem acredita que sua cadeira de rodas determina aquilo que ele pode realizar. Ao entrar na competição, enfrentar as dificuldades do percurso e chegar ao final, Lucas não precisa ocupar o primeiro lugar para legitimar sua participação. A chegada vale porque rompe uma sentença pronunciada antecipadamente por outros. Quando o colega reconhece seu preconceito e a própria escola passa a pensar melhor a acessibilidade, o percurso deixa de ser apenas individual: a participação de Lucas produz aprendizado coletivo.

As narrativas que seguem continuam ampliando o campo de experiências construído pela coletânea. “A última página” aproxima escrita, experiência e continuidade, fazendo da palavra um lugar onde a personagem pode reelaborar aquilo que vive. “Do meu jeito” já anuncia no próprio título uma recusa importante: ninguém deveria precisar abandonar sua maneira singular de existir para ser reconhecido. Na narrativa de Ana Lúcia, outras experiências somam-se a essa cartografia de vidas que não cabem em definições estreitas. Esses contos lembram que a deficiência não constitui uma experiência única e homogênea; cada pessoa a vive atravessada por sua história, seus afetos, seus medos, suas relações e seus desejos.

Em “Gael: o caminho não tem barreiras”, a imagem do caminho volta a ganhar centralidade. Gael permite pensar que nenhum percurso é constituído

somente pelas condições individuais daquele que o atravessa. Caminhos são também construções sociais. Podem aproximar ou afastar, acolher ou impedir, permitir ou negar. Quando uma pessoa encontra obstáculos continuamente, talvez seja necessário deslocar a pergunta: em vez de indagar por que ela não consegue avançar como os demais, é preciso perguntar para quem aquele caminho foi originalmente pensado.

"O dia que eu não desisti" aproxima essa reflexão da experiência concreta de um percurso difícil. Diante de obstáculos e do cansaço, continuar não significa negar a dificuldade, tampouco transformar a deficiência em espetáculo de superação. O que ganha importância é a possibilidade de decidir seguir e encontrar apoio para fazê-lo. O conto recorda que oferecer ajuda não significa retirar protagonismo. Há uma diferença profunda entre decidir pelo outro e caminhar ao lado dele quando o apoio é necessário.

Em "A porta misteriosa", o desconhecido e a descoberta introduzem outras tonalidades ao conjunto, mostrando que personagens com deficiência também podem ocupar narrativas de aventura, mistério e imaginação sem que toda a trama precise se reduzir à sua condição. Essa presença é significativa porque a inclusão literária também acontece quando a personagem com deficiência pode simplesmente viver conflitos, curiosidades e descobertas que ultrapassam o tema da deficiência.

"O lugar onde eu pertenço" traz para o centro uma palavra que atravessa silenciosamente quase todos os contos deste volume: pertencimento. Estar em determinado espaço não significa necessariamente pertencer a ele. É possível estar matriculado em uma escola e ainda ser tratado como exceção; participar de uma atividade e perceber que ela não foi pensada para você; entrar em um ambiente e sentir que sua presença exige justificativas permanentes. Pertencer significa algo mais profundo: reconhecer-se e ser reconhecido como parte legítima daquele espaço.

A mesma inquietação reaparece em "O lugar que era de todos". O título contém uma provocação que ultrapassa a narrativa: o que significa afirmar que um lugar é "de todos" quando algumas pessoas encontram barreiras para acessá-lo ou nele permanecer? O conto tensiona a distância entre a universalidade proclamada e a participação efetivamente garantida. O "todos" só se realiza quando as diferenças são consideradas desde a organização do espaço e das relações.

Em "Minha voz", a voz deve ser compreendida para além do som. Ter voz significa poder dizer, escolher, discordar, narrar a própria experiência e participar das decisões que dizem respeito à própria vida. Essa ideia dialoga com diversas personagens do volume, porque algumas falam pela escrita, outras pela Libras, pelo corpo, pela tecnologia, pela música ou pelas mãos. A coletânea mostra, assim, que silenciar alguém não é apenas impedir que fale; é também negar legitimidade às formas pelas quais essa pessoa consegue comunicar-se.

Em "Corrida de Saci", o movimento e o corpo voltam ao centro da narrativa, permitindo questionar a ideia de que correr, competir e participar correspondem necessariamente a um único padrão corporal. A presença da diferença no espaço esportivo desestabiliza expectativas e lembra que movimento não é sinônimo de uniformidade. Existem muitos modos de atravessar um percurso, e a legitimidade de cada um deles não depende de sua semelhança com aquilo que foi estabelecido como convencional.

Em “O traço da alma e as cores do mundo”, Theo transforma essa compreensão em gesto artístico. A limitação do braço direito e o uso da prótese mioelétrica interferem diretamente na maneira como segura e movimenta os instrumentos de pintura. Quando a atividade proposta não considera essa realidade, a resposta não é retirar Theo da criação, mas modificar os recursos. A adaptação do pincel ao antebraço e o uso de outras técnicas fazem com que os próprios movimentos do artista participem da linguagem estética da obra. Nesse conto, a diferença corporal não desaparece para que a arte aconteça; ela participa da arte. O corpo não precisa ser corrigido para caber na técnica. A técnica é que pode ser recriada para dialogar com o corpo.

Davi, em “O mundo que eu enquadro”, realiza um deslocamento igualmente significativo. Usuário de cadeira de rodas em decorrência da mielomeningocele, ele percebe que muitas pessoas veem primeiro sua cadeira e somente depois quem ele é. A fotografia modifica essa relação porque coloca Davi na posição daquele que enquadra. A altura de seu olhar permite registrar perspectivas que outras pessoas frequentemente ignoram, e aquilo que poderia ser tratado como desvantagem transforma-se em uma forma particular de composição visual. Ao ser reconhecido como fotógrafo, Davi não deixa de ser usuário de cadeira de rodas; apenas deixa de permitir que esse seja o único enquadramento possível de sua existência.

Em “Além do silêncio”, Lucas Monteiro enfrenta uma barreira que não está em sua capacidade de fotografar ou de defender sua produção, mas na organização de um concurso que exige apresentação oral sem oferecer intérprete de Libras. A situação evidencia como determinadas regras aparentemente neutras podem produzir exclusão quando pressupõem que todos se comunicam da mesma maneira. A presença de Mariane como intérprete possibilita aquilo que deveria ter sido previsto desde o início. Quando Lucas apresenta “O Tempo em Texturas”, conquista o primeiro lugar e recebe do público aplausos em Libras, algo importante acontece: por alguns instantes, não é ele que precisa abandonar sua língua para adaptar-se ao ambiente; é o ambiente que aprende outra forma de comunicar reconhecimento.

No segundo “Além dos limites”, de Gabriel Lavor, João atravessa uma trajetória marcada por comentários e expectativas construídas em torno de sua deficiência física. A participação em uma competição esportiva torna-se ocasião para confrontar medos e perceber as próprias conquistas sob outra perspectiva. Ao compreender que a deficiência faz parte de sua história sem resumir toda a sua identidade, João formula uma das ideias que atravessam esta coletânea: uma característica pode integrar profundamente quem somos sem possuir o direito de nos definir por inteiro.

“Márcia e Marciano: dois caminhos, uma só história” aproxima essa discussão das relações familiares. Marciano recorda as dificuldades de deslocamento até a escola, o apoio recebido e a relação com a irmã gêmea Márcia. O afeto entre os dois convive com tensões próprias da fronteira entre proteção, cuidado, dependência e autonomia. Contudo, Marciano faz questão de narrar-se para além da cadeira de rodas. Ele gosta de cantar, conversar, utilizar as redes sociais, estar com as pessoas e alimentar sonhos. Ao fazê-lo, reivindica algo simples e fundamental: ser lembrado pela complexidade de sua vida, e não reduzido à condição física que possui.

No conto “Sem título”, de Arthur de Sousa Vieira, Pedro perdeu a visão ainda criança e passou a relacionar-se com o mundo de maneira intensamente sonora, afetiva e sensorial. A música e o violão tornam-se importantes formas de expressão. Quando decide participar de uma atividade cultural da escola, entretanto, encontra obstáculos de acessibilidade. O aspecto mais significativo de sua trajetória está no fato de não aceitar a barreira como destino. Ao dialogar com a escola e reivindicar mudanças, Pedro participa da transformação do próprio espaço. A instituição, por sua vez, precisa reconhecer que aquilo que não havia percebido continuava sendo uma barreira para alguém.

Em “Além das barreiras”, de Paulo Ryan Rodrigues, Lucas sonha com a arquitetura e participa da construção de uma maquete de cidade acessível. Há uma força simbólica importante nessa escolha: um jovem que cotidianamente encontra obstáculos arquitetônicos passa a imaginar e projetar espaços nos quais outras pessoas não precisem enfrentar as mesmas barreiras. Quando explica que acessibilidade envolve calçadas, transporte, sinalização e condições de participação, Lucas amplia o significado da palavra. Acessibilidade deixa de ser resumida à rampa e passa a significar o direito de circular e participar da cidade.

“A corrida” expõe uma forma particularmente sutil de exclusão. Lucas, usuário de cadeira de rodas desde um acidente ocorrido na infância, é frequentemente dispensado das aulas de Educação Física e encaminhado para a biblioteca. O gesto do professor parece, à primeira vista, proteção; entretanto, para Lucas, representa afastamento. Ele não deseja ser protegido da experiência que os demais estudantes podem viver. Quando finalmente participa da corrida, a importância do momento não reside somente na velocidade ou no resultado. Pela primeira vez, ele experimenta o direito de estar na atividade sem que sua cadeira seja utilizada como justificativa para retirá-lo dela. O conto evidencia que a exclusão nem sempre chega acompanhada de hostilidade; às vezes, apresenta-se disfarçada de cuidado.

Gabriel, em “O som das mãos”, amplia ainda mais o horizonte comunicacional desta coletânea. Surdocego, ele utiliza a Libras tátil e outros recursos para comunicar-se e participa da construção de uma cidade acessível para a Feira de Ciências. A cena em que apresenta a maquete reúne várias das questões que atravessam o volume: linguagem, acessibilidade, direito à cidade, participação escolar e autonomia. Quando Gabriel afirma que acessibilidade não é favor, mas direito, sua declaração parece ecoar Júlia diante da escada, Beatriz diante da apresentação, Lucas diante do concurso de fotografia, Davi percorrendo a cidade e tantos outros personagens que encontraram barreiras onde deveriam encontrar possibilidades.

Por fim, “O som da esperança” conduz o leitor a um território histórico de violência, perseguição e memória. Elias Rosen, jovem judeu com deficiência visual, vivencia o avanço do nazismo e a perseguição antissemita por meio de uma percepção sensorial própria. Se seus olhos não alcançam os símbolos que ocupam as ruas, seus ouvidos percebem as mudanças nas vozes, nos passos, nos silêncios, nas botas dos soldados e nos sons que anunciam que o mundo ao seu redor está se tornando mais ameaçador. A deficiência não o coloca fora da História; ao contrário, oferece à narrativa outra maneira de testemunhá-la. Depois das perdas e da experiência do Holocausto, Elias transforma a sobrevivência em memória compartilhada. Ao contar sua história às novas gerações, mostra que esperança não significa esquecer a violência, mas lembrar para que ela não en-

contre novamente terreno no preconceito e na desumanização.

Quando colocadas lado a lado, essas narrativas revelam que a Edupluriversência não está apenas no título da coletânea. Ela acontece dentro dos contos. Está no corpo de Moisés percebendo a música pela vibração; na escola que precisa mudar de espaço para que Júlia participe; na tecnologia que permite a Beatriz e Marina escreverem e comunicarem suas ideias; no carro adaptado que devolve a Lucas a possibilidade de estar em uma pista; na leitura corporal do jogo em "O avesso do som"; no Braille e nos sentidos de Benjamin; na prótese e no ritmo próprio de quem reaprende a caminhar; na experiência sensorial de Pedro; no caderno que Angeline decide abrir novamente; no instrumento reinventado de Sandriel; nas amizades que sustentam novos começos; nos diferentes modos de competir, criar, fotografar, pintar, comunicar-se e ocupar a cidade.

É justamente essa aproximação entre as histórias que permite compreender o sentido de existir, resistir e reexistir. Existir, nesses contos, não significa simplesmente estar vivo ou estar fisicamente presente. Significa ter a própria presença reconhecida. Júlia existe plenamente quando pode participar do concurso; Beatriz, quando pode apresentar sua história; Marina, quando sua autoria não é colocada sob suspeita; Lucas, quando deixa a biblioteca e entra na corrida; Gabriel, quando sua forma de comunicação encontra interlocutores. A existência, portanto, torna-se também uma questão de pertencimento.

Resistir, por sua vez, não é transformar cada personagem em herói obrigado a vencer individualmente todos os obstáculos. A resistência presente nestas narrativas acontece quando uma barreira é questionada, quando um regulamento é confrontado, quando uma atividade é adaptada, quando um estudante recusa ser dispensado, quando alguém reivindica o direito de comunicar-se em sua língua ou quando uma pessoa não aceita que outros determinem antecipadamente aquilo que ela pode realizar. Resistir é também tornar visível aquilo que durante muito tempo foi naturalizado.

Reexistir talvez seja o movimento mais profundo desta coletânea. Angeline reexiste quando transforma a continuidade da escrita em retomada da própria autonomia. Sandriel reexiste musicalmente quando encontra outro instrumento e outra técnica. Theo reexiste artisticamente quando seu corpo deixa de ser tratado como inadequado à pintura e passa a produzir uma estética própria. Davi reexiste no enquadramento que escolhe produzir sobre o mundo e sobre si. Elias reexiste na memória que decide transmitir. Em cada caso, reexistir não significa voltar ao ponto de partida. Significa produzir uma nova possibilidade a partir daquilo que foi vivido.

Por isso, a Edupluriversência pode ser compreendida, ao final desta leitura, como um movimento educativo de reconhecimento das muitas formas de aprender, sentir, comunicar, criar, participar, existir, resistir e reexistir. Ela começa quando deixamos de perguntar como fazer diferentes sujeitos caberem em estruturas já prontas e passamos a perguntar como essas estruturas podem transformar-se diante da pluralidade humana. A pergunta deixa de ser "como adaptar a pessoa ao mundo que construímos?" e passa a ser "que mundo precisamos construir para que diferentes pessoas possam participar dele?".

Essa mudança parece pequena, mas atravessa todas as histórias deste volume. Se Júlia encontra uma escada, talvez a pergunta não deva ser por que ela não consegue subi-la, mas por que o acesso foi pensado de uma única maneira.

Se Lucas é retirado da Educação Física, talvez a questão não seja aquilo que ele supostamente não consegue fazer, mas por que a atividade não foi planejada para admitir outras formas de movimento. Se uma apresentação exige oralidade, talvez seja necessário perguntar quem foi excluído quando se decidiu que essa seria a única forma legítima de comunicar conhecimento. Se um pincel não pode ser segurado por determinada mão ou prótese, talvez não seja o artista que precise ser corrigido. Talvez seja o instrumento que precise mudar.

É nesse deslocamento que os contos deixam de ser apenas histórias sobre pessoas com deficiência e passam a ser histórias sobre todos nós. Sobre as escolas que construímos, as cidades que planejamos, as regras que naturalizamos, os corpos que tomamos como referência, as linguagens que legitimamos e as expectativas que projetamos sobre outras pessoas. As personagens desta coletânea não pedem ao leitor piedade. Elas nos convocam a rever o mundo que construímos e a perceber quantas vezes chamamos de limitação individual aquilo que foi produzido por uma barreira social, arquitetônica, comunicacional, pedagógica ou atitudinal.

Há, por isso, algo profundamente significativo no fato de essas histórias terem sido produzidas por estudantes. Ao escreverem sobre Moisés, Júlia, Beatriz, Lucas, Benjamin, Marina, Pedro, Angeline, Sandriel, Theo, Davi, Gabriel, Elias e tantas outras personagens, os jovens autores precisaram construir pontos de vista, imaginar conflitos, experimentar vozes e aproximar-se literariamente de experiências diferentes das suas. Não se trata de supor que a ficção lhes permita falar definitivamente em nome das pessoas com deficiência. Trata-se de reconhecer que a literatura pode criar um território de deslocamento, no qual o estudante é provocado a sair momentaneamente da centralidade de sua própria experiência para imaginar como o mundo pode ser percebido de outros lugares.

É também por isso que estas narrativas não devem ser lidas como textos acabados sobre deficiência ou como respostas definitivas para os desafios da inclusão. São produções estudantis, construídas no interior de uma experiência pedagógica, e carregam as marcas próprias de autores em formação. É justamente nessa condição que reside parte de sua potência. Cada conto registra um exercício de linguagem, imaginação e alteridade. Cada personagem revela uma tentativa de compreender que a experiência humana pode assumir formas muito diferentes daquela que conhecemos diretamente.

Talvez Angeline tenha nos oferecido, sem saber, uma das imagens mais adequadas para o encerramento deste volume. Algumas histórias não precisam propriamente de um final; precisam de uma nova página. A imagem do caderno que pode ser novamente aberto atravessa todas estas narrativas. A nova página de Moisés é uma escola que aprende que o ritmo também pode ser sentido. A de Júlia é uma instituição que reconhece suas barreiras arquitetônicas. A de Beatriz é o direito de apresentar aquilo que escreveu. A de Benjamin é uma relação familiar transformada pelo reconhecimento. A de Marina é a autoria que ninguém pode retirar. A de Sandriel é um instrumento que encontra outra forma de produzir música. A de Theo é uma técnica artística que se modifica diante do corpo do artista. A de Davi é um mundo que passa a enxergar primeiro o fotógrafo. A de Gabriel é uma sociedade capaz de compreender que as mãos também falam. A de Elias é a memória que continua circulando para que a violência não seja esquecida.

Assim, fechar este livro não significa encerrar as histórias que ele colocou em movimento. Significa entregá-las ao leitor. Depois da última página, Moisés continuará dançando em nossa memória quando pensarmos sobre outras formas de perceber o som. Júlia poderá reaparecer toda vez que encontrarmos uma escada e não percebermos imediatamente quem ela impede de passar. Beatriz poderá nos acompanhar quando planejarmos uma atividade baseada exclusivamente em imagens. Marina poderá nos lembrar que tecnologia assistiva não diminui autoria. Pedro poderá nos fazer perceber que aquilo que consideramos um ambiente comum pode ser sensorialmente hostil para outra pessoa. Sandriel poderá nos ensinar que adaptar também é criar. Theo poderá nos recordar que nem sempre é o corpo que precisa adequar-se à técnica. Davi poderá nos fazer rever nossos enquadramentos. Gabriel poderá nos ensinar a escutar com outros sentidos. Elias poderá lembrar-nos de que combater o preconceito também exige preservar a memória.

Quando essas personagens ultrapassam as páginas e passam a interferir na maneira como olhamos para a escola, para a cidade e para as relações humanas, a literatura realiza uma de suas possibilidades mais importantes: transforma leitura em inquietação. Não porque ofereça respostas prontas, mas porque modifica as perguntas que fazemos. Talvez, depois desses trinta e três contos, a pergunta mais necessária já não seja o que uma pessoa com deficiência consegue ou não consegue fazer. Talvez precisemos perguntar quais condições estamos oferecendo para que ela possa tentar, escolher, participar e pertencer. Talvez seja necessário substituir a curiosidade sobre os limites do outro por uma atenção mais rigorosa às barreiras que nós mesmos continuamos produzindo.

É nessa mudança de pergunta que a Edupluriversência encontra sua força. Ela não propõe apagar as diferenças em nome de uma igualdade abstrata. Ao contrário, reconhece que somos diferentes e que essas diferenças exigem outras maneiras de pensar a educação. Nenhuma forma de aprender, perceber, comunicar, sentir ou existir pode ser tomada como medida absoluta para todas as demais. Educar pluriversalmente significa construir condições para que diferentes formas de presença possam coexistir sem que uma delas precise ser considerada inferior para que outra seja reconhecida como normal.

Por isso, existir é plural. Resistir também é plural. Reexistir, ainda mais. Cada personagem deste livro realizou esses movimentos de maneira própria, porque não existe uma única forma de enfrentar uma barreira, pedir ajuda, reivindicar um direito, reconstruir um caminho ou encontrar pertencimento. É precisamente essa multiplicidade que dá sentido à palavra que nomeia a coletânea. Chegamos, então, à última página. Mas não necessariamente ao fim. Um livro dedicado às múltiplas formas de existência talvez não pudesse terminar fechando possibilidades. Sua última página precisa permanecer, de algum modo, aberta: aberta para outra leitura, outra pergunta, outra prática, outra escola, outro modo de ensinar, outra maneira de olhar.

Que, depois destas histórias, nenhuma cadeira de rodas chegue ao nosso olhar antes da pessoa que nela se desloca; que nenhum diagnóstico substitua um nome; que nenhuma deficiência apague uma história; que nenhuma forma de comunicação seja considerada silêncio apenas porque ainda não aprendemos a compreendê-la; que nenhuma diferença seja transformada antecipadamente em incapacidade; e que nenhum estudante precise deixar parte de si do lado de fora para conseguir entrar.

Se estas narrativas conseguirem acompanhar o leitor para além desta última página, Moisés continuará dançando, Júlia continuará desenhando a escola que deseja, Beatriz continuará apresentando suas histórias, Marina continuará escrevendo com a própria voz, Sandriel continuará encontrando melodias onde parecia haver impossibilidade, Theo continuará pintando com as cores de seu próprio corpo, Davi continuará escolhendo seus enquadramentos, Gabriel continuará produzindo o som das mãos e Elias continuará transformando memória em esperança.

E talvez seja justamente isso que permaneça quando o livro finalmente se fechar: a compreensão de que Edupluriversência é reconhecer que cada sujeito possui o direito de existir em sua singularidade, resistir às estruturas que tentam limitá-lo e reexistir criando outros caminhos de presença, participação e pertencimento. A última página, assim, não encerra a história. Ela apenas nos entrega a responsabilidade de escrever, coletivamente, a próxima.

Prof. Dr. Josimar Soares da Silva

Organizador

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade, 18–32, 36–47, 52–57, 60–78, 83–88

Acessibilidade arquitetônica, 21–23, 46–47, 52–65, 68–78, 87–88

Acessibilidade comunicacional, 18–20, 24–31, 48–50, 66–72, 83–84

Adaptação, 18–24, 29–33, 42–47, 56–57, 68–78, 83–88

Alteridade, 18–88

Amizade, 18–26, 32–35, 42–47, 56–65, 74–78

Amputação, 32–33, 44–45, 56–57

Aparelho auditivo, 48–50, 83–84

Ataxia de Friedreich, 36–41

Autismo, 34–35

Autonomia, 18–23, 27–47, 52–78, 83–88

Autoria, 29–31, 36–41, 48–50, 66–72

B

Barreiras arquitetônicas, 21–23, 46–47, 52–65, 68–78, 87–88

Barreiras atitudinais, 18–35, 44–57, 60–88

Barreiras comunicacionais, 18–20, 24–31, 48–50, 66–72, 83–84

Braille, 27–28

C

Cadeira de rodas, 21–23, 46–47, 52–65, 68–76, 87–88

Capacitismo, 18–88

Cegueira, 27–31, 42–43, 77–82

Cidade acessível, 63–65, 68–69, 87–88

Comunicação inclusiva, 18–20, 24–31, 48–50, 66–72, 83–84

Convivência com as diferenças, 18–88

D

Dança, 18–20, 83–84

Deficiência auditiva, 18–20, 24–26, 48–50, 70–72, 83–84

Deficiência física, 21–23, 32–33, 44–47, 52–57, 68–76, 87–88

Deficiência visual, 27–31, 42–43, 77–82

Diferença, 18–88
Diversidade, 18–88
Direito à cidade, 52–65, 68–69, 87–88
Direito à participação, 18–88
E
Educação inclusiva, 18–88
Edupluriversência, 18–88
Escola inclusiva, 18–21, 29–31, 46–57, 60–88
Escrita, 29–31, 36–41, 48–50
Esporte adaptado, 22–26, 32–33, 44–47, 56–57, 73
Estereótipos, 18–88
Exclusão, 18–35, 44–57, 60–88
F
Família, 18–20, 27–28, 34–45, 74–82
Fotografia, 68–72
Futuro e projetos de vida, 21–23, 29–41, 60–65, 68–88
H
Holocausto, 79–82
I
Identidade, 18–35, 36–50, 60–88
Inclusão, 18–88
Inclusão escolar, 18–21, 27–35, 46–57, 60–88
Instrumentos adaptados, 42–43
Intérprete de Libras, 70–72
L
Libras, 18–20, 24–26, 70–72, 83–84
Literatura e inclusão, 18–88
Literatura estudantil, 18–88
M
Memória, 42–50, 74–86
Mielomeningocele, 68–69
Mobilidade, 21–23, 32–33, 44–47, 52–65, 68–78, 87–88

Música, 18–20, 42–43, 77–78, 83–86

N

Nazismo, 79–82

P

Participação, 18–88

Pertencimento, 18–35, 44–50, 60–88

Pessoa com deficiência, 18–88

Preconceito, 18–35, 44–57, 60–88

Prótese, 32–33, 44–45, 56–57

Protagonismo, 18–88

R

Rampas e acesso, 21, 46–47, 52–65, 87–88

Recursos de acessibilidade, 18–20, 27–31, 42–43, 66–72, 83–88

Resistência, 18–88

Respeito às diferenças, 18–88

Reexistência, 18–88

Ritmos de aprendizagem e participação, 18–20, 32–35, 46–57

S

Silêncio e comunicação, 18–20, 24–31, 66–72, 79–84

Sonhos, 18–23, 29–47, 54–65, 68–88

Surdez, 18–20, 24–26, 70–72, 83–84

T

Tecnologia assistiva, 29–31, 42–43, 66–72

Transformação dos espaços, 21–23, 46–47, 52–65, 68–78, 87–88

V

Vibrações e percepção musical, 18–20, 24–26, 83–84

Violão, 42–43, 77–78, 85–86

Vôlei, 24–26

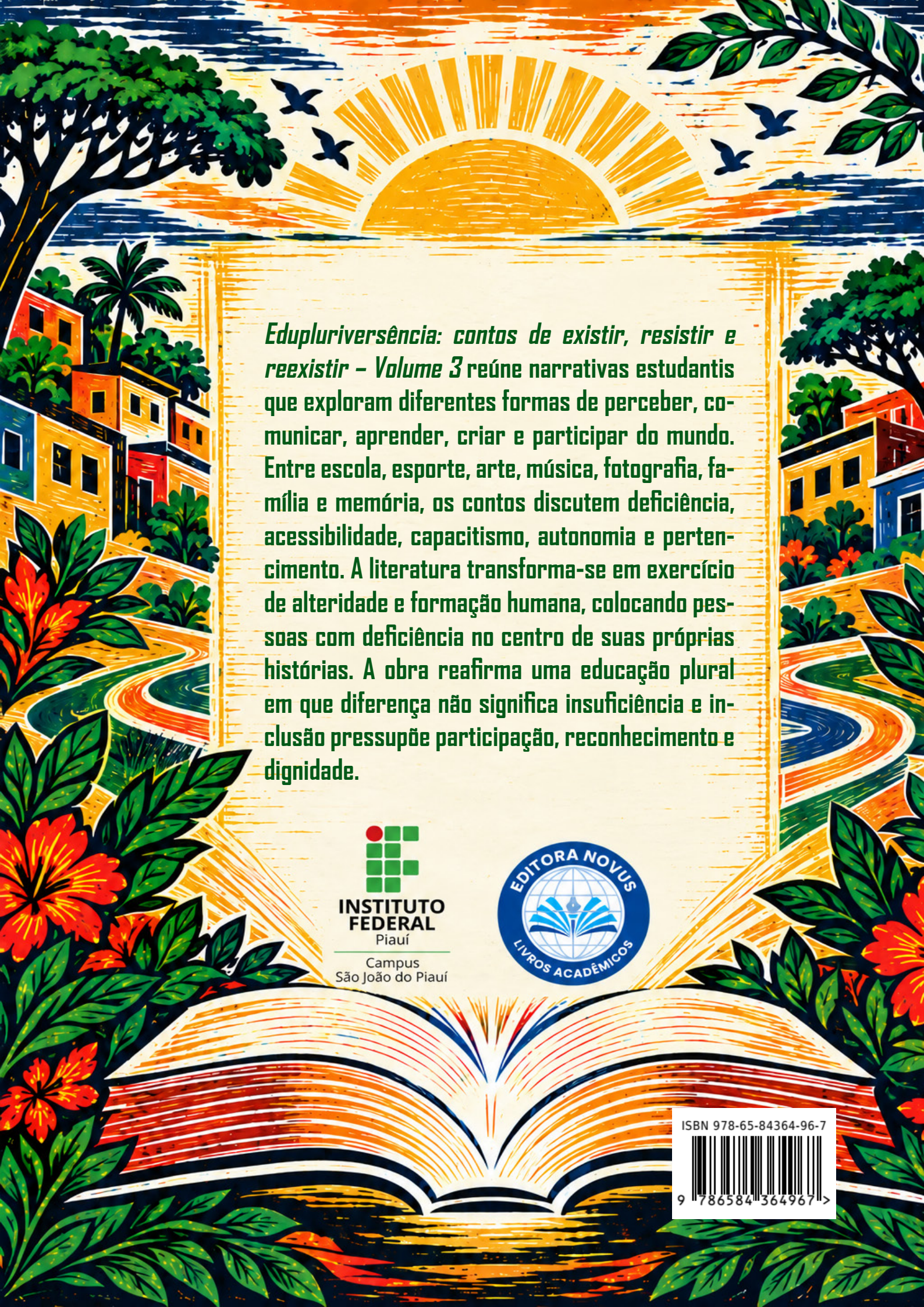
Voz e formas de comunicação, 18–20, 24–31, 48–50, 66–72, 83–84

ORGANIZADOR



JOSIMAR SOARES DA SILVA

Doutor em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Mestre em Formação de Professores da Educação Básica pela UEPB. Possui especialização em Linguística Aplicada ao Ensino do Português pelas Faculdades Integradas de Patos FIP e especializações em Língua Portuguesa e em Língua Espanhola pela Universidade Cândido Mendes. Graduado em Letras Espanhol pela Universidade Estadual da Paraíba e em Letras-Português pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. Possui formação em Magistério (Normalista) desde 2006. Atua como professor de Língua Portuguesa e coordenador pedagógico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí - *Campus* São João do Piauí. Possui experiência na área de Letras, com ênfase no ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual, bem como de Língua Espanhola, Literatura e Produção Textual. Desenvolve pesquisas nas áreas de leitura, escrita e formação de professores de Língua Portuguesa e Língua Espanhola no Ensino Fundamental (Anos Iniciais e Finais) e no Ensino Médio. Atua também nos estudos das Literaturas Africanas de Língua Espanhola, Hispano-americana e de Língua Portuguesa, com foco na Memória Ancestral, diáspora africana, mitologia dos Orixás, Afrorealismo, Relações Étnico-Raciais, Inclusão e Diversidade, Adaptação de Materiais Didáticos e Inteligência Artificial aplicada ao ensino. Seu campo de interesse contempla ainda questões identitárias e étnico-raciais, cultura popular, combate ao racismo e ao racismo religioso, Candomblé e o culto à Jurema Sagrada. Atualmente está desenvolvendo Estágio Pós-doutoral na Universidade Federal Vale do São Francisco – UNIVASF, *Campus* São Raimundo Nonato – PI pelo Pós-Graduação em Educação Inclusiva – PROFEI.



Edupluriversência: contos de existir, resistir e reexistir – Volume 3 reúne narrativas estudantis que exploram diferentes formas de perceber, comunicar, aprender, criar e participar do mundo. Entre escola, esporte, arte, música, fotografia, família e memória, os contos discutem deficiência, acessibilidade, capacitismo, autonomia e pertencimento. A literatura transforma-se em exercício de alteridade e formação humana, colocando pessoas com deficiência no centro de suas próprias histórias. A obra reafirma uma educação plural em que diferença não significa insuficiência e inclusão pressupõe participação, reconhecimento e dignidade.

INSTITUTO FEDERAL
Piauí
Campus
São João do Piauí

EDITORA NOVUS
LIVROS ACADÊMICOS

ISBN 978-65-84364-96-7